Este livro é sobre como em uma ilha – Cuba – se desenvolveu um movimento que se tornou exemplo para todo mundo. Um exemplo que certamente seria impossível sem a convicção e o esforço das famílias camponesas cubanas. Em apenas uma década, o Movimento agroecológico "De camponês para camponês", da Associação Nacional de Pequenos Agricultores, possibilitou a mais de 100 mil famílias transformar o seu sistema de produção por meio da agroecologia. Com uma metodologia própria, o movimento alcançou índices produtivos maiores que os da agricultura covencional. Além disso, seus custos são significativamente melhores, os cultivos são mais resistentes às intempéries das mudanças climáticas e não prejudicam o meio ambiente. Com a produção de alimentos saudáveis para sua população, estas famílias camponesas cubanas tem demonstrado, em mais de um aspecto, que é possível de se encontrar, na agricultura camponesa sustentável, soluções para muitos dos problemas que nos afligem atualmente.

REVOLUÇÃO AGROECOLÓGICA: O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba

REVOLUÇÃO AGROECOLÓGICA

O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba

QUANDO O CAMPONÊS VÊ, ELE ACREDITA

REVOLUÇÃO AGROECOLÓGICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M149r

Machín Sosa, Braulio...et all

Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês na ANAP em Cuba. / Braulio Machín Sosa, Adilén Maria Roque Jaime, Dana Rocio Ávila Lozano, Peter Michael Rosset, tradução Ana Corbisier--1.ed. —São Paulo : Outras Expressões, 2012.
152p. : il. fots.

Indexado em GeoDados - http://www.geodados.uem.br.
ISBN 978-85-64421-20-2

1. Agroecologia - Cuba. 2. Agricultura sustentável. 3. Agricultura industrial. 4. Movimento camponês - Cuba. 5. ANAP – Asociación Nacional de Agricultores Pequeños – Cuba. I. Machín Sosa, Braulio. II. Roque Jaime, Adilén María. III. Ávila Lozano, Dana Rocio. IV. Rosset, Peter Michael. V. Corbisier, Ana, trad. VI. Título.

CDD 631.91
CDU 631:577.4

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Braulio Machín Sosa, Adilén María Roque Jaime,
Dana Rocío Ávila Lozano, Peter Michael Rosset

REVOLUÇÃO AGROECOLÓGICA

O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba

1ª edição
Outras Expressões
São Paulo 2012

ANAP
Asociación Nacional de Agricultores Pequeños
Calle 1, No. 206, entre Línea y 13, Vedado
Ciudad de La Habana, Cuba
Tel: +53 783 245 4145
rinter@anap.org.cu
www.campesinocubanoanap.cu

La Vía Campesina
Región Norte América
Medellín 311, interior 101, Col. Roma
Sur
México, DF. C. P. 06760
Tel: +52-55-5584-3471
enlace@viacampesinanorteamerica.org
www.viacampesinanorteamerica.org

AUTORES
Braulio Machín Sosa: Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP-Cuba).

Adilén María Roque Jaime: Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP-Cuba).

Dana Rocío Ávila Lozano: Instituto Universitario Latinoamericano de Agroecología "Paulo Freire" (IALA-Venezuela), Movimiento Sin Tierra (MST-Brasil), La Vía Campesina.

Peter Michael Rosset: Comisión de Agricultura Campesina Sostenible, La Vía Campesina Internacional.

CUANDO EL CAMPESINO VE, HACE FE
Revolución agroecológica: el Movimiento de Campesino a Campesino de la ANAP en Cuba

Primera edição: Cuba, 2010.
Segunda edição: México, 2011.
Primeira edição em língua portuguesa: Brasil, 2011.

Créditos desta edição
Coordenação editorial: Peter Michael Rosset.
Tradução: Ana Corbisier
Revisão: Ceres Hadich e Marina Tavares
Projeto gráfico: *Carrete*, servicios editoriales (carretediciones@gmail.com).
Capa e diagramação: Krits Estúdio
Fotos: Autores/as, ANAP, Programa Conjunto de Oxfam Internacional em Cuba.

A pesquisa e a redação deste livro foram financiadas pelo programa conjunto de Oxfam Internacional em Cuba. A tradução à lingua portuguesa foram financiadas pelo governo do país Basco por meio do Programa FOCAD. É autorizado o uso e a reprodução deste livros com fins não comerciais, desde que citando a fonte. Com o intuito de avaliar o impacto desta publicação, agradecemos o contato através do correio: oxcan@enet.cu.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao feliz término deste trabalho de sistematização, os autores desejam expressar seu agradecimento àqueles que o viabilizaram.

Em primeiro lugar, à Revolução Cubana, por dignificar a vida do homem e da mulher do campo: lhes entregou terras e recursos necessários para produzir, alfabetizou-os, deu-lhes assistência médica e tem melhorado, dia a dia, ao longo de 50 anos, suas condições de vida em todas as zonas rurais. Tudo isso facilitou, para estes camponeses e camponesas, desenvolvam uma agricultura ecológica e contribuam de forma significativa para a soberania alimentar do povo cubano.

À ANAP, organização que agrupa camponesas e camponeses cubanos e que, por meio de sua estrutura, tem contribuído para implementar a metodologia de Camponês a Camponês. Queremos fazer um agradecimento especial a seu presidente, Orlando Lugo Fonte, que desde o início confiou nas potencialidades da agricultura ecológica, considerando-a uma estratégia essencial para defender a Revolução, e a transformou em Movimento. Agradecimentos lhe são devidos por facilitar e atribuir um papel significativo a este processo de sistematização, útil sem dúvida para o futuro do Movimento Agroecológico na associação que dirige. Agradecemos especialmente a dois colaboradores-chave dentro da ANAP: Debora Lao Calaña, coordenadora nacional do Movimento Agroecológico, e Mario La O Sosa, diretor de Relações Internacionais.

A ONG "Pão para o Mundo" (PPM) e o Comitê Católico Contra a Fome e pelo Desenvolvimento (CCFD, na sigla em francês), que contribuiram com o financiamento do projeto inicial de Promoção Agroecológica de Camponês a Camponês.

Agradecimentos também à Oxfam, que além de colaborar financeiramente com o Movimento, tem facilitado este processo de sistematização, mantendo sua atenção permanentemente voltada para o desenrolar dos estudos e a formatação do documento final. Aos coordenadores e coordenadoras, facilitadores e facilitadoras, promotores e promotoras, os quais em cada oficina realizada, participaram com modéstia e simplicidade, expressando suas opiniões e relatando suas experiências sobre a agroecologia e a metodologia de promoção do CAC, o que valorizou significativamente este documento. A todos os camponeses e camponesas que permitiram visitas e intercâmbios em seus estabelecimentos e, com a humildade que os caracteriza, compartilharam suas interessantes experiências e conhecimentos sobre agroecologia.

À Comissão de Agricultura Camponesa Sustentável da Via Campesina Internacional (LVC), e a todas as famílias camponesas e indígenas do mundo, base das organizações camponesas membros da LVC. Esperamos que a experiência cubana possa servir de exemplo inspirador e de fonte de ideias, em sua luta por apropriar-se de seus sistemas produtivos e, ao mesmo tempo, transformá-los, em prol da Mãe Terra e da soberania, inicialmente muito diferentes. A todas e todos que tornaram possível esta sistematização, uma gratidão infinita, porque esta tem sido sem dúvida uma das tarefas mais belas que a equipe de trabalho tem enfrentado.

Globalizemos a Luta! Globalizemos a Esperança!
(Palavra de ordem da Via Campesina)

Muito obrigado,

Braulio Machín Sosa, ANAP
Adilén María Roque Jaime, ANAP
Dana Rocío Ávila Lozano, MST-Brasil e IALA-Venezuela
Peter Michael Rosset, LVC Internacional

UNIDOS, SEGUIREMOS ADIANTE

Prólogo da ANAP

Considero o presente trabalho de sistematização das experiências surgidas durante a implementação da agroecologia e da agricultura sustentável nas economias camponesas e cooperativas cubanas, como uma oportunidade e, ao mesmo tempo, um momento necessário de reflexão e aprendizado.

Penso que os avanços que conseguimos são eloquentes por si mesmos. No entanto, estamos conscientes de que apenas iniciamos o caminho no importante propósito de fazer com que a agricultura cubana seja cada dia mais sustentável, a fim de garantir a segurança alimentar do povo e reafirmar a soberania na mais indispensável das necessidades humanas: a alimentação.

Quando começamos a trabalhar, guiados por este nobre propósito, só sabíamos que nossas necessidades eram muitas e os obstáculos, incontáveis. Buscávamos alternativas e estávamos nos anos difíceis da década de 90 do século passado, carregados das turbulências e ameaças econômicas, políticas e ambientais, que para Cuba eram ainda mais brutais por ocorrerem submetidas ao recrudescimento do bloqueio estadunidense, que hoje já se aproxima dos 50 anos de amarga existência.

Tais circunstâncias impuseram aos camponeses cubanos, como a todo o povo, uma dura prova: resistir para conservar as conquistas alcançadas pela Revolução e seguir adiante com ela.

Em minha experiência, algo está muito claro, a ponto de ser praticamente uma convicção. Para além das dificuldades, a nós cubanos nos tem fortalecido

a decisão de vencer tendo como principal arma a férrea unidade do povo e de suas instituições em torno da Revolução, assim como a solidariedade e o reconhecimento de nosso esforço por parte de pessoas e organizações amantes do progresso e da justiça. Durante os anos mais difíceis do Período Especial, incontáveis e criativas foram as soluções encontradas por nossos camponeses e pesquisadores de ciências agrícolas.

Havia um objetivo e uma prioridade: recuperar nossos sistemas agrícolas e produzir o necessário para alimentar-nos.

No entanto, necessitávamos de conceitos integradores e modeladores das mudanças que já se mostravam imprescindíveis e os encontramos na agroecologia. Por sua vez, precisávamos reforçar e adequar os métodos de trabalho, para acelerar os processos de inovação camponesa e a transmissão das melhores experiências, com mais compromisso social. Para tanto, muito contribuiu a metodologia de Camponês a Camponês.

Compreendemos a importância destes fatores e percebemos a grande receptividade que aquela metodologia tinha junto a nossos camponeses, razão pela qual nos propusemos a integrá-los e a desenvolver com eles um movimento nacional de produtores agroecológicos. Isso implicou novos desafios: seu alcance nacional, o âmbito da convocação e a mobilização das massas camponesas. No entanto, graças ao conteúdo e ao prolongamento no espaço e no tempo da meta a que nos propúnhamos, abriu-se a possibilidade de inserir nosso trabalho em importantes programas implantados no país, assim como de articular nossas ações às de outras instituições interessadas no assunto.

Depois de pouco mais de onze anos de trabalho, os resultados são tangíveis e animadores. Mais de 100 mil famílias envolvidas, milhares de hectares protegidos por medidas de conservação e a produção de adubos orgânicos que se transformou em prática comum e massiva entre nossos camponeses: por exemplo, em todas as cooperativas do país já se produz o húmus de minhoca. Um processo constante de diversificação, empreendido desde os anos difíceis do Período Especial, continua a consolidar-se, à medida que se integra o conhecimento científico ao resgate e valorização das práticas da agricultura tradicional.

Consideramos que nosso avanço foi rápido e, sobretudo, sólido. Temos a convicção de que para isso tem existido um principal fator condicionante: a Revolução, que nos deu e garantiu a propriedade da terra, que nos desenvolveu escolar, técnica e socialmente; que nos inculcou os valores do coletivismo, a cooperação e a solidariedade. Mas que, principalmente, dignificou o homem e a

mulher do campo e os fez donos e responsáveis de muito mais do que de seu lote. Tornou-os mulheres e homens conscientes de sua responsabilidade: a alimentação do povo e a proteção do meio ambiente, para que as futuras gerações de cubanos também possam comer e ter um campo limpo e saudável para viver.

Acredito que o Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC) enfrenta hoje maiores desafios e está em condições de alcançar objetivos muito mais ambiciosos. Aponto apenas três: envolver todas as famílias camponesas e cooperativas; assimilar conteúdos qualitativamente superiores que permitam ao Movimento ser a plataforma do desenvolvimento científico e técnico requerido pela sustentabilidade da agricultura cubana; e, por último, aumentar as produções agropecuárias, com o objetivo de alcançar a segurança e reafirmar a soberania alimentar, em plena harmonia com a natureza.

Fundado no espírito solidário que caracteriza o povo cubano e transformado nosso agradecimento em dever fraterno, satisfaz-me profundamente que os resultados expostos neste livro – tanto os positivos como as dificuldades e deficiências que fomos vencendo e as que ainda persistem– possam servir a outras organizações e pessoas interessadas na ação mais urgente e humana que podemos realizar no início deste século: acabar com a fome e proteger o meio ambiente.

Reitero nosso agradecimento a todos os que tornaram possível estes resultados. Faço isso baseado no compromisso revolucionário de não frustrar a esperança que possa inspirar o que aqui está exposto. Unidos, todas e todos, seguiremos adiante.

Orlando Lugo Fonte
Presidente da ANAP
Cuba
Em Manati, Las Tunas.

GLOBALIZEMOS A LUTA, A ESPERANÇA E O CONHECIMENTO CAMPONÊS

Prólogo da Via Campesina

Este livro chega em um momento mais do que importante, necessário na luta do campesinato mundial e na de todos aqueles que se empenham por uma soberania alimentar e pela defesa de nossos recursos naturais.

Estamos assistindo às graves consequências do modelo capitalista de produção no campo. A FAO acaba de anunciar que pela primeira vez na história da humanidade chegamos a um bilhão de pessoas que passam fome todos os dias. As agressões contra a natureza têm gerado mudanças climáticas que afetam não apenas aqueles que vivem no campo, como também quem vive nas cidades, em todos os continentes.

A água, por exemplo, transformou-se em uma mercadoria que os capitalistas utilizam para obter lucros. Hoje, a Coca-Cola ganha mais dinheiro vendendo água do que refrigerantes: o litro de água potável é ainda mais caro que o de gasolina. Isso nos diz que a vida em nosso planeta corre graves riscos, sobretudo para os seres humanos, caso não sejam tomadas medidas urgentes. Não se trata de paranoia, nem de loucura de ambientalistas. Todos os dias temos provas e comprovações das nefastas consequências deste modelo de produção (e de consumo).

Tudo isso acontece porque – como descrevem nossos autores na introdução – depois que o neoliberalismo globalizou a forma capitalista de exploração na agricultura, dois modelos de produção agropecuária estão em disputa em todo o mundo.

De um lado, temos o modelo do agronegocio (*agrobusiness*): o domínio do capital sobre a produção dos bens da natureza. Isto é, a produção organizada de acordo com o critério do lucro máximo. Para consegui-lo, seus partidários

buscam aumentar cada dia a escala de produção, tornando a área de monocultura cada vez maior. E, para viabilizar este projeto, necessitam de máquinas, assim como de grande quantidade de agrotóxicos.

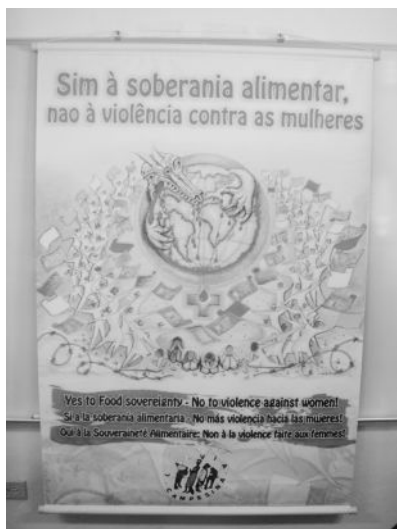
O Brasil, por exemplo, transformou-se no maior consumidor mundial de agroquímicos, aplicando 713 milhões de litros por ano. Isto significa 3 mil litros de agrotóxicos por pessoa e 6 mil litros por hectare cultivado. Este modelo de produção agride o meio ambiente, é insustentável e desloca a mão de obra; portanto, é antissocial. Além do mais, só produz alimentos contaminados. Ou, pior ainda, não produz alimentos: produz *commodities*, produz mercadorias, produz dólares. Sua prioridade, como se vê, não é gerar alimentos para as pessoas.

Do outro lado, temos a proposta de uma agricultura familiar e camponesa, que vem se desenvolvendo ao longo da história humana. Este modelo de agricultura baseia-se na diversificação de culturas, na não utilização de agroquímicos e na harmonia entre todos os seres vivos da natureza.

Este modelo de agricultura é, também, o único que pode produzir alimentos sadios e viabilizar uma política de soberania alimentar, onde cada povo possa e deva produzir seus próprios alimentos. Como nos advertia José Martí: "um povo que não consegue produzir seus próprios alimentos é um povo escravo". Estava certo, porque este povo sempre dependerá de outros para sua sobrevivência.

Para poder desenvolver-se e sobreviver frente à hegemonia do capital nossa agricultura camponesa enfrenta grandes desafios em todo o mundo. Primeiro, precisamos ser capazes de produzir alimentos sadios para toda a população, sem utilizar agrotóxicos: um desafio impressionante, sem dúvida. E, para ser sustentáveis ambientalmente, precisamos desenvolver técnicas agrícolas de produção que aumentem a produtividade do trabalho e a produtividade física das áreas cultivadas, sem agressões ao meio ambiente.

Por último, precisamos desenvolver sistemas de produção que garantam o aumento da renda dos camponeses e trabalhadores do campo, para que tenham uma vida melhor e para gerar alternativas de trabalho não agrícola, no campo, para nossa juventude. Isto é, que nossos sistemas de produção estejam articulados com cooperativas, agroindústrias locais e processos educativos, que gerem novas formas de trabalho – por meio do conhecimento científico – para a juventude.

Os desafios são grandes e as respostas virão a longo prazo, mas dessas respostas dependerá o futuro da humanidade. Para enfrentar tais desafios, o movimento camponês mundial deve buscar as respostas na sabedoria popular, organizando os conhecimentos que a humanidade tem acumulado ao longo dos séculos, para

usá-los em cada bioma, em cada sistema da natureza onde os povos vivem. Isto é, precisa recorrer à ciência, pois os conhecimentos científicos não são senão a sistematização de conhecimentos sobre a realidade da natureza. Ao mesmo tempo, necessita de uma organização popular, dos camponeses, com unidade de propósitos e persistência em seus objetivos.

Graças a toda sua história revolucionária, que vem desde o século 19, o campesinato cubano acumulou muitíssimas experiências. Além de ter passado pela Revolução Verde, manteve viva sua Revolução popular e leva já 50 anos de resistência contra todas as agressões do imperialismo. Por isso, é hoje o setor camponês mais preparado, ideológica e cientificamente, para ajudar todos os camponeses e camponesas do mundo a enfrentar os desafios impostos pelo capital.

Daí, o importantíssimo significado deste livro, como síntese da experiência camponesa cubana e sistematização dessa vanguarda, que podem ser utilizadas e apropriadas pelas organizações camponesas de todo o mundo.

Felicito os autores por este gigantesco esforço de sistematização, que os transforma em verdadeiros intelectuais orgânicos dos camponeses cubanos. Com este trabalho, contribuem também para uma elaboração teórica coletiva, uma forma de recuperar a riqueza da experiência histórica de um povo.

Saúdo também, com um afetuoso abraço, todos os camponeses e camponesas de Cuba, que vêm resistindo por tanto tempo e agora, com humildade, oferecem-nos suas experiências, para que em todos os países do mundo, mantendo nossas especificidades no que se refere aos biomas naturais e características sociais, os movimentos camponeses possamos aproveitar sua experiência, para gerar novas soluções e novas sínteses, nesta luta permanente contra o domínio do capital sobre os alimentos e a natureza.

Muito obrigado,

João Pedro Stedile.
Membro da Coordenação Nacional da Via Campesina-Brasil e do
Movimento Sem Terra (MST).

COMPARTILHAR COM O MUNDO A EXPERIÊNCIA ADQUIRIDA

Prólogo da Oxfam

A Oxfam tem estado presente em Cuba há mais de 15 anos e considera que uma das principais razões de seu trabalho na ilha é conhecer de perto experiências valiosas, visando contribuir para sistematizá-las e divulgá-las, tanto em Cuba como no mundo. Estamos convencidos de que para muitos países e organizações, a experiência cubana em temas de agroecologia, agricultura urbana, prevenção e assistência em caso de desastres naturais, promoção dos direitos das mulheres, atenção ao HIV-Aids etc., pode ser um valioso instrumento em suas práticas e políticas, sem dúvida de acordo com as circunstâncias concretas de cada contexto.

O grupo multidisciplinar de autores/as que sistematizou a experiência cubana apresentada neste livro vai desde o técnico experimentado da ANAP na província central de Sancti Spíritus, Braulio Machín, a professoras com os pés tão na terra como Adilén Roque, do Centro Nacional de Capacitação da ANAP, Dana Rocío Ávila, do Instituto Universitário Latino-americano de Agroecologia (IALA) – onde trabalha, representando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, do Brasil –, até Peter Rosset, conhecido militante e pesquisador do tema.

Isto é, a visão global encontra-se aqui com a experiência local, e a prática com o ensino. Este livro mostra isso mesmo, mas, também, a inspiração que os/as autores/as receberam em suas numerosas entrevistas e encontros com famílias camponesas agroecológicas, líderes locais, ativistas e quadros tomadores de decisões, que são os/as verdadeiros/as protagonistas deste trabalho e a quem devemos, por isso, nosso mais profundo agradecimento.

Este livro tem, também, o difícil desafio de satisfazer um amplo público, que vai desde a mulher camponesa agroecológica em Cuba, até o/a dirigente de uma organização camponesa ou político/a interessado/a em qualquer país do Sul ou do Norte. Em nossa opinião, este público será alcançado porque os

testemunhos e elogios foram complementados com a formulação de desafios e a análise crítica do passado.

E ainda, no processo de sistematização realizado neste trabalho, chegamos a confirmar a importância da experiência agroecológica cubana baseada no método de Camponês a Camponês, pois esta experiência de massas envolveu muito mais do que as 110 mil famílias participantes do Movimento Agroecológico que o viabilizaram.

Por outra parte, ao vincular a prática à política, o livro ilustra também o antagonismo entre um modelo agroecológico de convivência respeitosa com o entorno e baseado na roça familiar, e a nefasta lógica da Revolução Verde que – assombrosamente – superou até barreiras ideológicas e continua brilhando, recebendo volumosos subsídios públicos de muitos lugares, atrás de lucros a curto prazo para uns poucos, a um custo demasiado alto, pago pela própria base de nossa sobrevivência: os solos, a água e a biodiversidade. Os/as autores/as assumiram a tarefa de explicar as particularidades do contexto e da experiência cubana.

Mas não apenas isso. Evidenciaram também que aqui – como se diz – há para todos/as, e que quase qualquer contexto presta-se para avançar na opção agroecológica, que exige mínimos insumos externos e, ao mesmo tempo, muito esforço, criatividade e vontade pessoal e política.

Vale destacar também a descrição que fazem os autores de como o Movimento Agroecológico obteve mudanças de atitude e de visão entre o campesinato cubano, em um curto espaço de tempo. Para dar um exemplo: há 20 anos o húmus de minhoca não passava de uma experiência piloto nos institutos de pesquisa cubanos; e hoje, ao contrário, é prática cotidiana apreciada em todo o país; é política nacional, graças ao convencimento obtido entre os/as produtores/as e tomadores de decisões. O que confirma que estes processos, embora não sejam fáceis, são perfeitamente possíveis.

Como organização internacional de cooperação, a Oxfam agradece a oportunidade de ter podido acompanhar este processo e o Movimento Agroecológico de muitas e diferentes maneiras. E, por isso, esperamos que esta publicação contribua para o fortalecimento da agroecologia por meio do método de Camponês a Camponês, em Cuba e em muitos outros países, como instrumento na luta por um planeta mais justo e com melhor qualidade de vida para todos/as, uma luta que compartilhamos com organizações como a ANAP e a Via Campesina.

Beat Schmid.
Coordenador da Oxfam-Cuba.

RESUMO EXECUTIVO

Revolução Agroecológica:
O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba
Quando o camponês vê, ele acredita

Este livro sistematiza pouco mais de dez anos de experiência em Cuba do Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), da Associação Nacional de Agricultores Pequenos (ANAP), membro da Via Campesina Internacional.

O MACAC é um movimento de massas promovido pela ANAP entre suas bases camponesas para transformar seus sistemas de produção por meio da agroecologia. Desta maneira, o setor camponês está obtendo índices produtivos cada vez mais altos com menores custos, sobretudo em divisas. Também está contribuindo cada vez mais para a produção nacional total de alimentos e está resistindo melhor tanto aos embates das mudanças climáticas (furacões, por exemplo), como ao bloqueio econômico estadunidense contra a ilha.

História do agro cubano: Colônia, Revolução, Período Especial

Para melhor compreensão, antes de entrar profundamente no tema principal, retoma-se no livro a história da agricultura em Cuba desde a Colônia (capítulo 1), passando pelas diferentes etapas da Revolução: os anos de auge da Revolução Verde, o colapso das relações com o bloco socialista e a crise decorrente, chamada Período Especial, até chegar ao presente.

Com o colapso do bloco socialista na Europa e o quase desaparecimento das relações comerciais internacionais de Cuba, evidenciaram-se os problemas – antes ocultos – do modelo convencional de produção agropecuária, sobretudo por sua alta dependência de insumos provenientes do exterior.

No que se refere à agricultura, as medidas tomadas no Período Especial – tanto por parte do governo como das famílias camponesas, da ANAP e dos cientistas nacionais – consistiram no resgate das práticas tradicionais com baixo uso de insumos externos, assim como na implementação de métodos mais ecológicos desenvolvidos por pesquisadores cubanos (capítulo 2).

Embora naquele momento não tenha havido uma verdadeira transformação agroecológica, o país conseguiu sobreviver graças à volta das pessoas para

o campo, às práticas de tração animal, aos meios biológicos de controle de pragas e às medidas parciais conhecidas como substituição de insumos.

Também foram importantes as mudanças com relação à posse da terra e às novas formas de organização produtiva que surgiram. No final do período, à vista de vários de seus resultados, ficou claro para a ANAP que era necessário obter produções ainda mais agroecológicas (com maior diversificação e integração), mas que faltava uma metodologia social para alcançá-las. Isto é, havia muitas técnicas agroecológicas, mas faltava um processo para socializá-las e fazê-las adotar pela massa de famílias camponesas.

E foi assim que naquele momento criaram-se as condições para a vinda do método de Camponês a Camponês (CAC) da América Central para Cuba, na fase posterior ao Período Especial (capítulo 3).

O CAC é uma metodologia dinamizadora, que situa o camponês e sua família como protagonistas de seu próprio destino; em contraste com o extensionismo clássico – estático e desmobilizador da base camponesa –, baseado no técnico como transmissor do conhecimento. O novo método vindo da América Central desencadeou a criatividade das pessoas do campo para solucionar seus próprios problemas, que são também os problemas de toda a sociedade cubana.

A transformação do Camponês a Camponês em Movimento Agroecológico

A situação de crise em Cuba não permitia o luxo de avançar pausadamente na implantação do método de Camponês a Camponês. A ANAP compreendeu isso e em 2001 decidiu reduzir a dependência do financiamento externo e dos técnicos, e soltou as rédeas do CAC, transformando-o em Movimento entre as bases camponesas da organização. Esta decisão marcou o ponto de inflexão, pois a partir dali o CAC estendeu-se rapidamente para cada canto da ilha. Esta foi a maior diferença entre a experiência de Cuba– onde cresceu muito mais e com maior velocidade – e a experiência da América Central com o CAC (Capítulo 4).

Além disso, foram cruciais as vantagens que oferecia a ANAP como geradora de um movimento de massas; entre elas, o alto grau de organicidade de suas bases e o grande número de quadros com alto nível ideológico de que dispunha.

Quando o Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês foi assumido como tarefa orgânica de toda a organização – financiado em grande parte com recursos próprios, além de algumas contribuições de agências internacionais, como Oxfam, Pão para o Mundo e Comitê Católico contra a Fome –,

toda essa estrutura pôs-se a trabalhar com um mesmo objetivo: desenvolver e implementar entre o campesinato uma visão agroecológica, o que levou a cabo com bastante êxito: desde 1997 até hoje, incorporaram-se ao Movimento mais de 100 mil famílias, como se observa na Figura 1. Isso representa mais de um terço das famílias camponesas cubanas. Em apenas pouco mais de uma década de trabalho.

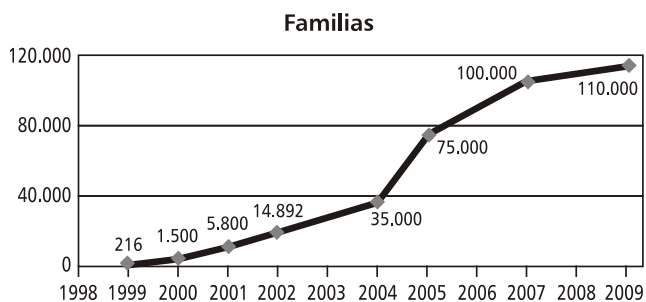



Figura 1. Crescimento do número de famílias camponesas no MACAC.
Fonte: datos das cooperativas.

O MACAC baseia-se na transmissão horizontal e na construção coletiva de conhecimentos, práticas e métodos. Ou seja, busca incorporar tradição e inovação camponesas para somá-las aos resultados da pesquisa científica em agroecologia. Este processo tem se mostrado eficaz para a rápida geração, socialização e adoção de práticas agroecológicas e também para obter uma maior integração agroecológica nas unidades de produção (capítulo 5).

O que acaba de ser dito é um fator importante, pois quanto maior o nível de integração agroecológica de um estabelecimento agrícola camponês, maiores serão seus níveis de produtividade, tanto por unidade de área como por quantidade de trabalho investido.

Na Figura 2, como exemplo, apresentam-se tais níveis de produtividade

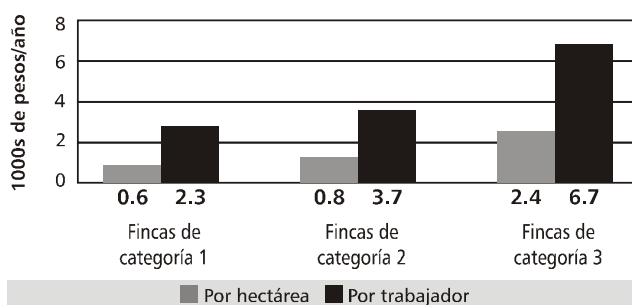



Figura 2. Valores de produção vendida e faturada em 2008 – por hectare e por trabalhador – de uma amostra de 33 estabelecimentos com diferentes graus de transformação agroecológica. Note-se que estes valores são adicionais a toda a produção para autoconsumo da família e da cooperativa. Os estabelecimentos pertencem a diferentes CCS dos municípios de Fomento, Cabaiguan, Trinidad, Sancti Spíritus e Taguasco, na província de Sancti Spíritus e estão classificados de acordo com seu grau de integração agroecológica, em uma escala de 1 (menor) a 3 (maior). *Fonte: datos das cooperativas.*

em estabelecimentos agrícolas camponeses classificados em uma escala de 1 (menor grau de integração agroecológica) a 3 (maior grau de integração agroecológica).

Incrementos produtivos

O rápido crescimento do MACAC no setor camponês é parte da razão pela qual este setor foi incrementando sua contribuição absoluta e relativa para a produção total nacional de alimentos, como se vê na Figura 3.

Na Figura 4, observa-se também a queda da produção em 1994, ano crítico do Período Especial, como resultado da brusca redução dos insumos exigidos pela agricultura convencional. É ainda evidente a forte recuperação produtiva obtida pelo setor camponês naquela data, devido à consolidação da agroecologia. Isso apesar de uma drástica redução do uso de agroquímicos em comparação com as doses aplicadas em 1988, ano de pleno auge da Revolução Verde. As cifras são eloquentes, por exemplo, com relação à cana-de-açúcar (cultura que em Cuba quase toda se mantém de acordo com os princípios da Revolução Verde): a tendência ali é contrária e seus rendimentos reduziram-se cada vez mais.

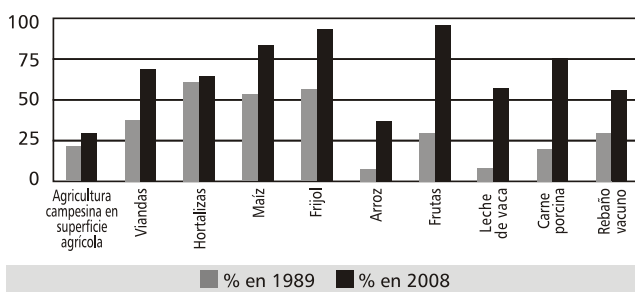



Figura 3. Contribuição percentual da agricultura camponesa à produção nacional total em diversas linhas, e proporção da superfície agrícola nacional com agricultura camponesa em 1989 e em 2008. *Fonte: datos das cooperativas.*

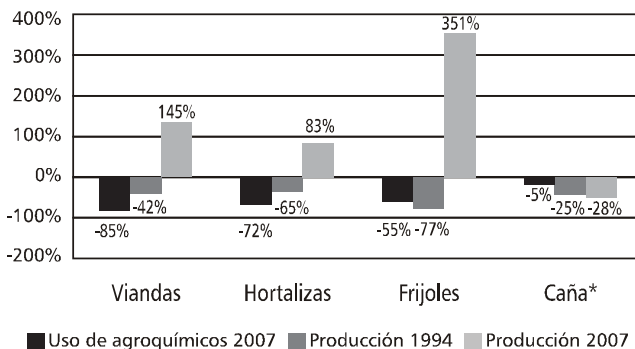



Figura 4. Dinâmica no uso de agroquímicos (comparado com 1988); assim como na produção de alguns alimentos e no rendimento da cana, em 1994 e em 2007. No caso da cana trata-se de rendimento, não de produção. *Fonte: datos das cooperativas.*

Fatores de consolidação

O período de 2004 a 2009 foi de auge e consolidação do MACAC, o que se deveu a diversos fatores (capítulo 5). Entre eles, os mais importantes foram sua transformação em movimento de massas e a constante formação de quadros; somam-se as inovações metodológicas introduzidas pelo campesinato cubano, como o método Banes, que é uma forma rápida de conhecimento das práticas utilizadas e de identificação de possíveis promotores, assim como de direção e coordenação dos intercâmbios e das capacitações de maneira eficiente; e da emulação, com base na classificação de estabelecimentos agrícolas camponeses por seu nível de integração agroecológica (trata-se da classificação mencionada acima, na Figura 2; no capítulo 5 há mais explicações sobre esta classificação). Neste sentido, avalia-se também o lento, mas real avanço das Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA) dentro do MACAC, em relação ao predomínio – até agora – das Cooperativas de Crédito e Serviços (CCS).

A maior resiliência biológica e humana dos sistemas agroecológicos aos embates das mudanças climáticas é, sem dúvida, outro fator importante. A resiliência é definida como a capacidade de um agroecossistema de manter a produtividade quando sujeito a uma força perturbadora.

A situação geográfica de Cuba torna-a suscetível à queda de sua produção agrícola devido aos constantes fenômenos naturais a que está exposta. Por isso, a resiliência é um fator particularmente importante para a ilha. Os camponeses e camponesas cubanas já puderam comprovar as vantagens da agroecologia frente aos furacões: os estabelecimentos agrícolas com maior grau de integração agroecológica são os que têm sofrido menos em consequência desses fenômenos. O que se explica, entre outras variáveis, por que os sistemas agroecológicos sofrem menos erosão e deslizamentos, devido à maior utilização de práticas de conservação de solos (plantio em curvas de nível, controle de erosões e voçorocas, maior cobertura vegetal do solo etc.). Como consequência das múltiplas camadas de vegetação, há também menores perdas de colheita (capítulo 5).

Mas não apenas isso. Além do fato de que as perdas devidas aos furacões nos estabelecimentos agroecológicos não são totais (como ocorre com as monoculturas convencionais), sua recuperação é muito mais rápida naqueles onde existe maior nível de integração agroecológica.

Por último, resta lembrar que o Movimento tem estimulado a constante capacidade inovadora e experimentadora do campesinato, dono de uma grande criatividade que só precisava ser libertada para começar a dar resultados.

Estratégias transversais do Movimento

No mundo rural de todos os países enfrentamos a desintegração e a atomização da família camponesa. A monocultura tradicional não oferece papéis interessantes ou remunerativos para os membros da família, com exceção do homem, o qual reforça o patriarcado. Pelo contrário, a diversificação agroecológica promovida pelo MACAC acaba diversificando os papéis de toda a família. Ao mesmo tempo, o trabalho agrícola torna-se mais interessante e agradável, pois cativa a imaginação e oferece oportunidades para todos os membros da família. Como resultado, um maior número de jovens permanece no campo e outros membros da família extensa voltam a reunir-se na roça. O que, sem dúvida, contribui para garantir a substituição de gerações e para reduzir o poder do homem na unidade familiar.

Tudo o que foi dito complementa-se com a ambiciosa Estratégia de Gênero da ANAP, transversal na estrutura do Movimento. O próprio MACAC permite gerar espaços para a participação das mulheres, como promotoras, facilitadoras e coordenadoras. No entanto, ainda falta muito para alcançar a paridade de gênero de que o Movimento necessita (capítulo 6).

Alianças

Uma parte do êxito do MACAC em Cuba deve-se ao fato de que a ANAP conseguiu construir uma política efetiva de alianças. Por exemplo, aproveitou e influenciou nas políticas e programas promovidos pelo Estado, ao mesmo tempo em que trabalha com diversos atores externos, sem que se perca o protagonismo do camponês no processo (capítulo 7).

Aliás, o próprio Movimento mantém e tem gerado programas de efeitos sinergéticos e explora de maneira eficaz as possibilidades multiplicadoras dos meios de comunicação.

MACAC, caminho para a soberania alimentar

Em síntese, o que a agroecologia oferece a Cuba, por intermédio de seu campesinato e do MACAC, é uma opção mais eficiente para produzir alimentos – tanto por unidade de área como por trabalhador – do que a agricultura convencional de monocultura. E que, além disso, não depende de insumos importados, caros em divisas e tóxicos para o ser humano e o meio ambiente. E, por último, resiste muito melhor às secas e aos furacões. E isso sem considerar outros fatores internos e externos que devem ser tomados em

conta, como o esgotamento dos recursos naturais em geral e a degradação dos solos, que afeta 70% da superfície agrícola cubana.

Enquanto o modelo convencional contribui para deteriorar ainda mais a terra – ameaçando o futuro e a soberania alimentar do povo cubano –, os sistemas agroecológicos demonstraram sua capacidade de restaurar a fertilidade dos solos degradados. Por outro lado, é provável que o que hoje se investe em agrotóxicos amanhã tenha que ser gasto outra vez devido aos danos à saúde da população. Enquanto a agroecologia não utiliza agrotóxicos e produz alimentos sadios.

O aumento do preço dos alimentos no mercado internacional, assim como o dos insumos e de outros meios imprescindíveis para o desenvolvimento da agricultura convencional, obriga a considerar a alternativa de um modelo agrícola menos dependente. Não se trata aqui apenas de argumentações acadêmicas em favor de um ou outro modelo de agricultura. É uma questão de sustentabilidade e de soberania. A agroecologia não depende de importações. É soberana e sustentável. Por outro lado, e apesar das condições econômicas e climatológicas adversas, o campesinato cubano que se apoiou na agroecologia obtém hoje os maiores índices de produtividade e de sustentabilidade em seu país. Ou seja, a agroecologia conseguiu em pouco mais de dez anos o que o modelo convencional não conseguiu nunca, nem em Cuba nem em nenhum outro lugar: produzir mais com menos (divisas, insumos, e investimentos).

Resumindo, em relação ao modelo convencional, a agroecologia oferece a Cuba sustentabilidade, soberania e segurança alimentar, na medida em que assegura:

- Maior resiliência frente aos embates climáticos tão comuns na ilha (furacões, secas, inundações etc.).
- Recuperação dos solos degradados pelo uso intensivo de agroquímicos.
- Alimentos sadios (nenhum dano à saúde).
- Maior produtividade.
- Economia em divisas, insumos e investimentos.

Na opinião dos/as autores/as, formada no processo de sistematização destas experiências, a agroecologia e o MACAC oferecem o caminho para chegar à soberania alimentar em Cuba, além de servir como exemplo, fonte de ideias e inspiração para outros países. Representa uma verdadeira Revolução Agroecológica.

INTRODUÇÃO

Como cresceu um movimento impulsionado pela convicção dos camponeses

Este livro relata como, em uma ilha, cresceu um movimento impulsionado pela convicção de seus camponeses. É a história dessas pessoas, famílias, cooperativas e comunidades; de sua luta para alcançar a segurança e a soberania alimentar de seu povo: Cuba.

Trata também das experiências surgidas com o avanço do Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), graças ao estímulo da Associação Nacional de Agricultores Pequenos (ANAP).

Em Cuba, o Movimento Agroecológico foi promovido e iniciado pela ANAP, em 1997, há apenas pouco mais de uma década. Nesse breve período, conseguiu aglutinar mais de 100 mil famílias camponesas em toda a ilha, o que representa a terça parte das mais de 250 mil economias familiares camponesas cubanas. Graças à agroecologia, estas famílias já transformaram de forma significativa seus sistemas de produção.

O resultado deste trabalho de sistematização demonstra, sem sombra de dúvida, que a agroecologia foi a opção mais viável e, de fato, perdurável, para a agricultura familiar cubana, em um contexto econômico e ambiental desfavorável na ilha. E, mais: os componentes fundamentais de sustentabilidade dos sistemas tradicionais camponeses transformaram-se, mais do que em alternativas, em linhas estratégicas de resistência, o que comprovou a viabilidade deste modelo agrícola para enfrentar – e buscar sair de forma sustentável – da aguda crise desencadeada nos anos 1990, depois do fim das relações comerciais com os países do Leste Europeu, acrescido do recrudescimento do bloqueio econômico estadunidense, conhecido em Cuba como Período Especial.

O Período Especial estabeleceu as bases para uma visão mais sustentável da agricultura. Também permitiu elaborar a estratégia de resistência local e

nacional, com alternativas reais que por sua vez propiciaram posições mais objetivas. Tudo isso com vistas a reforçar a segurança e a soberania alimentar. Como disse Orlando Lugo Fonte, presidente da ANAP, em una cooperativa em Las Tunas, "a necessidade nos fez tomar consciência".

Para o setor camponês cubano, este livro é também um relato, uma recuperação do caminho que percorreu, para compreendê-lo e reconhecer-se melhor nele. Por outro lado, esse caminho é também, para as organizações camponesas do mundo inteiro, uma verdadeira fonte de inspiração, pois demonstra que a apropriação do processo produtivo é perfeitamente possível. E não apenas isso: essa apropriação contribui para uma melhor gestão e autonomia locais, mediante a transformação de conceitos e tecnologias que muitas vezes encontram resposta – como no caso de Cuba – na agricultura ecológica.

Por outro lado, este trabalho traz para debate a consolidação e a sustentabilidade das transformações operadas na agricultura camponesa cubana, além de muitas questões que podem surgir. Trata-se de uma ação tática e conjuntural para fazer frente a um momento de crise? Estamos em presença de um simples passo intermediário de substituição de insumos, que pode avançar, mas também retroceder para a agricultura química? O estudo expõe uma possível resposta, relacionada a políticas e estratégias nacionais, mas, também à transformação gradual, profunda e irreversível, baseada na consciência e na responsabilidade de camponeses, consumidores, técnicos, dirigentes e responsáveis pela tomada de decisões no país.

Esta sistematização mostra resultados e impactos muito interessantes. As famílias camponesas de Cuba estão imersas em um processo de resgate, validação e difusão das práticas da agricultura tradicional, assim como no desenvolvimento de tecnologias e conceitos da agroecologia. Graças a este processo, estão obtendo níveis muito mais altos de produção por unidade de área do que nos sistemas de monocultura. Além disso, os custos têm sido muito menores, principalmente em divisas, ao mesmo tempo em que evitaram a contaminação do meio ambiente e os perigos de intoxicação de seres humanos. E mais: durante os terríveis ciclones que assolaram a ilha em 2008, ficou comprovado que os sistemas biodiversos agroecológicos sofreram danos e perdas menores – em comparação com os sistemas industrializados – e se recuperaram de forma muito mais rápida e completa.

O exemplo e as lições surgidas desta experiência constituem uma contribuição de valor incalculável para a reflexão sobre o rumo futuro dos sistemas agrícolas e pecuários em Cuba, mas também para as pessoas e movimentos de

outros países que lutam para transformar o modelo dominante – dominado pelas empresas transnacionais, em detrimento dos povos e do meio ambiente – da agricultura convencional.

Conflito de modelos em escala global

A experiência que este livro deseja transmitir, em Cuba e em outros países, responde à solução do conflito – que, no âmbito da agricultura afeta a todos em escala mundial – entre dois modelos de agricultura: o convencional e o agroecológico. O primeiro, como se sabe, promove a monocultura extensiva e industrializada, utilizando enormes quantidades de agrotóxicos e de transgênicos. E, com exceção de Cuba, este tipo de agricultura anda junto com o latifúndio e o agronegócio. Além disso, é uma agricultura sem biodiversidade, sem camponeses nem camponesas, para maior proveito do livre comércio

Alguns conceitos-chave...

Agroecologia: Para muitos, a agroecologia é uma ciência: a ciência que estuda e busca explicar o funcionamento dos agroecossistemas. Para outros, a palavra agroecologia refere-se aos princípios – e não receitas – que guiam as práticas agronômicas e produtivas que permitem produzir alimentos e fibras sem agrotóxicos.

Segundo Altieri (1999), seus princípios mais importantes são:

- Incrementar a reciclagem de biomassa e conseguir um balanço no fluxo de nutrientes.
- Assegurar condições favoráveis do solo, com alto conteúdo de matéria orgânica e biologia do solo.
- Minimizar a perda de nutrientes do sistema.
- Impulsionar a diversificação genética e de espécies, em nível de estabelecimento agrícola e de paisagem.
- Incrementar as interações biológicas e sinergias entre os componentes do agroecossistema.

Para os movimentos sociais que integram a Via Campesina, o conceito de agroecologia vai além dos princípios ecológico-produtivos. Além deles, incorpora a sua visão agroecológica outros princípios e metas sociais, culturais e políticas. Nesta visão, por exemplo, não existe – por incompatibilidade – um "latifúndio

e das corporações transnacionais. Não por acaso é chamado – e sem mentira – de "modelo da morte", termo que ultrapassa o âmbito agrícola e invade os aspectos econômicos, sociais, culturais e até afetivos da sociedade humana.

Por outro lado, em nítido contraste, encontra-se o modelo camponês agroecológico: o das zonas rurais com árvores, camponeses, famílias e comunidades que trabalham com a biodiversidade e produzem alimentos sadios para populações locais e nacionais. Por isso, é chamado "modelo da vida". Porque está a favor da vida e a protege, em todos os sentidos.

A vocação da agricultura camponesa e familiar é produzir alimentos. Em qualquer país do mundo, o setor camponês e de agricultura familiar está sub-representado na posse da terra, mas sobre-representado na produção de alimentos. Ou seja, embora os camponeses possuam muito menos da metade das terras, produzem mais da metade dos alimentos, em todos os países.

agroecológico", ou uma "plantação agroecológica" que produza "agrocombustíveis" para automóveis, em vez de alimentos e produtos para seres humanos.

Portanto, para nós, a agroecologia é um pilar fundamental na construção da soberania e da segurança alimentar.

Agricultura ecológica. É simplesmente uma agricultura que não atenta contra o meio ambiente e que utiliza práticas agroecológicas em lugar de agrotóxicos.

Práticas agroecológicas. São práticas como controle biológico, associação de cultivos e integração de cultivos à pecuária, compostagem etc. Permitem produzir sem uso – ou com menor uso – de agrotóxicos.

Integração agroecológica. A integração agroecológica vai além de simplesmente substituir um grupo de produtos químicos por uma série de práticas e insumos alternativos e não tóxicos. Não se trata apenas de substituir. Os sistemas mais complexos e integrados, por exemplo, incorporam de maneira planejada culturas, árvores, animais etc., o que permite gerar interações e sinergias entre os próprios componentes do agroecossistema. Também permite que suas necessidades de manutenção: fertilidade do solo, manejo das populações de pragas etc. sejam autossubsidiadas. O resultado aparece nos altos níveis de produtividade total por unidade de área, com dependência mínima de insumos externos, estabilidade produtiva e cada vez menos necessidade de mão de obra e de investimentos (Monzote et al., 2001).

Ao contrário, com suas monoculturas industrializadas, a vocação única do agronegócio é produzir exportações e agrocombustíveis, alimento de contas bancárias e de automóveis, alheios por completo aos seres humanos.

O problema é que o crescimento do "modelo da morte" – o agronegócio –, em quase todos os países, está deslocando a agricultura camponesa e familiar, e destruindo a capacidade produtora de alimentos de nossos países. Não existe hoje nenhum país onde o agronegócio produza a maior parte dos alimentos consumidos pela população local. E essa é uma das causas da atual crise alimentar global.

Frente a esta situação, as organizações camponesas do mundo, reunidas na Via Campesina, esperam que os povos e nações retomem o controle de suas agriculturas e da produção de alimentos; ou seja, que seja exercida a soberania alimentar, da qual a agroecologia é parte fundamental.

Na luta pela soberania alimentar, as organizações camponesas enfrentam a necessidade de apropriarem-se dos processos produtivos, o que está associado em muitos casos a uma busca de autonomia. Neste processo, ficou cada vez mais claro que não é só a apropriação o que se requer, mas, também, a transformação, para abandonar enfim a dependência dos insumos tóxicos produzidos pelas empresas transnacionais e, desse modo, deixar de atentar contra a saúde das pessoas e do meio ambiente.

Protagonistas de seu próprio destino

Hoje, a grande maioria das organizações membros da Via Campesina, em todos os continentes, já dispõe (ou está em vias de dispor) de processos internos para promover e facilitar a transição agroecológica entre suas bases. Nesse preciso momento, existe uma busca generalizada de metodologias para orientar estes processos.

Nos métodos verticalistas da extensão agrícola convencional nos serviços públicos, nas casas comerciais e também em muitos "projetos", o técnico é o sujeito ativo, o sabe tudo do processo. Este método técnico centrista não está muito de acordo com uma filosofia política e de organização que busca pôr a família camponesa como sujeito ativo e ator central na transformação de sua realidade e de seu próprio destino. Tampouco ajuda muito a promover o enfoque agroecológico, pois este depende da aplicação de princípios – e não de receitas –, segundo a realidade local de cada estabelecimento rural camponês e de cada cooperativa; isto é, exige criatividade, conhecimento, inovação e inteligência camponesa. Os métodos verticais autolimitam-se pelo número

de técnicos e, também, pelo número de famílias que cada técnico pode atender.

Por isso, chegou-se à conclusão de que as organizações camponesas necessitam de metodologias libertadoras, que permitam às pessoas assumir o controle de seus processos produtivos e serem protagonistas de seu destino. Métodos que estimulem processos dinâmicos e criativos. Da mesma forma, devem promover a capacidade de ação coletiva e de mobilização, necessárias tanto para a apropriação e transformação da produção, como para o desafio da luta política.

No método de Camponês a Camponês (CAC), o protagonista é o camponês ou a camponesa, não o técnico. E isto é o fundamental – ainda que não seja o único– segredo de seu êxito, pois, como se diz no campo: "o camponês acredita mais no que faz outro camponês, do que no que diz um técnico". Finalmente, o método de CAC é um processo dinamizador, que ao adotar seu próprio ritmo, vai muito além e em menor tempo do que os métodos verticais.

O MACAC, e este livro, são mais processos sociais do que

A Via Campesina e a ANAP

A ANAP é membro da Via Campesina (www.viacampesina.org), a aliança global de organizações de camponeses, agricultores familiares, trabalhadores, mulheres e jovens do campo, povos indígenas e povos sem terra.

Atualmente, a ANAP também coordena a Comissão Internacional de Trabalho da Via Campesina sobre Agricultura Camponesa Sustentável. A razão de ser desta Comissão é elaborar as estratégias de resistência e defesa da agricultura camponesa e familiar. Encarrega-se, também, da construção local e nacional de alternativas reais, no modelo da soberania alimentar, fator necessário para defender o modelo camponês no mundo inteiro.

Uma tarefa particularmente importante da Comissão é estabelecer as bases para gerar sinergias entre os vários esforços das organizações membros da Via Campesina, em sua luta por promover um modelo tecnológico baseado nos princípios da agroecologia e nos saberes tradicionais de camponeses e indígenas. Parte desta tarefa consiste em documentar e sistematizar as melhores experiências agroecológicas das organizações membros da Via Campesina, a fim de socializá-las e facilitar um processo de aprendizagem horizontal entre organizações e países.

Este livro representa o primeiro número de uma série projetada dessas documentações e sistematizações. Por isso, não apenas se insere na realidade cubana, como, e ainda mais, na realidade camponesa global.

Soberania alimentar

As organizações camponesas do mundo, que fazem parte da Via Campesina, propõem a soberania alimentar como saída para a crise sistêmica em que se encontra o mundo. A soberania alimentar é o direito de cada povo de definir suas próprias políticas agropecuárias e, em matéria de alimentação, de proteger e regulamentar a produção agropecuária nacional e o mercado interno, a fim de alcançar metas de desenvolvimento humano sustentável.

Nas condições atuais do mercado mundial de alimentos, hoje, mais do que nunca, é necessário proteger a capacidade produtiva nacional e isolá-la das tendências no mercado global de aumento de preços, pois na grande maioria dos casos este aumento não beneficia os produtores camponeses, e sim as empresas que especulam com os alimentos.

No modelo de soberania alimentar, especifica-se que os alimentos devem ser produzidos mediante sistemas de produção diversificados, agroecológicos e com base comunitária e camponesa. Para conseguir e preservar a soberania alimentar dos povos – e garantir sua segurança alimentar –, os governos devem adotar e aplicar políticas que fomentem uma produção nacional sustentável, baseada na produção familiar camponesa, em vez do modelo industrial, de altos insumos e orientado para a exportação.

O papel da agroecologia é fundamental na soberania alimentar, pois é preciso romper o vínculo existente entre o preço do petróleo e o dos alimentos. Por isso, exige-se também a Reforma Agrária e a proteção aos mercados nacionais dos efeitos do mercado internacional.

Em setembro de 2001, realizou-se, no Palácio das Convenções em Havana, o Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, que foi um marco na história do MACAC em Cuba. Durante o Fórum, falou-se dos êxitos do Movimento, cuja influência ficou registrada no documento de conclusões. No ato de encerramento, foram condecorados 20 camponeses promotores, iniciadores do MACAC, diante de centenas de delegados e delegadas da América Latina e do mundo.

No encerramento, o comandante Fidel Castro fez um discurso. Pouco depois, passou três dias reunido com presidentes das cooperativas da ANAP de todo o país, discutindo com eles temas que deram lugar a várias das políticas cubanas que aplainaram o caminho para o futuro desenvolvimento do MACAC.

tecnologias. A verdade é que não faltam, realmente, métodos agroecológicos para produzir alimentos. São muitos e muito bons os métodos disponíveis. O problema é que, na maioria dos casos, sua ampla disseminação e adoção vem-se limitadas por carências metodológicas. O que o método de Camponês a Camponês oferece são soluções para essas carências, precisamente.

Camponês a Camponês em Cuba: um farol agroecológico

Cuba oferece um exemplo, um farol que ilumina o caminho para processos sociais e produtivos necessários. A maneira como Cuba – e sobretudo suas famílias camponesas organizadas na ANAP – enfrentou uma crise profunda, com o Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), oferece abundantes lições a outros países e organizações que estão buscando a saída para situações de vida ou morte em que se encontram suas bases camponesas.

A metodologia de CAC não foi inventada em Cuba nem na América Central (embora tenha vindo de lá para Cuba). No mundo inteiro, a família camponesa sempre fez experiências com diferentes métodos de plantio e de produção, compartilhando depois o conhecimento resultante com os vizinhos. Foi a modernização brutal – com o despojamento e o deslocamento do saber local e tradicional que acompanharam a Revolução Verde – que gerou um deslocamento do saber tradicional pelo pensamento e práticas da modernidade, assim como o virtual abandono de muitas tradições importantes de cultivo. Por sorte, sempre sobreviveram alguns conhecimentos remanescentes e memórias coletivas. É sobre eles que se constroem os métodos de CAC.

O método de CAC chegou a Cuba em 1997, depois de duas décadas de êxito, sobretudo na Guatemala, México, Honduras e Nicarágua (Holt Giménez, 2008). No entanto, foi em Cuba que o CAC obteve maior aceitação. Em toda a América Central, o método chegou a cerca de 30 mil famílias ao longo de 30 anos, enquanto em Cuba conseguiu chegar a mais de 100 mil famílias em apenas uma década. A pergunta é, então: por que cresceu mais, e mais rápido, em Cuba? Como se verá neste livro, a resposta é complexa, mas está relacionada com a maior intencionalidade e urgência que a ANAP e Cuba atribuíram ao CAC, devido à necessidade sentida pelo país inteiro. Também tem a ver com o grau de organicidade que existe na ANAP: de fato, a ANAP organizou Camponês a Camponês em Cuba de maneira mais sistemática e talvez menos espontânea do que nos demais países. E talvez o fator mais importante

de seu impressionante crescimento em Cuba seja o fato de neste país ter se transformado em Movimento, no seio da ANAP.

Em sua década de vida em Cuba, o CAC foi também fortemente marcado por valores como socialismo, resistência, luta, autonomia, solidariedade e cooperação horizontal e, ainda, por conceitos como ecologia e meio ambiente. Os valores ecológicos do MACAC, por exemplo, aparecem claramente em sua crítica contundente aos impactos da Revolução Verde e em sua construção consciente de alternativas.

Por tudo isso, o MACAC é, sem dúvida, uma verdadeira inspiração para as organizações camponesas do mundo.

Este livro

Para elaborar este livro formou-se uma equipe internacional de quatro autores, sendo dois membros da ANAP: um do próprio MACAC e uma professora do Centro Nacional de Capacitação Niceto Pérez. E, ainda, por um agroecólogo da Comissão de Agricultura Sustentável da Via Campesina Internacional, que vive no México, e por uma professora e agroecóloga, técnico-militante do Movimento Sem Terra (MST) do Brasil e membro da Coordenação do Instituto Universitário Latino-americano de Agroecologia Paulo Freire (IALA), instituto este que é coadministrado pela Via Campesina na Venezuela. A equipe reviu toda a documentação e as estatísticas sobre o MACAC existentes na ANAP. Também buscou informação complementar em outras instituições cubanas. Por último, realizou duas viagens nacionais para facilitar o contato direto com famílias camponesas de 13 das 14 províncias do país. Durante estas viagens realizaram-se oficinas participativas, visitas a estabelecimentos rurais camponeses, intercâmbios com produtores, reuniões com a Direção da ANAP em suas diferentes instâncias, além de entrevistas com aliados e outros atores nacionais.

Uma das razões fundamentais deste livro – e do esforço de documentação e de sistematização de experiências que representou – é propiciar lições úteis para outras organizações camponesas em outros países.

Espera-se também que esta história analítica seja útil à ANAP, e a Cuba, para avaliar o caminho percorrido até hoje. É nosso desejo que a informação aqui reunida seja levada em conta quando forem tomadas as decisões importantes da conjuntura atual, tanto sobre o rumo futuro e o aperfeiçoamento do MACAC dentro e fora da ANAP, como sobre o futuro da agricultura no país. Assim, este livro constitui uma contribuição à batalha de ideias, em

Feira de Biodiversidade. Projeto de Fitomelhoramento Participativo. Província de Pinar del Río.

Cuba e no mundo, sobre como as sociedades devem organizar a produção de seus alimentos.

Este livro representa ainda uma parada no caminho, necessária para analisar as experiências e resultados alcançados e, a partir daí, contar com um instrumento de trabalho para projetar o futuro. Sistematizar facilita o intercâmbio de conhecimentos, ao mesmo tempo em que possibilita aprender com as experiências de outros e formar um conhecimento novo, construído por todos. Assim, pois, torna-se imprescindível dispor deste conhecimento para o bem de todos. É a forma mais humana e útil de contribuir para o mundo melhor com o qual sonhamos e pelo qual lutamos. É o que pretende este trabalho.

CAPÍTULO 1
Processo de transformação da agricultura cubana

• Herança colonial • Capital estadunidense • Revolução e Reforma Agrária • Auge e declínio da Revolução Verde

Raízes da agricultura cubana

Historicamente, até antes da Revolução – de cujas luzes e sombras sobre o agro cubano far-se-á um inventário mais adiante – o modelo e a prática agrícola cubana eram o resultado de duas circunstâncias particulares: a herança colonial e a chegada do capital norte-americano. As duas condições derivaram posteriormente para formas típicas de exploração capitalista da terra.

Durante a Conquista, a colonização e o saque da população originária propiciaram a formação de grandes propriedades agrárias dedicadas inicialmente à pecuária. Depois, aproveitando o trabalho escravo, estas propriedades transformaram-se em plantações para a produção açucareira e de café. No melhor dos casos, a terra foi entregue a pessoas pobres para o estabelecimento de chácaras e sítios dedicados à produção de alimentos.

Desta forma, os latifúndios coexistiram com as pequenas posses dentro deles. Os pequenos proprietários resultantes desta convivência formaram o campesinato cubano, massa submetida desde então a relações de produção capitalista com componentes feudais de renda e parceria, concomitantes à

falta de direitos e de segurança sobre a terra. Afinal de contas e ao longo desta etapa, o trabalho dos camponeses constituiu a principal fonte de sustento alimentar das vilas fundadas. Além disso, o campesinato participava também – com certo peso – da produção de cana-de-açúcar e do incipiente comércio de fumo e café, que sustentavam economicamente a colônia. Nessas condições permaneceu o agro cubano até finais do século 19. Até que finalmente, chegou a independência. No entanto, ainda que livre do domínio europeu, de fato, Cuba ainda estava longe de ser verdadeiramente independente. A partir da intervenção dos Estados Unidos na guerra de independência cubana, a dependência da ilha desse país foi aumentando. Não é de estranhar, pois, que a posterior ocupação estadunidense durante quatro anos instaurasse uma república burguesa mediatizada. Menos ainda que isso selasse, em detrimento de Cuba, o estabelecimento de relações capitalistas típicas de um país dependente.

Posse da terra. Latifúndios. Capital norte-americano

No final da década de 1950, o latifúndio já ocupava as maiores extensões e as melhores terras do país. Só 9,4% dos proprietários possuíam mais de 73% da terra, enquanto que 25% das terras agrícolas do país estavam em mãos do capital estrangeiro. Por outro lado, 90% dos pequenos proprietários contavam com apenas pouco mais de 26% da área (Nova, 2001) e, destes, 85% trabalhava a terra em condições de arrendamento, parceria ou posse a título precário (Regalado, 1979 e Castro, 1953). Articulados com grandes interesses agroexportadores, o latifúndio e o domínio da economia agropecuária – por parte da oligarquia nacional e do capital estrangeiro – impuseram-se, fundamentalmente, na produção de cana-de-açúcar, de fumo e na pecuária. O caráter extensivo e sazonal do modelo monoprodutor agrícola gerou um exército de mais de 600 mil trabalhadores rurais vítimas do desemprego e do subemprego – emprego sazonal –, chegando a representar, em 1958, 33,5% da força de trabalho ativa (Castro, 1953 e Nova, 2001). O campo cubano mostrava indicadores sociais precários. O analfabetismo nas zonas rurais ultrapassava 41%. Quanto às moradias camponesas, 85% delas estava em mau estado. A alimentação era deficiente para 96% da população rural. A cobertura de saúde se expressava em dois indicadores eloquentes: taxa de mortalidade infantil de 60 por cada mil nascidos e uma esperança de vida de apenas 61,8 anos. Por outro lado, a expansão acelerada das plantações de cana e fumo, assim como da pecuária, acabou com as matas nativas, reduzindo a cobertura florestal a

13% da superfície do país. As monoculturas de cana, fumo e café assim como as pastagens, cuja produção destinava-se principalmente à exportação para os Estados Unidos, ocupavam mais de 80% das terras exploradas. Este fenômeno agravou o subdesenvolvimento da economia agrícola, repercutindo de forma negativa na qualidade dos solos, na redução da cobertura florestal e na disponibilidade de água.

A agricultura camponesa

A outra face do mundo rural cubano antes de 1959 eram as condições do campesinato, que sofria a exclusão, a falta de direitos e uma permanente ameaça de despejo: sequelas e complementos do latifúndio. As estatísticas da época registram 143 mil estabelecimentos camponeses com menos de 64 ha; e destas, mais de 70% com menos de 24 ha (Regalado, 1979). Por outra parte, a presença do capitalismo – ainda em fase de expansão – no meio rural fez com que mais de 85% das pequenas explorações camponesas não tivessem direito de propriedade sobre a terra. As condições de exploração e de exclusão derivadas desta circunstância evidenciavam-se nas seguintes variantes:

- arrendamento: pagamento periódico de uma quantia de dinheiro.
- subarrendamento: quando o anterior se fazia em um estabelecimento agrícola já arrendado.
- parceria: pagamento periódico em espécie de uma quantidade da produção.
- partidários (também chamados parceiros): aqueles que pagavam uma renda com uma parte da colheita e compartilhavam com o representante legal as instalações produtivas do estabelecimento agrícola.
- precariedade: ocupação e uso da terra sem nenhum amparo legal; nesta circunstância se encontrava 8,6% do total dos estabelecimentos agrícolas.

Para o campesinato, a ausência do direito de propriedade e de segurança sobre a posse da terra esteve sempre intrinsecamente ligada à ameaça de despejo, assim como à destruição de moradias, instalações e cultivos, práticas comuns no tempo que durava a ocupação violenta da fazenda. No período que vai de 1898 a 1959, segundo relata Antero Regalado (1979) em *As lutas camponesas em Cuba*, cerca de 40 mil famílias camponesas foram afetadas por esta prática, ligada aos interesses geófagos de latifundiários e companhias estadunidenses.

Acresce que o crédito para o camponês era concedido por agiotas e comerciantes em condição de hipoteca e com juros de até 50%. A comercialização, por sua vez, era feita por mascates ou intermediários, ou pelo próprio sistema de colonato com o proprietário da terra ou com o centro de capital agroindustrial ou comercial. Exposto a tais práticas, o camponês estava impedido de participar em condições de igualdade, tanto da definição dos preços, como da qualidade e condições de venda.

Na agricultura camponesa – caracterizada no período anterior à Revolução pelo pouco uso de tecnologia moderna, devido a fatores como falta de apoio financeiro e de assistência técnica –, prevaleciam ainda, por sorte – como se verá adiante –, algumas práticas tradicionais de manejo como as que aparecem no Quadro 1.1

Quadro 1.1. Práticas agroecológicas em uso antes de 1959

- Controle manual de pragas.
- Tração animal.
- Uso de tabaco e pau de fumo.
- Caldas.
- Conservação de sementes.
- Incorporação de resíduos de colheita ao solo.
Semeadura segundo as fases da lua.
- Diversidade de animais e cultivos.
- Uso de esterco como adubo.
- Cercas vivas.
- Biodiversidade.
- Associação de cultivos.
- Cultivo mínimo.
- Quarentena animal.

Fonte: Entrevista coletiva com promotores (produtores), facilitadores e coordenadores do MACAC, Oficina de Sistematização, Santa Clara, 25 de novembro de 2008.

A crítica situação em que viviam os camponeses cubanos por causa das injustiças do latifúndio – denunciadas por Fidel Castro (1953) em sua declaração de defesa "A história me absolverá" –, assim como a esperança de melhorar suas condições de vida, levaram-nos a oferecer sua ajuda aos revolucionários na Sierra Maestra e a simpatizar com os jovens rebeldes.

Reforma Agrária: Gênese das transformações

Apenas quatro meses depois da vitória revolucionária, em 17 de maio de 1959, foi promulgada a Lei de Reforma Agrária, que acabou com o latifúndio, entregou a propriedade da terra a mais de 100 mil agricultores camponeses

Identificados com a Revolução

Fidel Castro, na promulgação da Lei de Reforma Agrária, em La Plata, Sierra Madre, em 17 de maio de 1959.

Frente à situação precária em que viviam os camponeses e os trabalhadores, que juntos compartilhávamos a pobreza e a exclusão, todos sonhávamos com as mudanças que melhorariam nossa situação. Quando ouvimos falar do assalto ao Moncada e da luta de Fidel Castro na serra, rapidamente nos identificamos e começamos a lutar com uma única aspiração: ter a possibilidade de um posto de trabalho durante o ano inteiro, onde (se) ganhasse honestamente para comprar o pão de cada dia.

Heriberto de Armas Pérez
Líder e ex dirigente camponês, atualmente aposentado

que nela trabalhavam sem serem donos e resgatou para o patrimônio nacional centenas de milhares de hectares de terra. Esta lei recebeu um amplo apoio dos camponeses, operários, estudantes e de todo o povo cubano, em geral.

A radicalização da luta política, frente aos ataques dos remanescentes da oligarquia derrotada e de seus cúmplices, dentro e fora do país, levou à aplicação de uma Segunda Lei de Reforma Agrária, promulgada em 3 de outubro de 1963. Esta lei:

Eliminou radical e definitivamente o latifúndio e a exploração da terra.

Reduziu a 67 ha o limite máximo da posse e nacionalizou – resgatou para o patrimônio nacional – 1,2 milhões de hectares.

Fortaleceu o setor agropecuário estatal, que passou a deter 70% das terras agrícolas do país.

Definiu dois pilares do desenvolvimento agrícola da nação: o setor estatal e o setor camponês.

Período de diversificação do agro nacional e autossuficiência alimentar 1959-1965.

No período de 1959-1965, estimulado pela nacionalização e pelo exercício da soberania sobre os recursos do país, junto com a aplicação da Reforma Agrária, o novo governo revolucionário empreendeu um programa de desenvolvimento econômico que partiu do fomento industrial e da diversificação da agricultura nacional.

Mais de 1,2 milhões de hectares passaram a ser exploradas por 100 mil famílias camponesas que, favorecidas pela política de apoio material e técnico da Reforma Agrária e apoiadas em sistemas produtivos diversificados, obtiveram um elevado aproveitamento.

Quase a metade (40%) das terras nacionalizadas passou a ser explorada com ajuda de 400 mil trabalhadores agrícolas, os quais passaram a ter, assim, emprego permanente e devidamente remunerado, adquirindo um maior sentido de pertença. Estes fatores incidiram significativamente na elevação do aproveitamento da terra, na produtividade e na produção agrícola.

Entre 1959 e 1960, o governo revolucionário investiu 286,4 milhões de pesos no setor agrícola. Ao mesmo tempo, implantou amplos programas de desenvolvimento, entre os quais destacou-se o programa denominado "Vontade Hidráulica", que possibilitou multiplicar por 100 – durante os primeiros 15 anos da Revolução – a capacidade de água represada para diversos fins. A consequência foi que a superfície beneficiada com irrigação cresceu 3,6 vezes, segundo consta do Relatório do Primeiro Congresso do Partido Comunista de Cuba, realizado em 1975.

As transformações realizadas no setor agrícola e a nova visão quanto ao desenvolvimento da agricultura – vinculada pela primeira vez aos interesses nacionais –, apoiadas pelas massas populares de operários e camponeses, propiciaram os seguintes resultados:

- A produção agrícola cresceu, entre 1959 e 1960: arroz, 28%; milho, 26%; feijão, 39%; batata, 21%, e tomate, 108%. Por sua vez, entre 1958 e 1961, comparadas com a década de 1950, incrementaram-se as produções da indústria que usa matérias-primas agrícolas: açúcar, 16%, e fumo, 14% (Rodríguez, 1990).
- A diversificação estendeu-se para a pecuária com resultados muito animadores nos anos seguintes. O rebanho bovino cresceu 75%, chegando a 7 milhões de cabeças em 1967. Por sua vez, o desenvolvimento

avícola propiciou um aumento de seis vezes na produção de ovos; de quatro, na carne de ave; e de três na carne de porco.

- Em 1975, o mencionado Congresso do Partido avaliou que durante os primeiros 15 anos de Revolução a superfície cultivada duplicara. Por sua vez, as áreas plantadas com cítricos cresceram nove vezes e as de arroz, 4,6 vezes.
- Como se deduz destes exemplos, foi um período que iniciou uma espécie de ruptura com o modelo colonial capitalista pré-revolucionário e, ademais, estabeleceu as bases para as transformações da agricultura cubana que hoje se realizam quanto a sua diversificação e, também, visando aumentar a segurança e a soberania alimentar da população.

Formas estruturais de produção

Na década de 1960, a agricultura cubana experimentou profundas transformações estruturais. Por um lado, nos antigos latifúndios formaram-se grandes empresas estatais, com alto nível de especialização e extensões variadas, segundo o tipo de atividade e a região. Por outro, como resultado da Reforma Agrária, os pequenos produtores obtiveram – e lhes foi assegurada de forma definitiva – a propriedade da terra, abrindo-se para eles a possibilidade de criar cooperativas – que prevalecem até hoje –, como uma nova forma de organização da produção.

No setor camponês, inicialmente, criaram-se as Associações Camponesas, formas associativas simples, a fim de obter representação política e social e receber orientações. Paralelamente, formaram-se também as Cooperativas de Créditos e Serviços (CCS), com o objetivo de socializar a tramitação dos principais serviços para a produção. Nas CCS cada família tem sua própria propriedade, que explora individualmente.

Na segunda metade da década de 1970, iniciou-se a formação das Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA), consideradas uma entidade econômica socialista constituída pela terra e outros bens trazidos pelos agricultores pequenos, que se unem assim para cultivar a terra. Estas cooperativas contribuíram para forjar valores como o coletivismo e a cooperação, em apogeu no movimento camponês cubano. Isto significa que, nas CPA, todas as áreas são trabalhadas coletivamente.

Em 1989, 78% da superfície cultivada estava em mãos do Estado; 10% pertencia às CPA e os 12% restantes, às CCS e aos camponeses individuais. As grandes empresas estatais e as Cooperativas de Produção Agropecuária eram

A maquinaria agrícola elevou o número de colheitadeiras e tratores durante o apogeu da Revolução Verde, em média de 2,4 unidades por cada 100 hectares de cultivo.

consideradas o suporte fundamental da agricultura convencional, enquanto as famílias camponesas, apesar da grande influência do modelo convencional, conservavam formas tradicionais de produção, as quais incluíam elementos de sustentabilidade.

Esplendor da Revolução Verde em Cuba

Os anos 1970 e 1980 foram marcados pelo brilho da mal denominada Revolução Verde; ou seja, pela introdução massiva de tratores, colheitadeiras, fertilizantes químicos, pesticidas, irrigação em grande escala, sementes híbridas e uma ênfase renovada nas grandes extensões de monocultura. Esta época coincidiu com as profundas transformações que ocorreram na sociedade cubana como resultado da vitória revolucionária. O sentido destas transformações era alcançar a justiça social e o bem estar material, sobre uma plataforma que assentava o desenvolvimento econômico do país em sua base agropecuária, o que pressupôs elevar as bases tecnológicas no que se refere a mecanização e industrialização. Por outro lado, o caráter popular e progressista do processo

revolucionário provocou a hostilidade do poderoso vizinho do norte. Abriu-se assim a alternativa para a nascente revolução de estabelecer relações políticas e comerciais com o então bloco socialista, integrado por países mais desenvolvidos industrialmente. Estes países utilizavam em sua agricultura o modelo convencional, razão pela qual propuseram à ilha especializar a produção e o comércio, no quadro da divisão internacional estabelecida por acordo mútuo.

Tudo isso favoreceu a implantação em Cuba do modelo intensivo de alta especialização e dependência, típico da Revolução Verde, que afetou sobremaneira as principais zonas agrícolas e as formas econômicas de produção agropecuária (empresas estatais e cooperativas camponesas). A complicada dependência da agricultura nacional cubana nesse período é corroborada pelos dados fornecidos pelo Ministério da Agricultura (Oxfam, junho de 2001), que comprovam o emprego anual de mais de 17 mil toneladas de herbicidas e pesticidas, junto a 1,3 milhões de toneladas de fertilizantes químicos, para alcançar médias que superavam 192 kg por hectare neste último indicador. Ademais, importavam-se mais de 600 mil toneladas de concentrados alimentícios para a pecuária, ao mesmo tempo em que as máquinas agrícolas elevaram seu potencial de colheitadeiras e tratores, numa média de 2,4 unidades por cada 100 hectares de cultivo.

A Revolução Verde começa a declinar

Por meio da Revolução Verde, Cuba obteve crescimento de sua produção agrícola. Não obstante, ao analisar o comportamento da agricultura nessa época, pode se observar que, apesar dos grandes investimentos realizados no setor agropecuário naqueles anos (25,7% do total de investimentos do país no período 1959-1988), os resultados obtidos não correspondem. Rodríguez (1990) alinhou alguns argumentos de caráter econômico que obrigam a refletir sobre os efeitos do modelo convencional proposto pela Revolução Verde:

As taxas médias de crescimento anual do valor bruto da produção agropecuária comportaram-se como segue, com relação ao crescimento da economia nacional (em porcentagem):

- Período 1962-1970: a economia cresceu 3,6%, enquanto o setor agropecuário crescia 3,4%.
- Período 1971-1980: a economia cresceu 5,2%, e o setor agropecuário, 2,6%.

- Período 1981-1985 (o período de maior auge econômico no período avaliado): a economia cresceu a um ritmo de 6,7%, enquanto a resposta do setor agropecuário foi a mais baixa dos períodos analisados: só 1,7%.

A explicação para o fato é que o modelo convencional proposto pela Revolução Verde foi extremamente caro, em termos de investimentos e insumos importados.

Outro elemento considerado por Rodríguez é o comportamento da força de trabalho do setor agropecuário, cuja proporção diminuiu de 30 para 18,3% na estrutura de emprego do país. Esta redução coincidiu com os 15 anos de maior auge da Revolução Verde, o que se justifica pelos níveis de mecanização empregados neste modelo, somados à criação de vagas em outros ramos. O fato, no entanto, é que este comportamento gera preocupação com relação ao futuro da força de trabalho agrícola, sobretudo, por sua relação com os processos de migração do campo para a cidade, fenômeno contemporâneo de caráter crônico em âmbito mundial, que acarreta um sem-número de consequências econômicas e sociais.

Talvez o aspecto mais duro tenha sido que os resultados produtivos da Revolução Verde só conseguiram manter-se durante os primeiros anos. Em meados dos anos 1980, muitos cultivos já tinham atingido seu pico ou rendimento máximo. O que aconteceu depois foi o nivelamento e mesmo a baixa da produtividade, como mostra a Figura 1.1, com o exemplo da cultura do arroz.

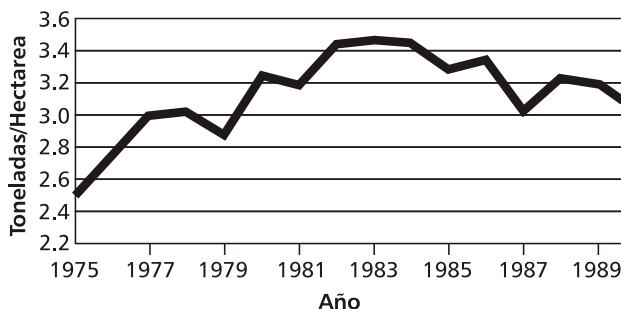



Figura 1.1 Rendimento do arroz em Cuba durante a Revolução Verde (1975-1990). *Fonte: FAOSTAT (dados da FAO).*

Como se observa no Quadro 1.2, durante o período da Revolução Verde em Cuba, o rendimento da cultura do arroz já tinha chegado a seu pico no princípio dos anos 1980, e vinha em franco descenso desde antes do Período Especial. Isto deve ser atribuído aos efeitos cumulativos da degradação do solo provocada pelo uso intensivo de agroquímicos e maquinaria pesada, e aos problemas de rebrote de pragas resistentes aos herbicidas. É por isso que

este modelo gera um retorno decrescente em termos tanto de produção como de rentabilidade (Rosset et al., 2000).

Outros cultivos com incidência na dieta dos cubanos (tubérculos, hortaliças, arroz e feijão) também começaram a manifestar baixos índices de crescimento assim como instabilidade em seus níveis de produção.

Outras consequências do modelo convencional

O uso excessivo de pesticidas e fertilizantes sintéticos provocou um crescente desequilíbrio dos ecossistemas no campo, em detrimento dos fatores naturais. Um exemplo disso foi a eliminação de muitos organismos benéficos, inimigos naturais, necessários para o controle de pragas. O resultado? O aparecimento contínuo de novas pragas e a ineficiência no controle das já conhecidas. Este desequilíbrio dos sistemas agrícolas transformou-os em nicho propício à proliferação de pragas, o que provocou efeitos devastadores nas principais culturas do agro cubano. Algumas destas pragas foram resultantes do próprio desequilíbrio e outras, das agressões biológicas dos Estados Unidos contra a ilha. Aqui, uma lista das que foram consideradas mais terríveis:

- *A ferrugem da cana (1978) devastou a variedade B43-62 (Barbados), que ocupava 34% da área total plantada com esta cultura, o que obrigou a substituí-la por outras variedades de menor rendimento agrícola e industrial. As afetações pela doença provocaram perdas de um milhão e meio de toneladas de açúcar naquela safra. A isto somaram-se as perdas econômicas devidas à substituição de 2.876,15 ha. O mofo azul do tabaco (1979) deixou um saldo de perdas econômicas de várias dezenas de milhões de dólares.*
- *Em 1997 introduziram o Thrips palmi, que afetou vários dos principais cultivos alimentícios, ocasionando grandes perdas para a agricultura e a economia nacional.*

Mas a agricultura convencional deixou também outras sequelas, não menos negativas, nos ecossistemas. Os índices de afetação mostram que, com relação à superfície agrícola total, 43,3% dos solos sofreu erosão e 23,9%, compactação; 14,1% apresentava um grau elevado de salinização e 24,8%, de acidez; 44,8% apresentava baixa fertilidade. Tudo isso junto fazia com que 76.8% dos solos da ilha fossem classificados como pouco ou muito pouco produtivos (Instituto de Solos, 2001).

A agricultura camponesa e o fim da Revolução Verde

Apesar do auge que teve a Revolução Verde em Cuba desde a década de 1960 até a de 1980, as famílias camponesas – com 12% da superfície agrícola nacional em seu poder – mantiveram práticas agrícolas tradicionais e demonstraram uma maior conservação de seus sistemas; particularmente, no extremo ocidental, centro e oriente do país. O direito assegurado à terra, o respeito a sua identidade social e cultural, o elevado nível escolar e técnico, a capacidade de organizar-se ao amparo da lei e a viabilidade de obtenção de créditos acessíveis, seguros agropecuários e comercialização da produção contribuíram para formar um campesinato com um elevado sentido de pertença e de responsabilidade social e ambiental, identificado com sua condição de classe e seu papel na sociedade.

A conformação dos sistemas – em geral diversificados – e a manutenção de práticas como o uso de tração animal, as fontes alternativas de energia, a associação e rotação de culturas, a produção de sementes, o uso de esterco como adubo e outras formas de integração animal nas fazendas, foram circunstâncias que possibilitaram resistir ao impacto que viria nos anos 1990, assim como assegurar rápidos crescimentos da produção para aliviar a crise alimentar e favorecer, mais adiante, o avanço do Movimento Agroecológico.

A título de reflexão, pode-se afirmar que a vulnerabilidade do sistema de altos insumos na agricultura cubana ficou clara quando, em 1990, o país entrou no chamado Período Especial. Foi justamente nesse momento que as práticas tradicionais de produção camponesa e os resultados de alguns centros de pesquisa desempenharam um papel significativo para a produção agropecuária do país.

Foi uma etapa em que a inteligência e a criatividade de camponeses, operários, técnicos e profissionais do setor foram postas à prova, em prol da sustentabilidade agrícola.

CAPÍTULO 2

Antecedentes imediatos do Camponês a Camponês: início do período especial (1990-1997)

• Colapso do bloco socialista • Período Especial • Ciência e tradição Substituição de insumos • Novas formas de organização • Necessidade de uma metodologia social.

A necessidade nos obrigou a tomar consciência.
Orlando Lugo Fonte,
Presidente da ANAP

A dependência do exterior (crônica de uma crise anunciada)

No final dos anos 1980, o panorama resultante da monocultura agroexportadora era explícito: Cuba importava 48% dos fertilizantes e 82% dos pesticidas. Além disso, muitos componentes destes fertilizantes agrícolas formulados no país também procediam do exterior. Acrescente-se a isso o fato de as importações diretas de alimentos representarem aproximadamente 57% do total das calorias da dieta das famílias cubanas.

Desde os anos 1960 até os anos 1980, os acordos comerciais favoráveis com o bloco socialista propiciaram o estabelecimento de fluxos de exportações e importações agrícolas com marcada tendência à especialização.

Devido aos termos favoráveis de intercâmbio, a produção de açúcar para exportação era muito mais rentável, em termos econômicos, que a produção de alimentos.

Até meados dos anos 1980, a flutuação dos preços internacionais não representava maiores problemas para o país. O comércio cubano com a União Soviética representava 70% de seu comércio total, sendo outros 15% com o resto do bloco socialista. Os recursos obtidos com essas exportações eram utilizados para comprar agroquímicos, combustíveis para a agricultura e outros fins, assim como alimentos para a população. Tudo, a preços razoáveis.

Quando, no final de 1989 e 1990, desapareceram as relações comerciais com os países do Leste europeu e os Estados Unidos endureceram o bloqueio, Cuba submergiu na crise econômica. Imediatamente reduziram-se as importações de petróleo a 53%, as de trigo e outros grãos para consumo humano caíram mais de 50%, e outros alimentos diminuíram ainda mais.

A agricultura cubana enfrentou uma queda de mais de 80% na disponibilidade de fertilizantes e pesticidas. Mas, ao mesmo tempo, enfrentou o desafio de incrementar drástica e urgentemente a produção nacional de alimentos, para substituir as importações (Rosset e Benjamin, 1994; Rosset, 1997).

Claro que as consequências da monocultura não se manifestaram do dia para a noite. Já estavam ali. O que aconteceu com a queda do bloco socialista foi simplesmente que as consequências da dependência, antes ocultas pelos acordos favoráveis a Cuba, por fim se revelaram. Foi como abrir os olhos de repente e descobrir que o traje brilhante da Revolução Verde fôra, desde o princípio, confeccionado com retalhos.

Período Especial: resgate da agricultura camponesa e avanços científicos

Em 1991, em resposta à crise econômica e alimentar, o governo declarou o "Período Especial em tempo de paz" que, basicamente, pôs o país em um programa de austeridade, com um estilo de economia de tempo de guerra. O objetivo primordial era conservar as conquistas políticas e sociais alcançadas com a Revolução. Em resposta à crise, e no contexto do Período Especial, o povo cubano apressou-se em desenvolver e implementar alternativas econômicas, sociais e produtivas, para fazer frente às necessidades, sem o luxo das importações. Austeridade total.

Entre as medidas especiais estavam:

- Descentralização da produção, sobretudo do setor que estava em mãos das grandes empresas estatais.
- Busca de novas formas de organização e de estímulo da força de trabalho nas entidades cooperativas.
- Uma nova fase de transformação agrária, com distribuição de terras em usufruto gratuito, a fim de recuperar produções de interesse da economia nacional e o autoabastecimento familiar, o que, por sua vez, estimulou o retorno ao campo.
- Maiores incentivos à comercialização de produtos alimentícios provenientes do campo, mediante crescentes estímulos em preços.
- Flexibilização do mercado, com a ampliação das opções de venda para os produtores de alimentos, incluindo o mercado de livre oferta.
- Desenvolver as capacidades do imenso capital humano criado pela Revolução, em busca de soluções e inovações tecnológicas para um modelo de produção agrícola mais sustentável.

Estas disposições especiais foram retomadas por todas as instituições e setores da sociedade cubana, sendo que a Associação Nacional de Agricultores Pequenos (ANAP) adotou diversas linhas de trabalho, entre as quais vale enumerar as seguintes:

1. Manter e continuar incrementando as reservas de alimentos, animais reprodutivos e sementes em mãos das cooperativas e das famílias camponesas.
2. Elaborar planos para o uso massivo da tração animal e apoio às iniciativas e inovações camponesas, a fim de que com seus próprios meios construíssem implementos e outras ferramentas manuais e de tração animal.
3. Intensificar o uso dos moinhos de vento, biogás, carneiros hidráulicos e outros meios que possibilitassem economizar combustível.
4. Intensificar o trabalho para que cada entidade de produção garantisse seu autoconsumo e não comprasse aqueles produtos que pudessem provir da roça própria, como contribuição adicional à colocação de produtos no mercado local e nacional.
5. Produzir alimentos alternativos para os animais, com a intenção de substituir as rações importadas. Com este fim, organizou um plano de alimentação para os animais em cada lugar.

O Que é a ANAP?

A Associação Nacional de Agricultores Pequenos de Cuba (ANAP) foi fundada em 17 de maio de 1961, no segundo aniversário da Reforma Agrária. Surgiu como continuadora das tradições de luta do campesinato e mesmo como fruto do processo transformador empreendido pelos cubanos dois anos antes.

Assembleia de associados. Província de Las Tunas.

No âmbito social, a ANAP trabalha constantemente pela elevação dos níveis de escolaridade, pela instrução técnica e profissional das pessoas do campo, com resultados que hoje chegam a níveis mínimos de 9ª série e dispõe de uma força qualificada de 43.596 camponeses – 13% do total de associados –, o que significa uma cobertura de 11 pessoas com qualificação por cada cooperativa.

Entre suas principais conquistas estão:

- Fomento de uma estrutura organizativa e orgânica capaz de vencer o isolamento e a fragmentação organizacional – e suas sequelas de individualismo – gerados no campesinato durante séculos de exclusão.
- Representação de seus associados junto aos órgãos máximos do Estado e a outras organizações sociais, em todas as instâncias administrativas e políticas do país.
- Consolidação de sua estrutura de base. A organização abrange todas as zonas geográficas, pois estruturou-se de acordo com a divisão político-administrativa de Cuba, para possibilitar a representatividade e a articulação do trabalho nas diferentes instâncias.
- Melhoria de sua participação na produção de alimentos e outras culturas de interesse para a economia nacional.
- Manutenção da estabilidade de sua população associada durante quase 50 anos além de praticamente duplicá-la nos últimos 20 anos.

6. Aplicar medidas de controle biológico contra as pragas.
7. Desenvolver mais o cultivo de plantas medicinais para uso de pessoas e animais.
8. Implementar um plano rigoroso de reflorestamento.
9. Implementar processos de diversificação mediante o fomento da criação de pequenos animais, produção intensiva de hortaliças, popularização do cultivo de arroz e desenvolvimento dos pomares.
10. Promover novas formas de organização, descentralização e estímulo ao trabalho coletivo nas CPA.
11. Fortalecer as capacidades de incidência, gestão e prestação de serviços nas CCS.

Portanto, os camponeses cubanos enfrentaram a tarefa fundamental que foi a recuperação das práticas produtivas tradicionais, pois estas não dependiam de insumos externos. Algumas dessas práticas típicas da época constam do Quadro 2.1.

Quadro 2.1. Práticas agroecológicas no início do Período Especial (1990-1997)

- Adubos orgânicos (excremento de galinhas, bagaço de cana).
- Biofertilizantes.
- Controles biológicos (biopesticidas).
- Rações, pastos e forrageiras alternativas para alimentar os animais.
- Cultivo de variedades resistentes e início do resgate de variedades tradicionais de cultivos e raças tradicionais de animais.
- Fortalecimento do uso de tração animal e inovação de implementos alternativos.
- Conservação de alimentos por via artesanal.
- Diversificação dos estabelecimentos rurais e dos sistemas de produção.
- Resgate dos moinhos de vento e difusão do carneiro hidráulico.

Fonte: Entrevista coletiva com promotores (produtores), facilitadores e coordenadores do MACAC, Oficina de Sistematização, Santa Clara, 25 de novembro de 2008.

A ciência, uma aliada

Com a redução de insumos químicos instrumentalizou-se sua substituição por produtos locais e, na maioria dos casos, biológicos. Dessa forma, ocorreu uma interação positiva entre o resgate da agricultura camponesa e os avanços tecnológicos alternativos provenientes dos institutos de pesquisa.

ACIMA: produtos e meios biológicos produzidos por camponesas e camponeses.
ABAIXO: uma fonte de energia alternativa foi o biogás.

Produção de Meios Biológicos em um CREE. Província de Matanzas

Torna-se necessário destacar aqui o papel relevante da então nova geração de cientistas cubanos (Rosset, 1999) que, sendo crítica do modelo empregado pela Revolução Verde e diante da deterioração que previa, vislumbrou outras opções para fazer-lhe frente, tais como o Manejo Integrado de Pragas (MIP). Desde muito antes do Período Especial, graças à promoção, a partir dos centros de pesquisa nacional e à boa assimilação pelos camponeses, iniciou-se em Cuba o MIP, que não é mais que a integração de todas as táticas possíveis para prevenir ou reduzir afetações por pragas, buscando mantê-las em níveis inferiores ao limiar econômico.

O MIP revolucionou a luta contra as pragas, porque implicou em utilizar os pesticidas apenas como último recurso – depois que todos os demais métodos disponíveis tivessem fracassado–, segundo o nível das populações e dos danos. Também favoreceu a integração das atividades culturais, o melhoramento genético e o consórcio de cultivos, entre outras práticas agronômicas.

Depois, o fomento à luta biológica viabilizou-se com a construção de 276 Centros de Reprodução de Entomófagos e Entomopatógenos (CREE), laboratórios especializados na produção de meios biológicos. O programa foi acompanhado por um processo de divulgação sobre seus benefícios e os requisitos para sua aplicação.

Graças a este trabalho, ampliou-se rapidamente a produção e uso de controles biológicos de pragas e doenças nos cultivos, assim como os biofertilizantes produzidos na base de fórmulas microbianas. O que, por sua vez, significou uma nova rodada de investimentos nos CREE.

Não obstante, até a tecnologia mais “ecológica” daquela época tinha debilidades.

Assumir o desafio da substituição de insumos

O esforço de Cuba por transformar a agricultura concentrou-se, nesta primeira fase, na substituição de insumos (Rosset, 2001), como biopesticidas e biofertilizantes, pois são menos nocivos que os produtos químicos, embora tenham que ser adquiridos fora da propriedade.

Quadro 2.2 Fortalezas e debilidades de diferentes enfoques na agricultura

Aspecto	Agricultura industrial convencional	Agroecologia
Insumos	Potentes	Mais fracos
Sinergias	Ausentes	Potentes
Capacidade para recuperar recursos degradados	Só oferece insumos para mascarar problemas	Alta

Mas, se há críticas a fazer, é que a substituição de insumos não aproveita bem as vantagens da agroecologia, pois não rompe a lógica do uso intensivo de insumos e da dependência, como ficou demonstrado pela esporádica interrupção da produção de meios biológicos nos CREE, devido a cortes de energia elétrica, falta de meios de cultivo ou de inóculo etc. (Rosset e Moore, 1998). Não há dúvida que para controlar uma praga é melhor usar uma bactéria inócua produzida localmente – ainda que fora da propriedade –, do que usar um pesticida altamente tóxico e importado. Melhor um biofertilizante microbiano do que um adubo químico. Estes insumos alternativos reduzem os graus de contaminação, de toxicidade para os seres humanos e os danos aos ecossistemas. Além do mais, produzi-los não custa muito, em divisas. Mas, ainda assim, não resolvem os problemas "estruturais" do agroecossistema, como a falta de agrobiodiversidade funcional e de matéria orgânica. Em outras palavras, mantém-se intacta a lógica da monocultura. É como uma Revolução Verde, mas sem insumos tóxicos.

Estes insumos, ainda que bons, não são tão potentes quanto a seus efeitos visíveis e imediatos como os agrotóxicos que substituem. Sobretudo, os insumos não são uma ênfase do enfoque agroecológico, que reside, isso sim,

Uso de fontes de energia alternativa, carneiro hidráulico. Província de Sancti Spíritus.

nas potentes interações e sinergias que se obtêm nos sistemas realmente integrados. Os exemplos são muitos: uma cultura associada pode desestimular as pragas de outra cultura consorciada, tornando desnecessário qualquer inseticida químico ou biológico; ou, uma boa fixação biológica de nitrogênio e solubilização de fósforo no solo vivo reduzirá a necessidade de aplicar adubos químicos ou orgânicos etc.

Restaurar a integração plena e o bom funcionamento dos agroecossistemas toma tempo e requer conhecimento. No entanto, a substituição de insumos tem sua utilidade, pois usar um insumo em lugar de outro é bom para responder a uma situação de emergência, como ocorreu em Cuba diante do colapso comercial e da crise alimentar.

Durante o Período Especial, a substituição de insumos facilitou ganhar o tempo de que o país precisava por muitas razões; entre elas, repensar suas estruturas e sistemas de produção. Enfim, foi graças à combinação de tradição e modernidade que Cuba, as famílias cubanas e sua Revolução conseguiram sobreviver aos anos mais difíceis, no começo do Período Especial. Talvez as pessoas não tenham comido tanto como antes. Mas comeram. E já em meados de 1995, a maioria dos cubanos não enfrentava reduções drásticas no abastecimento básico de alimentos.

No entanto, como se verá nos capítulos seguintes, o Movimento Agroecológico retomou nos anos posteriores – e com força – a necessidade da integração agroecológica.

A tração animal: regresso ao futuro?

Os primeiros anos do Período Especial foram marcados por mudanças na tecnologia de produção. Talvez uma das mais notáveis tenha sido o resgate generalizado da tração animal, diante da impossibilidade de manter o alto nível de mecanização da agricultura cubana. Cuba chegara a ser um dos países mais mecanizados do continente; mas, durante o Período Especial, tornou-se necessário aumentar a produção de alimentos quase sem tratores (Arcadio e Ponce, 2001). Isso foi possível graças a uma política estatal apoiada naquela parte do campesinato que não abandonara a junta de bois.

Assim, foram montadas escolas para os que lidam com gado (peões), para que os professores camponeses ensinassem a todos como usar os bois para preparar e cultivar a terra, no que efetivamente transformou-se em um programa nacional de resgate cultural. Em 1989, chegou-se à cifra de 280.888 animais domesticados para este fim, a que se somou uma utilização mais ampla dos equinos nas tarefas agrícolas e para o transporte de produtos, insumos e pessoal.

Por sua vez, o Instituto de Pesquisas de Mecanização Agropecuária (IIMA na sigla em espanhol) reorientou sua pesquisa para o desenvolvimento de implementos alternativos para uso na tração animal. Um exemplo foi o

Verdadeiros jardins

Vamos nos esquecer, neste programa, de tratores e combustível. Ainda que os tivéssemos em quantidades suficientes, o conceito consiste em executá-lo fundamentalmente com bois, pois são propriedades pequenas; aliás, um número crescente de produtores vem trabalhando desse modo com excelentes resultados. Visitei alguns e pude comprovar que transformaram as terras em que trabalham em verdadeiros jardins, aproveitando cada palmo de terreno.

Fragmento do discurso pronunciado pelo presidente Raúl Castro Ruz, no Terceiro Período Ordinário de Sessões da VII Legislatura da Assembleia Nacional do Poder Popular, em 1° de agosto de 2009.

Uso de bois com implemento resultante da inovação camponesa. Propriedade "Los Velásquez", Província de Las Tunas.

desenvolvimento de um novo tipo de arado, chamado "Multiarado", que serve para roçar, cruzar, sulcar, plantar e aporcar; e, além disso, com ajuda de diferentes equipamentos, pode ser utilizado para semear, cobrir e outras tarefas. A este trabalho somou-se a experimentação camponesa, que contribuiu com invenções e soluções para múltiplos problemas em todas as regiões do país. De fato, naquela época, os camponeses cubanos fizeram da necessidade, virtude. A desvantagem de não poder contar com os tratores transformou-se em força, pois surgiu uma crítica incisiva ao excesso de mecanização e seus impactos negativos na sustentabilidade, razão pela qual surgiu uma escola de pensamento que valorizava as vantagens da tração animal (Arcadio e Ponce, 2001).

Retorno ao campo

Uma combinação de fatores favoreceu a volta das pessoas para o campo e sua incorporação à agricultura – ou reincorporação, no caso de indivíduos e famílias de ascendência camponesa – foi facilitada pelas novas políticas estatais. Cuba passou, de um período de migração em massa do campo para a cidade, a uma época mais estável, com tendência para um saldo positivo em relação ao retorno ao campo. Pequeno, porém real.

O Estado favoreceu este processo a partir de 1994, mediante a entrega de terras em usufruto a mais de 140 mil famílias, principalmente para incrementar a produção de alimentos e de outras culturas de interesse econômico para o país, como fumo, café e cacau.

Por outro lado, nos anos de escassez alimentar, comia-se melhor no campo. A crise econômica que afetava o emprego urbano, somada aos preços de colheita mais flexíveis e em muitos casos mais altos, significava que mesmo um profissional liberal da cidade podia melhorar seu nível de vida ao transformar-se em agricultor.

Além do mais, o enfoque agroecológico da agricultura tem o efeito de reduzir a monotonia do trabalho agrícola – típica da monocultura industrial –, abrindo caminho para uma agricultura que cativa a imaginação, que conquista a mente e a criatividade das pessoas. Assim, a agricultura transformou-se em um ofício interessante e bem remunerado que levou à reintegração da família camponesa à propriedade rural e à incorporação de jovens interessados e interessadas nas novas perspectivas e em horizontes mais auspiciosos.

Foi uma época em que o povo cubano aumentou seu espírito de resistência, disposto a suportar a escassez e as dificuldades e a seguir em frente. O fortalecimento dos valores socialistas, o fato de compartilhar os problemas e pensar coletivamente as soluções, foram aspectos que marcaram este período.

Como se vê, a necessidade obrigou a utilizar práticas mais ecológicas. Mas, depois, foi a própria sociedade que descobriu que era isso o que se devia fazer, com ou sem crise. Cresceu a crítica ambiental e social à Revolução Verde e a seus impactos, e floresceram os valores ambientalistas. Foi neste período que se originaram importantes mudanças, reforçando a política ambiental da Revolução.

Frente à crise, mudanças nas formas de organização

Com a substituição de insumos, a tração animal e o retorno parcial ao campo, Cuba sobreviveu a uma das épocas mais difíceis de sua história. No setor camponês, favorecido por sua memória coletiva acerca de como "os pais e avós produziam, antes da Revolução Verde", verificou-se em pouco tempo uma recuperação produtiva mais rápida do que em outras formas de produção. Esta tendência foi mais nítida e rápida nos estabelecimentos dos produtores individuais das Cooperativas de Créditos e Serviços (CCS), e mais lenta e menos completa nas Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA); pior ainda nas grandes empresas estatais.

Uma das causas dessa lentidão na recuperação produtiva das CPA e das empresas estatais foi a forma de organização e de estímulo ao trabalho. Nas empresas estatais e nas CPA, os trabalhadores organizaram-se em brigadas que trabalhavam em qualquer área ou atividade, de acordo com as decisões da direção da entidade. Em troca, eram remunerados de acordo com o cumprimento das normas de trabalho. Nessas condições, o trabalhador não podia experimentar a satisfação de uma boa colheita como resultado de seu próprio trabalho. Esta desvinculação transformou-se em alienação ou apatia, provocando baixa produtividade do trabalho e, em consequência, dos plantios (Rosset, 1997; Rosset e Benjamin, 1994). Para elevar a produtividade e lograr uma recuperação mais rápida nas fazendas estatais e nas CPA, implantou-se um novo conceito, denominado "Vinculação do homem à área e aos resultados finais". O que significava vincular a pessoa a uma área específica e a remuneração do trabalhador aos resultados de seu trabalho, medidos estes, geralmente, pelo rendimento e pela rentabilidade da área a que estava vinculado. Ao aplicar este conceito, a ANAP injetou nas CPA um dos segredos do êxito das CCS: a vinculação do homem a sua terra, método que propiciou, também, uma vinculação maior da família às formas coletivas de trabalho.

Enquanto isso, o setor estatal – constituído por grandes empresas – não se mostrou capaz de promover a transformação tecnológica. Em geral, manteve um atraso produtivo na nova situação. Por isso, no final de 1993, iniciou-se um processo de fracionamento da maioria das empresas estatais em unidades de manejo menores, adotando-se novos conceitos: as Unidades Básicas de Produção Cooperativa (UBPC). As UBPC são estruturas de produção baseadas em formas cooperativas de funcionamento, na base da propriedade estatal da terra, entregue em usufruto gratuito. Os outros meios de produção, tais como as construções, as máquinas, os animais, equipamentos de irrigação, ferramentas etc., passaram a ser propriedade das UBPC (Martin, 2001).

O resultado das UBPC tem sido variável até hoje e não é o tema deste livro. No entanto, sua criação pode ser considerada evidência da necessidade de manejar áreas menores e de aplicar modalidades de organização adequadas, para lograr a compatibilidade com técnicas de produção mais sustentáveis.

Em 1995, a ANAP tomou a decisão de fortalecer as CCS, ampliando suas direções, dotando-as de equipamentos administrativos, meios e plenas faculdades para a prestação de serviços aos sócios, o que implicou num processo de capacitação para seus dirigentes. Se a vinculação nas CPA significou injetar nelas o melhor das CCS, o fortalecimento das CCS foi algo como injetar-lhes

o melhor das CPA (maior capacidade de gestão e de administração, bens coletivos etc.). As CCS fortalecidas aumentaram a produção e cresceram constantemente em número de associados, devido à incorporação de familiares e dos novos possuidores usufrutuários. Por isso, sem dúvida, as CCS mostraram-se as unidades mais estáveis e de mais rápida recuperação produtiva nas condições de crise.

Ferando Dorin Infante; CCS José Martí, Perico, Matanzas.

Recursos metodológicos durante a transição tecnológica

As mudanças tecnológicas na agricultura cubana durante este período caracterizaram-se por uma mescla de métodos clássicos de extensão agrícola e de projetos aos quais foram incorporados a iniciativa camponesa individual, um movimento de cientistas que buscava gerar tecnologias mais ecológicas e uma série de medidas do Estado no plano das políticas setoriais.

Quando chegou 1997, alguns camponeses individuais já possuíam sistemas de produção altamente integrados e agroecológicos, mas a grande maioria dos agricultores cubanos estava ainda em um ou outro ponto intermediário entre uma Revolução Verde – em plena decadência – e a implementação não muito sistemática de diversos elementos da substituição de insumos.

A ANAP percebeu a necessidade de que mais famílias adotassem práticas agroecológicas. Foi justamente naquele momento, quando se evidenciou a carência metodológica para responder às novas necessidades, que a ANAP descobriu o método de Camponês a Camponês em outros países e o levou a Cuba.

CAPÍTULO 3

Início da metodologia Camponês a Camponês em Cuba (1997-2000)

• Chegada do Camponês a Camponês a Cuba • Metodologia Comunicação horizontal • Princípios e atividades

Chega a Cuba uma metodologia de trabalho diferente

No final da etapa anterior, ficou evidente em Cuba que o caminho para sair de maneira definitiva da crise alimentar era a agroecologia, pois vários de seus elementos já estavam sendo praticados, em maior ou menor escala. No entanto, faltava uma metodologia para generalizar sua disseminação. Em diversos países do mundo – e o caso de Cuba não é muito diferente –, notou-se que a divulgação da agroecologia por meio do extensionismo clássico, do técnico para o camponês, limita-se fundamentalmente ao número de técnicos permitido pelo orçamento das instituições. Isto é, este método não desencadeia nenhum processo autocatalítico entre o campesinato. Pelo contrário, no método de Camponês a Camponês (CAC), o

protagonista é o camponês ou a camponesa, e não o técnico (Holt Giménez, 2008). O que constitui o mais fundamental (embora não o único) segredo de seu êxito, pois, como se diz na roça: "o camponês acredita mais no que faz outro camponês do que no que diz um técnico".

Finalmente, trata-se de um processo dinamizador, que adota seu próprio ritmo e vai muito mais longe em menos tempo do que a assistência dos técnicos. O CAC tem mais a ver com os processos sociais do que com as tecnologias.

A verdade é que são muitos e muito bons os métodos agroecológicos disponíveis para a produção de alimentos. O problema é que, na maioria dos casos, sua ampla disseminação e adoção ficam limitadas por carências metodológicas que terminam por transformar-se em um problema, para o qual o CAC oferece soluções.

A metodologia do CAC não foi inventada em Cuba. No mundo inteiro e ao longo da história, a família camponesa fez experiências com diferentes métodos de plantio e produção, para depois compartilhar de vizinho a vizinho o conhecimento resultante. Foi a modernização brutal – por meio do despojo e deslocamento do conhecimento local e tradicional que acompanharam a Revolução Verde – que gerou um ruptura entre o conhecimento tradicional e o moderno, assim como o virtual abandono de muitas tradições importantes de cultivo. Por sorte, sempre restaram conhecimentos remanescentes e memórias coletivas, e é com base nestes elementos que são construídos os métodos do CAC.

Na Guatemala, México e Honduras, o CAC se desenvolveu à margem das organizações camponesas nacionais. Seu caldo de cultivo foi a comunidade camponesa indígena; e sua base, as organizações comunitárias locais. Graças a isso, sua cobertura nas organizações de base comunitária cresceu rapidamente. Mas, além desses limites não aconteceu a mesma coisa, pois não havia estruturas organizativas que fossem além de uma ou algumas comunidades ou municípios. Pelo contrário, na Nicarágua, o CAC cresceu mais rapidamente do que nos casos anteriores; em boa parte, devido ao maior grau de organicidade e de mobilização da base camponesa, fruto da Revolução Sandinista, mas também porque foi adotado por uma organização camponesa de caráter nacional: a União Nacional de Agricultores e Pecuaristas (UNAG na sigla em espanhol) (Holt Giménez, 2008; Vásquez Zeledón e Rivas Espinoza, 2006.)

O método CAC chegou a Cuba por volta de 1997. No entanto, sua repercussão foi maior ainda do que na Nicarágua. E, mais: somando-se todas

as experiências, na América Central o CAC chegou a 30 mil famílias ao longo de 30 anos. Em Cuba atingiu mais de 100 mil famílias em apenas uma década. Por que cresceu mais e com maior rapidez em Cuba? Como se verá neste e nos próximos capítulos, a resposta é complexa, mas está relacionada à maior intencionalidade e urgência que Cuba atribuiu ao CAC. E também porque a ANAP organizou o CAC em Cuba de maneira mais sistemática e, talvez, menos espontânea. A ANAP – pode-se dizer – agregou métodos adicionais à "caixa de ferramentas" de Camponês a Camponês, além de refinar outros.

Arrancada do CAC

As relações da ANAP com organizações camponesas e indígenas do México, da América Central e do Caribe, os frutíferos intercâmbios com personalidades que estudam a agricultura sustentável e a cooperação internacional, facilitaram a consolidação de uma visão agroecológica utilizando uma nova metodologia.

Chegou para ficar

Sei que desde 1993 alguns cooperativados da ANAP começaram a fazer intercâmbios esporádicos com atores do Programa de Camponês a Camponês do México e da Nicarágua, sem que tenham chegado a compromissos e ações de desenvolvimento. No verão de 1995, recebemos na ANAP os companheiros Bairon Corrales e Marcial López, dirigentes da Associação Nacional de Agricultores e Pecuaristas (UNAG) da Nicarágua, que vieram trocar impressões com a ANAP sobre as potencialidades do Programa Camponês a Camponês para com novos métodos chegar de forma rápida a uma agricultura mais sustentável. Na visita convidaram-nos para participar do VI Encontro Regional de Camponês a Camponês que devia realizar-se em Honduras, em novembro de 1995.

A Direção da ANAP aceitou o convite e decidiu indicar-me para representar a organização camponesa cubana e conhecer as experiências que seriam relatadas no evento. Na data indicada parti para participar do Encontro, estando prevista uma passagem pela Nicarágua, onde eu receberia o visto. Estando em Manágua, a Embaixada de Honduras não me deu o visto. Não pude ir ao Encontro, razão pela qual decidi enviar-lhes uma carta, expondo a situação, assim como o interesse e a disposição de conhecer e poder utilizar em meu país as experiências que seriam analisadas no Encontro.

O representante da equipe técnica do CAC da UNAG no Encontro leu o documento e, num ato de solidariedade com nosso país, decidiu-se sediar em Cuba o VII Encontro, o

Intercâmbio entre Províncias no início do CAC. Províncias de Villa Clara, Cienfuegos e Sancti Spíritus.

que foi devidamente comunicado à Direção da ANAP, que começou imediatamente os preparativos para a exitosa realização do evento.

Empreguei na Nicarágua os dias planejados para o Encontro, fazendo visitas, ocasião em que pude conhecer várias experiências, trocar ideias com facilitadores, promotores e com a equipe técnica da UNAG; tive também a oportunidade de conhecer Enrique Kolmans, assessor que trabalhava em função do Programa de Camponês a Camponês na Nicarágua.

Por fim, entre 18 e 23 de novembro de 1996, realizou-se no Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez", em Güira de Melena, província de Havana, o VII Encontro Regional de Camponês a Camponês, com a participação de quase 90 delegados da América Central, México e Caribe, uma representação de camponeses e cooperativados cubanos pertencentes à ANAP e outros atores interessados.

No Encontro, a ANAP foi eleita membro da Comissão de Contato e Acompanhamento do Movimento de Camponês a Camponês, órgão permanente do Programa, que trabalhava entre um e outro encontro, decisão que implicou para a ANAP na necessidade de participar de várias atividades de intercâmbio e contato que nos serviram para aprender muito mais sobre o assunto.

Propositalmente, o escritório de Cooperação Internacional da ANAP, uma vez terminado o Encontro, começou a formular um projeto para a implementação da agroecologia e da metodologia de Camponês a Camponês; este projeto foi

finalizado no começo de 1997, e depois de apresentado, teve seu financiamento aprovado pela ONG alemã “Pão Para o Mundo”.

Mostrou-se de grande importância que tenhamos previsto no projeto, além dos recursos financeiros, assessoria para formação das equipes de facilitação do processo, mediante a introdução da metodologia de Camponês a Camponês.

Previa-se desenvolver o projeto inicialmente na província de Villa Clara, localizada na região central de Cuba, com a perspectiva de estendê-lo às províncias próximas de Cienfuegos e Sancti Spíritus; esta localização viabilizaria também futuros passos para a extensão do programa a outras regiões.

Já em novembro de 1997, convocamos a primeira oficina de preparação da equipe de facilitação, com a participação dos futuros facilitadores, de quadros da ANAP na província e no país. Serviram como facilitadores da oficina, Enrique Kolmans, Jairo Restrepo y Marcial López.

Assim começou, há mais de uma década, a concretização de uma ideia que no princípio pareceu-nos estranha, que depois interiorizamos, transmitimos a muitos companheiros e que hoje já se estendeu por todo o país. E, como dizemos em bom cubano: chegou para ficar.

Leonardo Chirino González
Quadro da ANAP e fundador do Programa Camponês a Camponês, ANAP-Cuba.

Da nova perspectiva, a ANAP lançou Camponês a Camponês em 1997, com um projeto financiado pela ONG alemã “Pão para o Mundo”, na província central de Villa Clara. Seu principal propósito era formar metodologicamente os recursos humanos necessários para desenvolver o programa, mediante a identificação dos principais atores, a determinação de suas funções e capacitação.

A partir de 1999, o projeto estendeu-se gradualmente para o resto do país, com o apoio financeiro de outras organizações, como a Oxfam e o Centro Católico Francês para o Desenvolvimento (CCFD). Devido aos resultados e alcance do programa, este processo criou as condições para que, dois anos depois, o CAC se transformasse em Movimento Nacional.

As ações iniciais centraram-se na formação e capacitação das equipes de facilitação e promoção, que aprendiam os aspectos essenciais da metodologia Camponês a Camponês e, também, como planejar, monitorar e avaliar a marcha do processo, concebido inicialmente em três etapas fundamentais:

1. Problematização: baseada, sobretudo, no diagnóstico rural participativo.
2. Experimentação: prova e adaptação das práticas aprendidas às condições particulares das roças.
3. Promoção e multiplicação de práticas: objetivo do programa Camponês a Camponês.

Assim, na experiência cubana, a metodologia do CAC foi concebida como o sistema de métodos, procedimentos e técnicas que facilitam o

Passo à frente

O CAC chegou quando eu era instrutor da ANAP, no município de Ciego de Ávila. Naquele momento não existiam os coordenadores municipais, razão pela qual desempenhei a função de facilitador municipal.

Intercâmbio entre promotores: aprendendo com o exemplo prático. Província de Holguín

Meu trabalho consistia em visitar diretamente a base produtiva das CPA e CCS; assim, dispus-me a selecionar um facilitador em cada organismo de base do município. Com eles realizamos uma oficina de capacitação, tendo conseguido que se entusiasmassem e identificassem vários promotores por cada organismo de base.

Quando a gente falava com eles, não entendiam muito bem, mas iam em frente e, tendo espaço nas Assembleias Gerais, expunham suas experiências, o que deu um grande resultado, porque já não era um quadro que lhes falava, e sim um promotor ou produtor como os demais.

Julio A. Infante Sánchez, facilitador
Município de Ciego de Ávila

Quadro 3.1. Práticas agroecológicas em auge durante este período (1997-2000).

- Trânsito da substituição de insumos para a agroecologia
- Descentralização da produção agropecuária
- Diagnóstico Rápido Participativo (DRP)
- Integração lavoura-pecuária
- Aplicação de adubos orgânicos
- Consórcios de culturas (policultivos)
- Plantio de alimentos para animais (Leucaena, King grass etc.)
- Plantas medicinais
- Início dos viveiros
- Agricultura urbana e organopônicos (cultivo em estufas)

Fonte: Entrevista coletiva com promotores (produtores), facilitadores e coordenadores do MACAC, Oficina de Sistematização, Santa Clara, 25 de novembro de 2008.

desencadeamento de processos de intercâmbio e de aprendizagem entre os camponeses(as) e suas famílias, assim como entre dirigentes, técnicos, pesquisadores e outros atores relacionados. O objetivo era envolver e comprometer os atores interessados na transformação da agricultura para um modelo cada vez mais sustentável, por meio da análise e das projeções no próprio cenário produtivo e de uma perspectiva muito mais participativa.

Por sua vez, nos diálogos e assessorias promovidos pela organização alemã "Pão para o Mundo", dos quais a ANAP participou e que ficaram compendiados no livro *Construindo processos de Camponês a Camponês* (Kohlmans, 2006), foi definida a metodologia de Camponês a Camponês como "uma forma de promoção e melhoria dos sistemas produtivos, para permitir-lhes alcançar maiores índices de sustentabilidade, partindo do princípio de que a participação e o empoderamento de seus próprios atores são elementos intrínsecos ao desenvolvimento sustentável, que se concentra na iniciativa e no protagonismo de camponeses e camponesas". Não há dúvida que esta metodologia mostrou-se um instrumento simples, que conseguiu dinamizar a transmissão horizontal e a socialização do conhecimento e as boas práticas, de uns camponeses para outros. E, também, envolveu adequadamente – em condições de igual participação – técnicos, pesquisadores e dirigentes, o que propiciou um diálogo de saberes com um sentido mais profundo de pertença e mais compromisso social.

A prática, poder fundamental

O fato é que os técnicos saídos da universidade não têm conhecimento prático nem metodologia de trabalho e de comunicação com os camponeses. A metodologia do CAC veio para mudar tudo isso. O camponês se convence com a prática.

Intercâmbio entre Províncias no início do CAC. Províncias de Villa Clara, Cienfuegos e Sancti Spíritus.

Amaury Ramos, promotor
Jimaguayú, província de Camagüey

Comunicação horizontal versus extensionismo clássico

Uma análise superficial pode nos levar a separar ou reduzir a importância do vínculo existente entre os métodos para difusão do conhecimento e as tecnologias que correspondem a um modelo ou outro de agricultura. O modelo convencional – orientado para o mercado e os lucros, baseado em receitas e pacotes tecnológicos projetados para todos e para todos os lugares, alheio a problemas ambientais e de sustentabilidade – é coerente com o método de caráter linear vertical, desvinculado das necessidades, elementos culturais e conhecimentos locais.

Ao contrário, à difusão de um modelo sustentável, ajustado às possibilidades e necessidades locais, e que parta de dentro – das famílias e comunidades –, correspondem métodos participativos que levam em conta necessidades, cultura e condições do meio ambiente e que, ao mesmo tempo, desencadeiam o protagonismo e o compromisso camponeses. Eis aí a base do êxito da metodologia Camponês a Camponês: descobrir, reconhecer, aproveitar e socializar o rico acervo de conhecimentos das famílias e comunidades agrícolas, ligado a suas condições históricas concretas e a sua própria identidade. Isto é, este

método demonstra uma preocupação maior com as dimensões social, econômica, ecológica e cultural do trabalho camponês.

Na concepção clássica do extensionismo, o objetivo dos técnicos era mudar os conhecimentos dos camponeses pelos conhecimentos que pretendiam divulgar, tornando assim a educação uma espécie de prática de domesticação.

Por outro lado – e segundo Paulo Freire (1973) –, a verdadeira fonte do conhecimento desenvolve-se no confronto com o mundo. Foi isso exatamente o que ocorreu nas jornadas de intercâmbio de experiências, encontros, visitas e demais atividades que se realizaram em função do conteúdo da metodologia do CAC. A comunicação entre iguais possibilitou gerar conhecimentos entre os participantes, para com isso chegar a uma ação transformadora da realidade. Portanto, o conhecimento resultante foi social, porque as pessoas atuaram relacionando-se umas com as outras.

A figura 3.1 mostra a diferença essencial entre a metodologia do extensionismo clássico e a do CAC. Na primeira, os protagonistas do processo de geração e transferência de tecnologia são os pesquisadores e os técnicos extensionistas. O camponês – ou a família camponesa – é um ator passivo na quase totalidade do processo, pois só no final se lhe permite uma ação: adotar ou rejeitar a tecnologia proposta. Fica excluída do processo toda a capacidade inovadora dos camponeses.

Figura 3.1. Extensionismo clássico versus Camponês a camponês.

Extensionismo clássico

Pesquisadores desenvolvem determinada tecnologia

Põem à prova no campo

Põem à prova em algumas roças

Extensionistas montam lotes demonstrativos, dias de campo e fazem visitas de assistência técnica

A família camponesa adota ou rejeita a tecnologia

Camponês a camponês

Um camponês já tem uma solução ou inova uma solução para um problema que é comum entre outros camponeses

Transforma-se em promotor desta prática nova ou recuperada

Realizam-se intercâmbios onde outros(as) visitam sua roça para aprender ou onde ele visita outros para ensinar

Muitas vezes investem-se enormes somas para gerar tecnologias que nunca são adotadas. Em troca, uma intervenção camponesa oportuna no início do processo teria podido indicar a incompatibilidade dessa tecnologia com a realidade. Ao contrário deste exemplo, com a metodologia do CAC, os camponeses e camponesas têm o papel principal no processo que é, portanto, muito mais dinâmico e eficiente. Cabe esclarecer aqui que o CAC não exclui os técnicos nem os pesquisadores. Pelo contrário, os primeiros devem facilitar o processo de intercâmbio e comunicar os resultados obtidos pelos pesquisadores nas capacitações que dão aos promotores. No entanto, embora não os exclua como participantes, sim, exige deles uma mentalidade diferente, atitudes diferentes, pois já não são os donos da verdade, e sim participantes com papéis definidos.

Princípios que regem o programa de Camponês a Camponês

A implantação da agroecologia implicou na necessária transformação de técnicas e no desenvolvimento de muitos e novos conceitos. Numerosas experiências de Camponês a Camponês coincidiram quanto à necessidade de trabalhar com base em um programa que integrasse os elementos metodológicos aos tecnológicos. Para isso, o desenvolvimento da metodologia do CAC, desde sua chegada a Cuba, fundamentou-se em cinco princípios:

1. Começar devagar e em pequena escala.

Este princípio facilita a avaliação, a reflexão e a retificação de erros, assim como diminui a magnitude dos possíveis riscos. Contribui para que os camponeses possam participar mais e administrar melhor seu trabalho na roça.

Vista-me devagar que estou com pressa.

2. Limitar a introdução de tecnologias.

Não é necessário introduzir muitas técnicas agroecológicas ao mesmo tempo. É mais rápido dominar uma a uma as inovações, consolidando-as e integrando-as pouco a pouco.

Deve-se começar por aquelas técnicas que enfrentam e resolvem os maiores problemas produtivos e que ao mesmo tempo têm os menores custos iniciais, são fáceis de realizar e levam de maneira mais rápida a um resultado. Depois pode-se continuar com outras técnicas mais complexas. *Mais vale uma ideia na cabeça de cem, do que cem ideias na cabeça de um.*

3. Obter êxito rápido e identificável.

O entusiasmo é gerador de novas ideias e as vitórias obtidas são o estímulo mais eficaz. Este princípio busca ser o motor moral na construção e reconhecimento dos progressos do trabalho cotidiano.

A palavra convence, mas o exemplo arrasta.

4. Experimentar em pequena escala.

Experimentar não é outra coisa senão pôr à prova, comprovar, adaptar e adotar, a partir das necessidades, uma nova técnica ou solução. Graças a este princípio, o camponês transforma-se em um ativo experimentador e inovador e a roça, em permanente e rico laboratório. Permite comprovar as tecnologias que servem ou não. Este princípio nos afasta, definitivamente, das receitas genéricas e dos pacotes tecnológicos planejados para todos e para todos os lugares. Proporciona segurança e confiança na tecnologia.

É preciso engatinhar antes de caminhar.

5. Desenvolver um efeito multiplicador.

A multiplicação entre e pelos próprios camponeses dos resultados e experiências obtidas é a única forma de poder chegar à extensão e massificação deste sistema de produção, a fim de obter um impacto real no meio ambiente; e de fazer com que seus resultados favoreçam a economia. Na medida em que os camponeses transformam-se em multiplicadores adquirem mais destreza na produção e na comunicação. O ensino permite conhecer um tema em profundidade; grande parte deste ensino reside no exemplo vivo, comunicado de camponês a camponês. *Quando o camponês vê, ele acredita.*

Principais atividades da metodologia de Camponês a Camponês

As características participativas da metodologia de Camponês a Camponês e a tradição e hábitos da ANAP na promoção agroecológica estão baseadas em atividades onde se usam diferentes ferramentas:

A seguir, uma lista das atividades mais comumente utilizadas:

Assembleia de Associados

Na cooperativa, a Assembleia de Associados é uma atividade sistemática que possibilita realizar múltiplas atividades do processo: a aproximação metodológica e a organização de promoção. Na Assembleia apresenta-se e aprova-se o facilitador e identificam-se os camponeses que virão a ser promotores, os

Instrumentos na metodologia de Camponês a Camponês

Os instrumentos podem ser usados em diferentes atividades (intercâmbios de experiências e encontros, por exemplo) e com distintos fins: motivar, animar ou chamar à reflexão. O uso dos instrumentos possibilita desenvolver o trabalho de promoção em um ambiente motivador e, também, conseguir maior compreensão.

A roça
É o instrumento básico e o suporte para realizar a experimentação. Ela demonstra e convence sobre os resultados de cada experiência.

Os testemunhos
São asseverações feitas pelo promotor ou outro camponês sobre a solução de um problema ou a obtenção de um resultado na implementação da agricultura ecológica. Têm um inestimável valor didático, devido à força da palavra e da honra camponesas.

As demonstrações didáticas
Trata-se de um tipo de instrumento que serve para demonstrar, de maneira visual e prática, um processo negativo ou positivo. A demonstração deve ser sempre acompanhada de uma explicação e do debate entre os presentes.

Exibição de produtos / sementes / materiais / inovações
Usa-se nos intercâmbios de experiências e nos encontros. Tanto visitantes como visitados gostam de apresentar seus produtos, suas sementes, materiais e inovações. Gostam de explicar como chegaram a elas e de debater critérios sobre seus resultados.

Dinâmicas de animação
Servem para melhorar o ânimo dos participantes em reuniões e oficinas. Também ajudam a entender melhor os temas expostos. Podem ser jogos ou atividades com certo conteúdo de comicidade, mas sempre resguardando o respeito à pessoa e às formas de atuação do indivíduo e/ou da comunidade.

Poesias e canções
Podem ser utilizadas em diferentes oportunidades; em espaços intermediários nos encontros e oficinas, por exemplo. Seus objetivos são animar os participantes, expor de forma amena alguns conceitos e, sobretudo, despertar e integrar ao processo de promoção, a espiritualidade e o talento das pessoas e da comunidade.

Sociodramas
Consistem em apresentações teatrais que exibem situações problemáticas e suas soluções por meio de práticas e conceitos da própria metodologia e da agricultura sustentável.

Outros
Utilizam-se também outros instrumentos – fotografias, audiovisuais, mapas, desenhos, cartazes etc. –, segundo a disponibilidade e as condições do lugar onde se faz o trabalho de promoção.

Visita de intercâmbio entre atores do MACAC. Província de Havana.

quais estabelecem compromissos, identificam e incentivam publicamente as melhores experiências. Esta atividade constitui a expressão prática da viabilidade de utilizar as estruturas da ANAP como suporte fundamental para o trabalho de promoção produtiva agroecológica.

Oficinas

São atividades de que participam os atores do CAC. Seu objetivo é socializar as experiências e construir coletivamente novos conhecimentos. Por seu conteúdo, podem ser metodológicas (para preparar promotores, facilitadores e coordenadores quanto aos elementos da metodologia de Camponês a Camponês) ou tecnológicas, para o intercâmbio de experiências sobre o resultado de uma prática ou experiência. Estas últimas, em sua maioria, acontecem na roça do próprio promotor, que ensina as práticas que já utiliza com êxito.

Diagnóstico Rápido Participativo (DRP)

O diagnóstico é a atividade que permite revelar os problemas presentes na roça que afetam ou limitam a produção. Com esta atividade pretende-se

determinar o problema principal, descobrir as causas que o provocam e os recursos de que se dispõe ou que podem ser gerados na própria roça para resolvê-los. A partir da explicitação dos problemas, determina-se a ação a realizar, começando pelas de mais amplo e rápido impacto e de menor custo e risco, o que se conhece como "técnica chave".

O DRP é um princípio e uma atividade estratégica na metodologia, porque desperta o espírito crítico e construtivo da realidade, estimula a experimentação camponesa e – em última instância – acaba com as receitas e pacotes tecnológicos.

As visitas

As visitas constituem uma prática natural e comum entre camponeses. Ocorrem tanto formal como informalmente, para conhecer os resultados de alguma atividade em particular. Sua promoção e organização são de máximo interesse para o CAC.

Intercâmbios

Os intercâmbios consistem na realização de visitas entre camponeses, promotores e cooperativas, para conhecer na prática as experiências e melhorias obtidas por outros camponeses e promotores. Faz parte do processo de motivação e socialização do conhecimento, assim como do compromisso para sua aplicação em outras roças.

Dinâmicas de animação nas oficinas. Província de Guantánamo.

Encontros

Realizam-se geralmente nas instâncias de zona, município, província e país. Participam deles promotores, facilitadores, coordenadores e outros atores e aliados, com o objetivo comum de fazer agricultura ecológica. É um espaço para dar a conhecer experiências, articular ações e traçar pautas.

Consideração final da primeira etapa do Camponês a Camponês

Empregar novos métodos e romper assim a primazia da orientação verticalista que caracterizava o extensionismo clássico, foi um desafio. No entanto, no fim, os resultados alcançados pelo CAC foram além da simples aplicação de uma prática, pois contribuíam para integrar e criar novos conhecimentos, assim como para o desenvolvimento de uma nova consciência camponesa. Esta nova visão se explicita no esclarecimento feito em uma apostila metodológica publicada durante a etapa inicial do processo:

"A ideia de remediar a aguda escassez de recursos não deve desvirtuar a projeção estratégica da agroecologia. Não se trata de estabelecer um modelo conjuntural de substituição de insumos (trocar um fertilizante químico por um orgânico, trocar um inseticida químico por um meio biológico ou um preparado vegetal). Consiste em estabelecer um modelo sustentável que, mediante condições, processos e ciclos produtivos semelhantes aos da natureza, seja capaz de conservar os recursos naturais, aproveitar, regenerar e produzir em si – por si mesmo – os recursos disponíveis ou que se possam obter em cada roça, diminuindo a dependência externa de cada camponês, de cada cooperativa e do país; sendo ademais um fator estratégico para assegurar nossa independência e as conquistas alcançadas." (B. Machín, 2001)

CAPÍTULO 4
Nasce um movimento nacional (2000-2003)

• Movimento político • Estrutura da ANAP e sua importância na conversão do CAC em Movimento Nacional • Cinco passos da metodologia CAC • Uma nova figura: o coordenador

Espero que, dentro de muito poucos anos, este Movimento transforme-se em um grande exército de homens e mulheres em função da alimentação do povo.
Orlando Lugo Fonte
Presidente da ANAP

No decorrer do ano 2000 foi ficando claro o êxito obtido com o método de Camponês a Camponês nas províncias de Cienfuegos e Sancti Spíritus, assim como seu início promissor nas províncias de Holguín, Ciego de Ávila, Matanzas e Havana. No entanto, como disse Orlando Lugo Fonte, presidente da ANAP, devido à dependência de financiamento externo, avançava a passos frustrantes – por sua lentidão –, em face da urgência nacional de produzir mais alimentos sem insumos importados, pois "a economia do país não esperava, a alimentação do povo não esperava, a segurança alimentar não esperava". Como se vê, a urgência não é paciente. Mas a impaciência, neste caso, trouxe mais de uma coisa boa.

O começo de um Movimento Nacional

Em fevereiro de 2001 realizou-se o Primeiro Encontro Nacional do Programa Agroecológico de Camponês a Camponês, com a participação de

cerca de 200 promotores, facilitadores e dirigentes da ANAP, provenientes de oito províncias do país. Naquela ocasião, Lugo Fonte lançou a ideia – talvez crucial para o êxito do CAC em Cuba – de transformar a promoção agroecológica em Movimento estratégico:

O Movimento de vanguarda de nossa organização tem que ser o Movimento dos camponeses promotores da produção. Queremos mil promotores. Efetivamente, que sejam mil promotores produtores. Mas, quando tivermos esses mil, que tenhamos mil camponeses mais aspirando a promotores, e que isto seja uma constante dos companheiros que vão entrando no Movimento. E que este Movimento, em um período relativamente curto, possa transformar-se em milhares de homens e mulheres trabalhando por esta nobre ideia.

Exército produtor.

A partir desse momento, a Direção da ANAP estabeleceu como missão do agora chamado Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC), seu desenvolvimento "por meio da estrutura da ANAP, como via para conservar e transformar a agricultura cubana camponesa em um modelo sustentável".

Diferentemente, por exemplo, da UNAG na Nicarágua, a ANAP assumiu a promoção e facilitação do novo Movimento e da agreocologia como tarefa orgânica em cada nível e estrutura, e de cada quadro e funcionário de toda a organização. O que incluiu, sem dúvida, a maioria dos gastos, pondo em segundo plano a contribuição das agências estrangeiras. Com relação a isso, dizia Lugo Fonte:

(...) se não conseguíssemos financiamento externo, o Movimento Agroecológico em Cuba ia se desenvolver com nossos próprios recursos, ainda que tenhamos muito poucos… Não tínhamos orçamento: eram condições

Estruturas produtivas e organizativas da ANAP

A ANAP tem seus fundamentos funcionais e a materialização de seus objetivos produtivos e sociais nas organizações de base, cuja estrutura – de acordo com as formas de propriedade, de trabalho e de distribuição de resultados – está composta de duas formas: Cooperativas de Produção Agropecuária, baseadas no trabalho coletivo; e Cooperativas de Créditos e Serviços, integradas por camponeses que possuem terras e se associam para receber serviços como a tramitação de créditos, seguros agropecuários e comercialização. As funções e atribuições das cooperativas são reconhecidas pela Lei 95 de Cooperativas, segundo a qual:

A Cooperativa de Produção Agropecuária (CPA) é uma entidade econômica que representa uma forma avançada e eficiente de produção socialista, com personalidade jurídica e patrimônio próprios, constituídos pela terra e outros bens trazidos pelos camponeses, para obter uma produção agropecuária sustentável, de maneira coletiva.

A Cooperativa de Créditos e Serviços (CCS) é a associação voluntária de famílias camponesas individuais que têm a propriedade ou usufruto de suas respectivas terras e demais meios de produção, assim como da produção que obtêm. É uma forma de cooperação agrária mediante a qual tramita e se viabiliza a assistência técnica, financeira e material fornecida pelo Estado para aumentar a produção dos camponeses e facilitar a comercialização de seus produtos. Tem personalidade jurídica própria e responde por seus atos com seu patrimônio. Cada família tem sua roça de maneira individual.

Nos últimos anos, a ANAP promoveu o fortalecimento das CCS, dotando-as dos meios e do pessoal indispensável para elevar sua capacidade de gestão e, com isso, melhorar os serviços e a atenção integral a seus associados. Estas entidades recebem o nome de Cooperativas de Créditos e Serviços Fortalecidas (CCSF).

O órgão superior de direção de todas estas cooperativas é a Assembleia Geral. É integrada por todos os membros e se reúne de forma ordinária todos os meses. A Assembleia elege mediante voto secreto e direto o Presidente e demais membros da Junta Diretora, que se encarregam da direção política, econômica e administrativa, assim como dos aspectos sociais e culturais. A esta Junta Diretora está subordinado um Conselho Administrativo, designado para exercer as funções correspondentes a prestação de serviços, abastecimento de insumos, comercialização e controle contábil.

terríveis do ponto de vista econômico e financeiro, e eu disse ao ministro da Agricultura: você põe um e eu ponho outro, em nível de província… [Hoje] nós mesmos pagamos todos esses quadros [do Movimento Agroecológico].

Aqui é fundamental entender o meio de cultivo que a Associação Nacional de Agricultores Pequenos de Cuba ofereceu como incubadora de um Movimento que conseguiu penetrar até o grotão mais remoto da ilha. A ANAP é a única organização das famílias camponesas cubanas, o que possibilitou o desencadeamento de processos de massa de alcance nacional, tendo sido – como, aliás, ainda é – um instrumento de grande influência educativa, orientadora e mobilizadora das famílias camponesas.

A missão histórica da organização consiste em apoiar a política agrária da Revolução e, ao mesmo tempo, promover a participação e inserção do campesinato no contexto da economia e da sociedade cubana, a partir de sua representatividade social e de sua contribuição produtiva. O trabalho de organização está entre as tarefas mais importantes e sua existência é o resultado de um processo de incorporação e organização gradual do campesinato, regido pelo princípio do voluntarismo e promovido a partir das estruturas de base. Seu caminhar foi longo. Transitou desde formas simples de cooperação, como a ajuda mútua e estruturas fundamentadas em princípios da

Estrutura Nacional da ANAP

O órgão máximo de direção da ANAP é o Congresso Nacional, que elege um Comitê; este, por sua vez, elege um Birô Executivo, órgãos permanentes de direção durante o tempo entre um e outro Congresso, encarregados de cumprir e fazer cumprir os delineamentos, acordos e decisões adotados. No final de cada período de mandato, prestam contas de sua gestão ante os órgãos que os elegeram.

O Congresso é precedido por Assembleias nas províncias, municípios e organizações de base. A composição dos órgãos executivos eleitos nestas instâncias é adequada às necessidades do trabalho em cada região.

Para assumir o amplo espectro de funções, os Birôs Executivos distribuem por esferas o conteúdo do trabalho, da seguinte forma:

A presidência. Além de direção máxima e representação, atende diretamente a cooperação internacional e o Movimento Agroecológico.

A vice-presidência. Encarrega-se de substituir eventualmente o presidente

associação (Associações Camponesas), até formas intermediárias de cooperação (Cooperativas de Créditos e Serviços) e formas coletivas de produção (Cooperativas de Produção Agropecuária), baseadas na socialização da terra, dos meios de produção, do trabalho e da distribuição de seus resultados.

O profundo trabalho ideológico da ANAP tem dado frutos tangíveis na consciência de cada camponês e camponesa, cuja visão de mundo ultrapassa hoje os limites do próprio lote para chegar a um elevado sentido de responsabilidade social: a alimentação do povo e a proteção do meio ambiente. Por meio de sua organização na ANAP, a família camponesa cubana desenvolveu sentimentos e valores como cooperação, coletivismo, solidariedade e internacionalismo, que são básicos e correspondem aos da sociedade cubana.

No princípio do novo milênio, a ANAP já lograra um alto grado de organicidade entre as bases camponesas, quase sem igual no mundo, com uma estrutura bem desenvolvida em assembleias e juntas diretoras das cooperativas, escritórios municipais e provinciais, além da presença de um elevado número de quadros – surgidos da própria massa camponesa – com formação político-ideológica, valores socialistas e ambientais e conhecimentos técnicos. Na verdade, esta militância dentro da organização já tinha experiência em fomento e condução de outros movimentos em suas próprias bases (por

e, também, atende a assessoria jurídica, os assuntos econômicos e o desenvolvimento da informática.

Esfera de organização e administração. Cuida do registro de associados, do funcionamento interno, da política de quadros, da emulação socialista, do trabalho com os jovens, a mulher e a estratégia de gênero, e da coordenação e realização de ações com outras organizações de massas. Ao mesmo tempo, é responsável pela administração interna dos recursos materiais e financeiros da organização.

Esfera de educação e trabalho político e ideológico. Apóia os programas de saúde e educação desenvolvidos pelos correspondentes ministérios e instituições do governo nas zonas rurais. Cuida também da prevenção social, da recreação, do esporte e do resgate e preservação das expressões de cultura camponesa. Também realiza as funções relacionadas à conservação do patrimônio histórico, à divulgação por meio dos meios de comunicação de massa e da formação dos quadros da organização.

Esfera agroalimentar. Encarrega-se – junto com os Ministérios da Agricultura e da Indústria Açucareira – de atender aos programas produtivos e ao desenvolvimento da ciência e da técnica.

exemplo, no movimento de ativistas fitossanitários, nos anos 1980). Ou seja, já contava com uma metodologia de trabalho de base na organização. Com todas estas condições a seu favor, era claro que a ANAP estava pronta para lançar e articular o programa CAC como um Movimento Nacional de grande alcance. Em abril de 2001, o Escritório Nacional da ANAP aprovou novos elementos para a projeção estratégica do MACAC:

1. Continuar a utilizar a metodologia Camponês a Camponês, assim como continuar a desenvolver o processo de capacitação, a fim de lograr uma maior sensibilização e conscientização de todos os atores sobre a necessidade da agroecologia.
2. Conservar tudo o que há de positivo na cultura produtiva tradicional camponesa. Mas, além disso, aplicar e multiplicar de forma adequada as conquistas da ciência cubana em matéria de sustentabilidade e cuidado com o meio ambiente.
3. Conseguir que os diferentes níveis da estrutura da ANAP ajam de forma plena e efetiva como suportes funcionais e mobilizadores no processo, com a colaboração dos ministérios, organismos e instituições.
4. Medir sistematicamente os resultados e impactos das melhorias na produção, para monitorar o avanço, alcance e contribuições do programa CAC.

Aproveitar a estrutura da ANAP

Neste salto – essencialmente político – de passar de programa a Movimento, três foram os componentes fundamentais. Em primeiro lugar, percebeu-se a importância de dar um passo adiante, para transformar-se de uma experiência de caráter técnico em um processo social – de formação, capacitação e organização da base camponesa –, utilizando a estrutura de uma organização nacional. O segundo fator foi expandir este processo partindo dos recursos e condições locais, tanto no âmbito da roça como no da estrutura organizacional. Por último, o terceiro componente foi a contínua experimentação em nível de lote, pois este já era a base fundamental para a formação, o intercâmbio entre os produtores e a garantia da produção de alimentos.

No processo de expansão para as províncias de Holguín, Ciego de Ávila, Matanzas e Havana, assim como no período de implementação da metodologia nas províncias de Cienfuegos e Sancti Spíritus (1997-2000), a capacitação e a multiplicação de práticas desenvolveram-se a partir da valorização e do resgate das práticas já existentes nestas províncias, assim como da divulgação e socialização das melhores práticas camponesas das duas primeiras.

Por que é um movimento político?

Coordenador com promotores durante uma atividade do MACAC. Província de Villa Clara.

Lugo Fonte reiterou que se fala aqui de um Movimento político, porque abrange experiências que vão além da produção. E é também um movimento de massas – acrescentou Orlando Peñate, vice-presidente da ANAP –, porque incorpora todo o campesinato. E insiste este último:

E também é político, porque contém os princípios econômicos, sociais e éticos exigidos para cumprir esse dever patriótico número um do campesinato, que é produzir para o povo. E essa tarefa tão importante, tão decisiva que não pode estar alheia à estrutura de base, municipal e nacional da ANAP, deve fazer parte das análises periódicas que fazemos em nossas assembleias e reuniões de juntas diretoras, independentemente de que algumas cooperativas, por seu desenvolvimento econômico e resultados, possa dispor de um companheiro que se responsabilize por esta tarefa.

Entre as iniciativas da ANAP, são de interesse a criação e o funcionamento dos grupos de trabalho do Movimento nos municípios, nas províncias e na Direção Nacional. Estes grupos de trabalho são formados para organizar e coordenar o Movimento Agroecológico a partir da própria estrutura e instâncias da ANAP. São integrados por dirigentes da organização camponesa e por coordenadores, facilitadores e promotores que representam todos os níveis da estrutura da organização e do Movimento. E também, por intermédio dos coordenadores, participam outros organismos interessados no tema da agroecologia, coordenados pelo presidente da ANAP; estes se reúnem com uma periodicidade estabelecida segundo a instância a que pertencem.

Por outro lado, por meio de programas conjuntos, o grupo gestor nacional organizou jornadas de formação e de capacitação nas novas províncias. Um dos espaços fundamentais foi o Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez", da ANAP, onde foi dada formação aos quadros dirigentes

Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez"

Centro Nacional de Capacitação da ANAP. Província de Havana.

A cátedra de Agroecologia do Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez" (CNC), da ANAP, foi criada em novembro de 1996, depois da realização, em Cuba, do VII Encontro Regional de Camponês a Camponês e justamente alguns meses antes do início do projeto na província de Villa Clara. Os professores apoiaram, em sua fase inicial, realizando oficinas metodológicas e tecnológicas.

Como foi possível perceber em outros capítulos deste livro, desde o começo, tanto os membros como os dirigentes da organização se apropriaram dos princípios da metodologia de Camponês a Camponês. Por isso, foi o interesse dos próprios estudantes que chegavam ao Centro Nacional de Capacitação que provocou a inclusão da Agroecologia e Agricultura Sustentável nos programas de classe. Outra demonstração da vinculação da escola com o CAC foi a organização da Primeira Graduação em Agroecologia e Agricultura Sustentável, mediante a coordenação da Direção de Camponês a Camponês, a Universidade Agrária de Havana e a Cátedra de Agroecologia da escola. Nesse curso de graduação, que se realizou em 1999, em tempo integral no CNC, formaram-se facilitadores e dirigentes de CAC nas diferentes províncias. A este curso sucederam-se outros três: um na província de Havana e dois em Sancti Spíritus, na modalidade a distância. Estes cursos permitiram diplomar 109 quadros do setor que de uma ou outra maneira vinculam-se ao CAC.

É preciso dizer que, nos cursos de Política Ambiental oferecidos pela escola a todos os dirigentes da ANAP, estão incluídos – além dos temas de meio ambiente

e legislação ambiental – a agroecologia e a metodologia do CAC, o que facilita uma melhor compreensão e contribui para o caráter de massa do programa agroecológico.

Por sua localização, a escola colaborou com a Direção do MACAC de Havana, formando sua equipe de coordenadores municipais, dando apoio em oficinas tecnológicas em diferentes regiões e produzindo material bibliográfico.

Em fevereiro de 2009 a escola organizou uma oficina para os coordenadores provinciais e de todos os municípios. Com base nesta experiência, decidiu-se projetar uma – dentro dos vários cursos de formação de quadros da escola – destinada a formar, de maneira integral, diferentes atores do MACAC. Este curso já foi planejado e aprovado pelo Birô Nacional da organização e será incluído no plano de cursos do CNC para maio de 2010.

Além deste significativo trabalho em âmbito nacional, como demonstração de solidariedade, o Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez" contribuiu para a formação de camponeses(as) e líderes agrários de outros países irmãos da América Latina e do Caribe, dando cursos teórico-práticos sobre a sustentabilidade da agricultura camponesa, nos quais inclui o tema Metodologia de Camponês a Camponês e são feitas visitas a diferentes promotores agroecológicos.

acerca dos debates da agroecologia e da metodologia do CAC. Esta capacitação contribuiu para elevar o nível de conhecimento e de sensibilização dos dirigentes da organização e dos tomadores de decisões nos espaços de intercâmbio, o que permitiu uma identificação com a metodologia e com o Movimento agroecológico, fortalecendo-o e criando as condições para seu progresso.

No âmbito das cooperativas, a dinâmica de capacitação desenvolveu-se a partir das oficinas e intercâmbios organizados pelos facilitadores e executados pelos promotores, com os grupos de camponeses com os quais, por afinidade e proximidade já vinham trabalhando. Durante este período, algumas cooperativas avançaram na construção de um programa de trabalho. Mas, em outros espaços, a capacitação desenvolveu-se principalmente por meio de intercâmbios, sem formalismo algum pelo meio.

Foi nesta época que foram introduzidos em Cuba os *Cinco passos da metodologia* CAC e agregou-se um novo ator à metodologia – além do promotor e do facilitador que já eram parte do CAC desde suas origens centro-americanas: o coordenador.

O aparecimento da figura do coordenador foi um dos elementos chave que permitiu um crescimento geográfico mais rápido do CAC em Cuba do que em outros países. Atualmente, o coordenador permite realizar intercâmbios

Caráter de massas

Taller con promotores, facilitadores y coordinadores. Provincia Granma.

Massificar é utilizar todos os métodos e formas possíveis para impulsionar e multiplicar qualquer tarefa. Difundir as práticas agroecológicas de camponeses, promotores, mediante a capacitação em oficinas, seminários ou palestras nas roças. Fazer as práticas aprendendo. Fazendo nas escolas, com as crianças, no bairro, com a comunidade, e que estes transmitam a palavra camponesa ao homem ou mulher mais próximos… a necessidade de fazer um grande movimento regional, municipal, nacional. Que se consolidem organizadamente as técnicas; demonstrar que têm algo de bom praticando-o, experimentando-o na roça. Que não fique nada por ensinar aos outros; que todos possamos aprender e ensinar, segundo nossas responsabilidades.

Reflexão individual. Oficina de Granma

entre lugares distantes, assim como racionalizar e dirigir as capacitações para onde terão mais efeito. Com a inovação cubana, neste período, o quadro dos atores principais do MCAC ficou constituído do seguinte modo:

- *Camponeses e camponesas*. Constituem o grupo meta do Movimento. São atraídos gradual e voluntariamente mediante métodos de CAC sendo estimulados segundo o grau de implementação agroecológica em suas respectivas roças.

- *Promotor*. É o ator básico. Trata-se de um camponês da própria cooperativa com bons resultados produtivos, a partir de práticas agroecológicas. Não é remunerado por seu trabalho como promotor. Surge como consequência do processo. É identificado pelos demais participantes, quando se destaca por seu interesse e compromisso, por sua vocação de serviço à comunidade, à natureza e ao meio ambiente. Sua formação completa-se ao ser dotado de elementos metodológicos, sobretudo a educação popular para desenvolver a promoção agroecológica.

- *Facilitador*. É uma pessoa da própria cooperativa e/ou contratado por ela, designada em função de requisitos como vocação, capacidade de comunicação e

Cinco passos da metodologia CAC

Uma experiência que orientou a promoção da agricultura ecológica foi o estabelecimento de um sistema de passos ou etapas que organizaram o processo formativo dos coordenadores, facilitadores e promotores. Este sistema foi retomado e adaptado às condições de Cuba a partir do Programa de Intercâmbio, Diálogo e Assessoria em Agricultura Sustentável e Segurança Alimentar (PIDAASSA), apoiado pela ONG "Pão para o Mundo", junto com a ANAP. Os passos são dados mediante oficinas com os seguintes nomes e conteúdos:

1. Iniciando o caminho.
Começa-se a metodologia nas roças com o diagnóstico rápido dos problemas chave, para em seguida estabelecer prioridades e identificar as melhorias que possam ser chaves para iniciar as mudanças.

2. Intercâmbio de experiências.
Realiza-se o intercâmbio de conhecimentos entre um grupo de camponeses e um promotor que provavelmente já tinha soluções para o problema daqueles, porque as experimentou em sua roça. Aqueles que estão com o problema começam a experimentação em pequena escala, para comprovar se a técnica do promotor funciona também em suas próprias roças. Observam os êxitos e estabelecem compromissos. É importante a reciprocidade e a continuidade depois do intercâmbio.

3. Ferramentas metodológicas.
Capacitação para facilitadores e promotores. O conhecimento destas ferramentas permitirá utilizá-los em diferentes atividades: oficinas, intercâmbios, jornadas de capacitação e/ou visitas a roças de outros agricultores.

4. Oficina sobre técnicas agroecológicas.
Além das técnicas chave, é necessário experimentar outras tecnologias para garantir que funcionem e dêem bons resultados, até dispor de um maior espectro de tecnologias. Há alguns promotores que se animam eles mesmos a experimentar e inovar.

Passo intermediário: Intercâmbio entre promotores. Este é um espaço em que os promotores trabalham múltiplos aspectos (autoavaliação, planejamento, acompanhamento, organização e intercâmbio de conhecimentos, entre outros). São espaços para debater temas de interesse. Aqui se recomenda organizar exposições sobre os temas em questão.

5. Encontro para o reforço geral.
Faz-se uma revisão de todo o processo, a fim de analisar conquistas e dificuldades, identificando as prioridades seguintes.

Todos estes passos têm como eixos transversais a equidade de gênero, a agricultura sustentável e a segurança alimentar.

tempo disponível para trabalhar. Nas condições de Cuba, trabalha sob as ordens de sua cooperativa, para facilitar o processo de promoção e multiplicação de práticas da agricultura ecológica. Para tanto, utiliza os princípios, atividades e instrumentos da metodologia de Camponês a Camponês. A maioria dos facilitadores trabalha de forma voluntária e alguns são remunerados pela própria cooperativa.

- Coordenador. É um quadro da própria organização camponesa. Conta com qualificações técnicas e está capacitado para auxiliar as direções da ANAP na composição dos grupos de trabalho do MACAC, nos municípios, províncias e na instância nacional, em resposta às necessidades que poderão ser atendidas pelo Movimento.

No Quadro 4.1 são explicadas com mais detalhe as funções do promotor, do facilitador e do coordenador.

1. Dinâmica de animação. Instrumento do MACAC. Província de Guantánamo.

2. Na roça agroecológica, os animais vivem em harmonia. Província de Camagüey.

3. Expressões culturais camponesas. Conjunto musical integrado por mulheres camponesas de Valle Caujerí. Província de Guantánamo.

4. Abrigos construídos para os animais em roça vinculada à área de uma CPA. Província de Holguín.

5. As crianças motivam e participam das atividades do MACAC. Província Cidade de Havana.

6. A diversidade de espécies animais contribui para a sustentabilidade do estabelecimento rural camponês.

7. Dinâmica de animação. Instrumento do MACAC. Província de Sancti Spíritus.

8. A família integrada aos trabalhos do estabelecimento. Província de Sancti Spíritus.

9. Demonstração prática da importância da cobertura do solo. Província de Villa Clara.

10. Promotor Enrique Rivas mostrando experiência na roça. Província Granma.

11. Painel Camponês no 1° Encontro Internacional de Agroecologia. Havana, 2007.

12. Intercâmbio entre produtores. Fazenda "El Entanto". Província Granma

13. Promotor Omar Gonzáles fala de suas experiências em oficina de sistematização. Província de Matanzas.

14. Divulgação dos produtos e meios biológicos utilizados.

15. Visita de intercâmbio na roça do promotor Pablo. Província de Sancti Spíritus.

16. Plantio de abacaxi em curvas de nível construídas pelo produtor com o equipamento A. Província de Villa Clara.

17. A Revista ANAP, meio utilizado para divulgar a agroecologia e as atividades do MACAC.

18. Integração agricultura e pecuária. Província Granma.

19. Biogás, fonte de energia alternativa. Província de Matanzas.

20. Alimentação animal com recursos do próprio estabelecimento. Província de Sancti Spíritus.

21. Atividade cultural de crianças em oficina do MACAC. Província de Holguín.

22. Consórcio de culturas. Província Ciego de Ávila.

23. O comandante Fidel Castro no encerramento do 1° Encontro Nacional de presidentes de cooperativas. 3 de junho de 1998.

24. Consórcio de culturas. Província de Havana.

Breve relato de avanços neste período

Os avanços alcançados na implantação da agroecologia até 2001 possibilitaram à Direção da ANAP adotar novas decisões que, por sua vez, abriram uma nova etapa de desenvolvimento. Também foram considerados outros componentes metodológicos e organizativos.

Quadro 4.1. Práticas agroecológicas no auge durante este período (2000-2003).

- Adubos verdes
- Curvas de nível
- Plantio em terraços
- Preparados vegetais para pragas
- Redução do uso de meios biológicos
- Incremento da biodiversidade
- Desenvolvimento de viveiros
- Diversificação com árvores frutíferas
- Diversificação das áreas plantadas com cana-de-açúcar
- Auge da árvore de Ním
- Incremento do uso de fontes alternativas de energia

Fonte: Entrevista coletiva com promotores (produtores), facilitadores e coordenadores do MACAC, Oficina de Sistematização, Santa Clara, 25 de novembro de 2008.

Características de promotores, facilitadores e coordenadores

PROMOTOR/A

Função	• Participar da capacitação técnica e metodológica, utilizando a metodologia Camponês a Camponês. • Experimentar práticas agroecológicas em sua própria roça, utilizando os resultados como instrumento metodológico • Compartilhar conhecimentos e recursos • Promover as experiências obtidas
Qualidades	• Ter uma atitude aberta para criar, desenvolver e apropriar-se de novas técnicas • Ser líder produtivo; experimentador em sua roça que ensina com seu exemplo • Disposição para realizar o intercâmbio de experiências • Ser empreendedor e promover essa qualidade entre os camponeses
Fortalezas	• Capacidade de mobilização dada pela ANAP • Apoio técnico e institucional • Garantia de posse da terra • Liberdade na tomada de decisões
Limites	• Influência da agricultura convencional • Não diferencia perfeitamente os produtos de origem agroecológica dos convencionais
Desafíos	• Obter reconhecimento social do promotor comunitário para os produtos agroecológicos • Obter certificação para a produção orgânica • Maior intercâmbio institucional • Aumentar o intercâmbio com outras regiões • Estimular o interesse pela agroecologia

FACILITADOR/A

Função	• Planejar a capacitação segundo as necessidades • Preparar eficientemente as oficinas • Propiciar a integração de institutos, roças e cooperativas nas atividades de capacitação • Acompanhar o trabalho das CPA, CCS, dos camponeses e de seus familiares com a agroecologia.
Qualidades	• Estar aberto ao diálogo • Desenvolver e incentivar relações de igualdade com os(as) agricultores(as) Trata todo mundo sem diferença de gênero ou condição • Possuir aptidão e disposição para cumprir suas funções • Desenvolver o trabalho de modo que seja o camponês promotor quem desempenhe o papel ativo no processo
Fortalezas	• Apoio das direções das cooperativas • Apóia-se no Movimento do Fórum de Ciência e Técnica • Proximidade e apoio técnico de institutos de pesquisa e organizações • Trabalho em equipe
Limites	• Assume outras tarefas, relegando a segundo plano as que têm relação com o MACAC • Alguns quadros não dão prioridade à agroecologia • Insuficiência de alguns meios para a capacitação e o intercâmbio
Desafíos	• Conseguir que até a última roça da cooperativa seja agroecológica

	COORDENADOR/A
Função	• Elaborar planos de atividades e de capacitação • Coordenar e facilitar ações para implementar as estratégias; em especial, aquelas relacionadas com a capacitação de atores internos e internos e a promoção de práticas agroecológicas • Coordenar as tarefas do Movimento Agroecológico na estrutura da ANAP • Assessorar as direções da ANAP nas tarefas relacionadas com o Movimento • Coordenar as atividades programadas no município para serem desenvolvidas nas CPA e CCS • Dar capacitação metodológica a promotores e facilitadores • Buscar e organizar o apoio logístico • Coordenar a participação de atores nas atividades do Movimento • Coordenar a participação da imprensa na divulgação do Movimento • Manter atualizadas a informação e as estatísticas • Coordenar intercâmbios entre as cooperativas
Qualidades	• Ter nível técnico adequado • Possuir vocação para a agroecologia • Ser bom comunicador
Fortalezas	• Apóia-se na estrutura da ANAP • Vínculos com órgãos aliados • As capacitações recebidas • Participação nos grupos de trabalho
Limites	• Dificuldade de mobilidade • Resistência de alguns tomadores de decisões de órgãos relacionados à atividade agrícola • Insuficiência de materiais didáticos e bibliográficos
Desafíos	• Continuar capacitando os quadros que tomam as decisões, os facilitadores e os promotores, assim como as instituições aliadas • Ampliar os espaços de debate com órgãos relacionados à atividade agrícola • Fortalecer o vínculo com os órgãos aliados para obter mais sinergia e cooperação no uso dos recursos • Melhorar a qualidade da divulgação dos resultados do Movimento assim como das melhores práticas.

Fonte: Trabalho de grupo sobre os atores da metodologia, com facilitadores e coordenadores do MACAC, Oficina de Sistematização, Cidade de Havana, 27 de novembro de 2008.

Fazendo uma síntese dos componentes organizativos nos quais a ANAP avançou durante este período, estão:

1. Sobretudo, a decisão de transformar-se em Movimento.
2. Os bons resultados das províncias que iniciaram o processo e sua extensão gradual a outras regiões e, em perspectiva, a todo o país.
3. A elaboração da estratégia nacional de promoção e implantação.
4. A inserção do trabalho agroecológico na estrutura organizativa da ANAP, o que levou a criar e desenvolver grupos nas instâncias municipal, provincial e nacional.
5. A criação de um novo ator no Movimento: o coordenador, encarregado de coordenar o trabalho dos grupos e atender à multiplicidade de funções e conteúdos de trabalho do Movimento. A decisão permitiu selecionar e situar coordenadores em todas as províncias, depois do que foi dada sequência a este trabalho nos 154 municípios do país onde se desenvolvia o processo.

6. O apadrinhamento por parte das províncias que acumularam mais experiência àquelas que iniciam o processo.

7. Foram estabelecidos cinco passos para a implementação da agroecologia, correspondentes ao avanço gradual do processo e aos diferentes níveis de resposta nas regiões ou de uma cooperativa para outra.

8. Publicação de boletins e utilização de meios de comunicação locais e nacionais.

9. O fortalecimento com aliados. Acordos de trabalho conjunto são feitos com alguns ministérios (MINAG: Ministério da Agricultura, MINAZ: Ministério do Açúcar, CITMA: Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente) e convênios com universidades, centros de pesquisa e outras instituições.

10. A cooperação internacional com organizações não governamentais, como a Oxfam, o Centro Católico Francês e "Pão Para o Mundo", que forneceram e facilitaram – além dos recursos financeiros iniciais – um conjunto de assessorias, intercâmbios e processos de sistematização.

11. O Fórum de Ciência e Técnica, promovido a partir da estrutura dos governos em cada instância. Propiciou a generalização das experiências e dos trabalhos do Movimento.

Conclusões deste período

Este período marcou a divisão de águas do programa Camponês a Camponês em Cuba. Com sua estrutura anterior, amparado pela cooperação internacional, o programa teria crescido de maneira lenta e limitada. Mas a situação de crise em Cuba não permitia o luxo de avançar pausadamente; de modo que a ANAP decidiu cortar a dependência – soltar as rédeas do CAC –, transformando o programa em Movimento entre as bases camponesas da organização. Esta decisão marcou o ponto de inflexão: a partir dali o Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC) cresceu rapidamente em cada canto do país. Isto constituiu a maior diferença entre a experiência cubana e a da América Central. Por isso cresceu mais e com maior velocidade em Cuba. Foram também cruciais as vantagens que oferecia a ANAP como incubadora de um Movimento de massas: possuía um alto grau de organicidade nas bases e um grande número de quadros com alto nível ideológico. Quando a ANAP assumiu o Movimento como tarefa orgânica – financiado em grande parte com recursos próprios – pôs para trabalhar toda a sua estrutura com o mesmo fim.

Durante este período foram importantes para a aceleração do Movimento a adoção dos cinco passos metodológicos importados da América Central, somados às inovações cubanas, como a figura do coordenador.

CAPÍTULO 5

Entre furacões e crises mundiais: O movimento no período atual (2004-2009)

• Cresce o Movimento • Inovações metodológicas: experiência de Banes e classificação de roças • Avanços nas CPA • Resiliência de roças agroecológicas frente aos furacões • Criatividade camponesa • Formação e capacitação.

Influência do MACAC e da agroecologia

O Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC) começou a crescer num ritmo muito mais acelerado a partir de 2004. Naquele tempo conseguiu consolidar vários elementos: o grau de integração agroecológica observada em nível de cada roça; os avanços na metodologia de processos sociais; a produção e a redução do uso de agrotóxicos, assim como sólidas alianças com outros atores sociais cubanos.

Na Figura 5.1 pode-se notar que o número de famílias plenamente incorporadas ao MACAC chegou hoje a 110 mil e o número de camponeses promotores aumentou de 1,6 mil – antes da transformação em Movimento (2002) – para 11.935 em 2008. Também o número de facilitadores subiu de menos de 500 a mais de três mil; e o de coordenadores, de 14 para 170, no mesmo período. Muitas vezes argumenta-se que o avanço cubano em matéria de agroecologia deve-se, sobretudo, ao estado de necessidade que caracterizou o Período Especial. No entanto, como se observa, o maior número de pessoas que ingressaram no MACAC, durante os anos de melhoria da situação

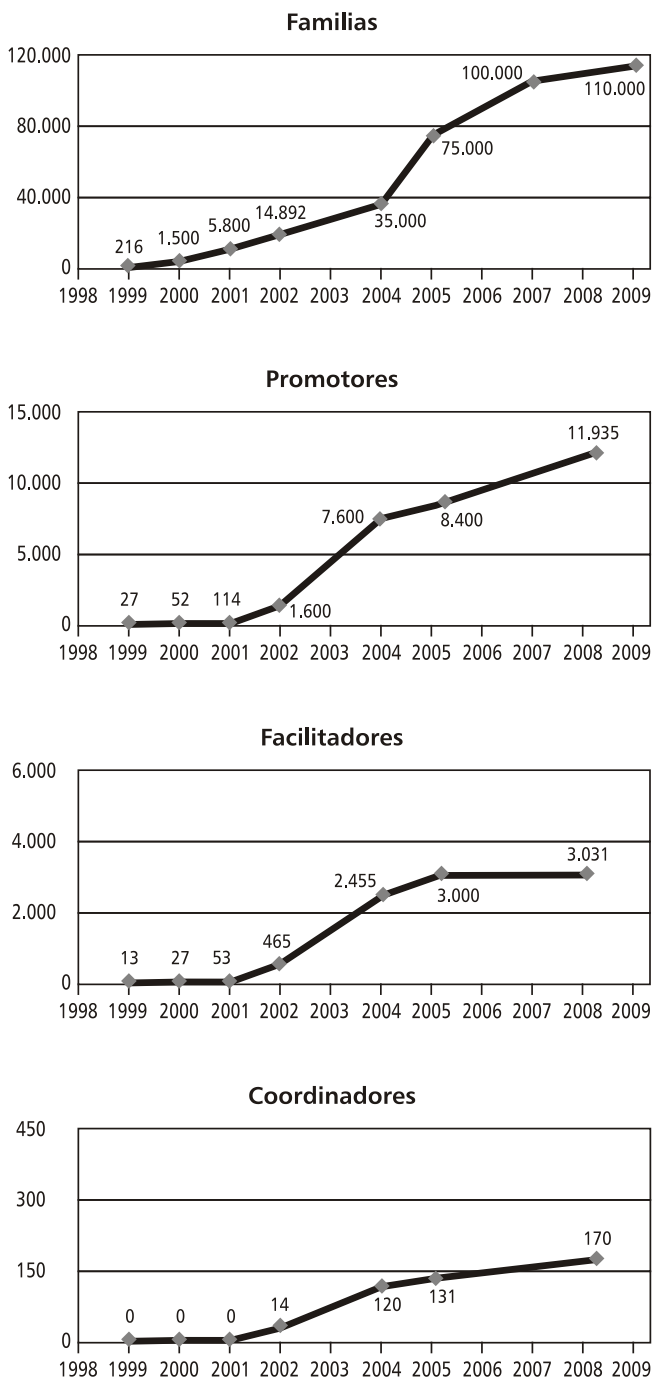



Figura 5.1 Crescimento do número de famílias camponesas, promotores, facilitadores e coordenadores, entre 1998 e 2008, no Movimento de Camponês a Camponês. É preciso notar que as escalas são diferentes. *Fonte: Compêndio de Informações do Movimento Agroecológico. ANAP.*

econômica, evidencia o dinamismo do Movimento e do convencimento que a agroecologia está obtendo.

É importante assinalar que a disseminação e adoção de práticas agroecológicas e, portanto, da influência do MACAC, vão além das roças das famílias pertencentes ao Movimento. A Figura 5.2 mostra índices de entre 46 e 72% da área camponesa, e entre 38 e 91% do número de roças camponesas de todo o país, em que são utilizadas práticas agroecológicas. As famílias membros representam apenas um pouco mais da terça parte, mas a influência do MACAC vai muito mais longe. Estende-se pelos debates de assembleia nas cooperativas; nas oficinas abertas que oferece; com sua presença nos meios de comunicação; e, ainda, pela simples emulação informal entre camponês e camponês.

Figura 5.2. Porcentagem da área total da agricultura camponesa e do total de roças camponesas, em Cuba, que utilizam determinadas práticas agroecológicas. *Fonte: Estatística do Movimento Agroecológico da ANAP.*

Por outro lado, ao longo do período de crises em Cuba (desde 1989), a contribuição relativa do setor camponês à produção total nacional de alimentos foi aumentando, como se observa na Figura 5.3. Esta contribuição não se explica apenas porque aumentou sua área, mas também porque aumentou sua produtividade. Mas, além disso, não é maior apenas em termos relativos – comparada com as outras formas de posse da terra em Cuba –, como também representa um incremento absoluto

Figura 5.3. Contribuição percentual da agricultura camponesa para a produção nacional total em diversas linhas, e proporção da superfície agrícola nacional na agricultura camponesa, em 1989 e em 2008. *Fonte: Estatística da Esfera Agroalimentar da ANAP.*

nas quantidades produzidas, como se observa na Figura 5.4.

A Figura 5.4 mostra a dinâmica da produção camponesa durante as últimas duas décadas, à medida que transitou por um processo de profundas mudanças no sentido da agricultura ecológica. Destacam-se ali etapas por que passou e os impactos que sofreu em diferentes anos considerados como momentos críticos:

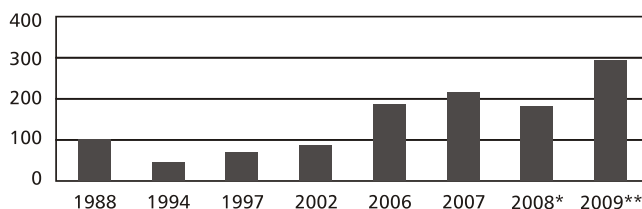



Figura 5.4. Dinâmica de crescimento da produção camponesa comercializada (1998=100). *Fonte: Estatísticas das Esferas de Organização e Agroalimentar. ANAP.*

*A produção de 2008 foi drasticamente afetada por ciclones.

**Os dados de 2009 baseiam-se em projeções do Plano de Plantio. No entanto, na data de encerramento, as entregas eram superiores às projeções do Plano e, portanto, a cifra é conservadora.

- 1988. Produção recorde durante a etapa de agricultura convencional.
- 1994. Queda da produção como resultado da brusca escassez de insumos convencionais. Vulnerabilidade da Revolução Verde.
- 1997. Etapa de substituição de insumos. Começa a implementação da alternativa agroecológica em algumas regiões.
- 2002. Transformação agroecológica em todo o país (movimento nacional). Começa a ser superada a etapa de substituição de insumos.
- 2006 e 2007. Avanço da alternativa agroecológica em condições normais.
- 2008. O país foi arrasado por três furacões, mas a agricultura camponesa mostrou índices de resiliência: sua produção baixou apenas 13% com relação ao ano anterior.
- 2009. O setor apresenta um crescimento produtivo acima do estimado no Plano de Plantio.

Não há dúvida de que o bom comportamento do setor camponês deve-se, em grande parte, ao êxito da agroecologia, pois sua produtividade supera significativamente a dos setores menos agroecológicos. As vantagens da agroecologia promovida pelo MACAC ficam demonstradas nos resultados produtivos que, por sua vez, economizam no uso de insumos tóxicos importados. A Figura 5.5 mostra:

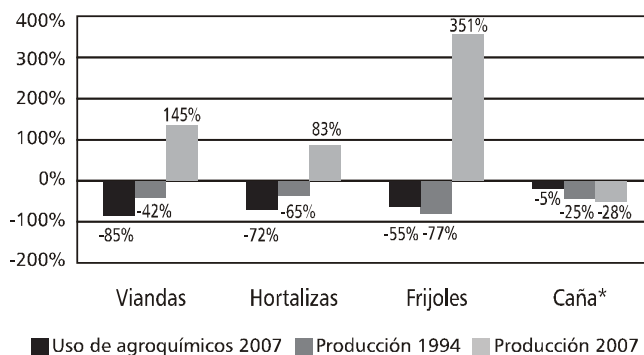



Figura 5.5. Dinâmica no uso de agroquímicos (em comparação com 1988); na produção de alguns alimentos e no rendimento da cana, em 1994 e em 2007.
* É rendimento, e não produção, no caso da cana.
Fontes: Do uso dos agroquímicos: diagnósticos e questionários realizados com promotores e camponeses na zona e revisão de compras de insumos em cooperativas selecionadas da zona central.

- A redução atual no uso de agroquímicos, em comparação com as doses aplicadas em 1988, ano de pleno auge da Revolução Verde.
- A queda das produções (1994 foi o ano crítico) como resultado da redução brusca dos insumos convencionais, que mostrou a vulnerabilidade do sistema convencional da Revolução Verde.

- A recuperação produtiva obtida como resultado da consolidação da agroecologia.
- Como a cana-de-açúcar, que praticamente mantém-se sob os princípios da Revolução Verde, tem tendência contrária e seus rendimentos diminuem.

Cabe mencionar aqui que a tendência para baixo do uso de agroquímicos manteve-se no setor durante os últimos anos, apesar de um aumento em sua disponibilidade geral no país, graças aos acordos com a Venezuela. O setor que menos voltou a utilizar agroquímicos foi o que obteve aumento de produtividade; além disso – como era de se esperar –, sofreu menos o impacto causado pelas flutuações na oferta de insumos químicos relacionadas às altas e baixas no preço do petróleo.

Tudo isso mostra claramente um Movimento Agroecológico em pleno auge, motor de um setor: o camponês, que se esforçou para alimentar seu país e seu povo durante mais de uma década de crise, com uma tecnologia não dependente do exterior, fator chave para um país boqueado. Em Cuba existe um setor camponês que nada contra a corrente do mundo inteiro e enfrenta com seus bons resultados as múltiplas crises desse mundo.

Diversas práticas agroecológicas.

Generalizar uma experiência para andar mais rápido: a experiência de Banes

Motivada pelos resultados obtidos e diante da necessidade de obter impactos produtivos e ambientais da forma mais rápida e abrangente, a Direção da ANAP realizou um análise crítica que mostrou algumas fragilidades. Entre elas:

- A necessidade de avançar ainda mais rápido na implementação agroecológica.

- O efeito multiplicador das práticas introduzidas não correspondia a suas possibilidades.
- A detecção de produtores líderes e, mais tarde, sua capacitação e transformação em promotores era relativamente lenta.
- Alta dependência dos facilitadores.
- Pouca utilização da assembleia e dos métodos tradicionalmente utilizados pela ANAP.

Na análise foram consideradas as melhores experiências do país. Por sua relevância e resultados, decidiu-se generalizar a experiência desenvolvida no município de Banes, da província de Holguín, baseada na utilização de um procedimento rápido, participativo e abrangente, para inventariar no âmbito da cooperativa as diferentes práticas agroecológicas. A intenção era chegar a um método para caracterizar e diagnosticar o nível de implantação agroecológica em todos os estabelecimentos rurais camponeses, nas cooperativas e zonas camponesas do país, no menor tempo possível, para dirigir os intercâmbios para onde fossem mais urgentes, e com os conteúdos mais apropriados. (Ver destaque “Experiência de Banes”).

Para implantar esta experiência, o Grupo Nacional do Movimento Agroecológico convocou, no próprio município de Banes, uma oficina nacional da qual participaram 122 coordenadores municipais e 14 provinciais. O encontro teve como objetivo visitar Banes, para conhecer de perto e analisar a experiência desenvolvida ali. Como resultado deste encontro, decidiu-se estender o método a todos os municípios do país.

O método de Banes permitiu identificar de forma sistemática os problemas principais de cada estabelecimento agrícola camponês e, ao mesmo tempo, identificar os possíveis promotores, aqueles que já detinham as soluções para estes problemas. Em consequência, o coordenador e os facilitadores puderam dirigir melhor os intercâmbios e capacitações, para resolver de maneira mais eficiente os problemas produtivos.

Ali onde se implantou esta metodologia, o avanço do MACAC e a obtenção de resultados positivos são mais do que evidentes.

Surgida da necessidade, a experiência de Banes foi uma das contribuições mais enriquecedoras dos cubanos à metodologia CAC. Ao tomar as rédeas do nascente Movimento, o camponês tornou-se o forjador de seu próprio destino.

Experiência de Banes

Forma de levar a cabo o processo:

1. Realização do inventário de práticas agroecológicas no âmbito de cooperativa, durante a Assembleia Geral de Associados.
2. Identificação dos produtores líderes, como base para a formação de promotores.
3. Determinação do número de estabelecimentos a diagnosticar agrupados pela semelhança de seus problemas.

Procedimento para o inventário de práticas agroecológicas nas cooperativas:

- Em um cartaz relacionam-se as práticas agroecológicas, enumerando cada uma delas.
- Entrega-se a cada produtor um lápis e um papel onde devem escrever seu nome e sobrenomes.
- Em seguida, o facilitador ou coordenador municipal explica em que consiste o procedimento.
- Cada possuidor de terra deve escrever no papel as práticas agroecológicas que utiliza. Uma vez que seja explicada e debatida pelos participantes, faz-se o mesmo com cada uma das práticas enumeradas, até terminar.
- No final recolhem-se os papéis e se realiza a análise estatística.

Depois de realizado o inventário, trabalha-se em três vertentes fundamentais:

1. Consolidar em cada cooperativa um facilitador ou um ativista agroecológico encarregado de controlar, promover e facilitar os encontros entre promotores e camponeses, assim como de realizar práticas e fortalecer a capacitação.
2. Continuar a identificação dos camponeses líderes em todas as organizações de base, para que sejam o núcleo do processo de intercâmbios, promoção e capacitação, e que vão se formando como promotores.
3. Elaborar e aplicar o plano de capacitação baseado nas necessidades mais prementes, e um plano de implantação e multiplicação de práticas em nível de cooperativa.
4. Estabelecer em cada organização de base um expediente para o controle de todos os indicadores de produção e resultados do Movimento, a saber:

- Controle das práticas agroecológicas.
- Controle estatístico das produções agroecológicas.
- Controle das atividades de capacitação e de promoção com os promotores e camponeses.

Trabalho grupal durante a Oficina Nacional sobre a Experiência de Banes, Província de Holguín.

Classificação de roças, estímulo funcional

Outro avanço metodológico deste período foi a classificação das roças, para estimular moralmente a família produtora e, também, para induzir à emulação por parte de outros camponeses. A ideia desta classificação é qualificar as roças em uma escala de um a três, segundo seu grau de transformação agroecológica. O produtor – ou a família – que alcança o nível máximo de integração agroecológica, o 3, sente uma grande satisfação e ganha o respeito (e a emulação) de sua comunidade e cooperativa. Considerando que as roças não avançam de maneira uniforme e devido à necessidade de instrumentalizar formas de reconhecimento para os diferentes níveis de implantação agroecológica, em 2008 foram definidos os indicadores para classificar as roças nas três categorias:

Categoria 1: Roças que iniciaram o caminho agroecológico. Requisitos que devem cumprir:

1. Ter aplicado o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) na sua roça.
2. Estar desenvolvendo a técnica ou alternativa agroecológica para resolver o problema diagnosticado.
3. Ter outras (1-3 ou mais) práticas agroecológica em desenvolvimento.
4. Família sensibilizada em relação ao Movimento e envolvida com ele (pode estar se iniciando).
5. Família sensibilizada com a problemática ambiental e produtiva.
6. Compromisso de participação no Movimento na Assembleia Geral, por parte da família ou associado/a.
7. Prática e/ou resgate de tradições camponesas.
8. Perspectivas de diversificar as plantas e animais da roça.
9. Prática e/ou disposição para experimentar (experimentação camponesa).
10. Apresentar potencialidades produtivas e de comercialização com fim social.

Categoria 2: Roças em transformação no sentido da agroecologia. Requisitos que devem cumprir:

1. Roças integradas ao processo de intercâmbio, experimentação e promoção do Movimento e da metodologia CAC (como receptor/a ou ator).
2. Crescente biodiversidade e integração dos componentes produtivos da roça (integração de agricultura, criação de animais e áreas de mata).
3. Redução substancial na aplicação de produtos químicos.
4. Crescente aproveitamento dos recursos gerados pelo estabelecimento e proporcional redução da dependência externa.
5. Compromisso social.
6. Integração da família e do grupo de cooperativados com equidade de gênero (participação de homens e mulheres de acordo com suas capacidades e condições).
7. Reafirmação da identidade camponesa (social e cultural).
8. Produção eficiente do sistema (econômico).
9. Estabelecimento organizado e funcional.

Categoria 3: Roças agroecológicas. Requisitos que devem cumprir:

Roça diversificada CPA "26 de julho". Município Rafael Freyre. Província de Holguín.

1. Elevada consciência agroecológica e domínio conceitual da sustentabilidade e segurança alimentar com enfoque de gênero.
2. Compromisso como promotor/a como Movimento Agroecológico, com participação em oficinas e intercâmbios de experiências.
3. Diversificação elevada e integração e uso eficiente dos componentes da roça (solo, culturas, árvores, animais, água, sementes, cultura familiar).
4. Produção elevada e suficiente para a família e a comercialização local (rendimento por área comparável ou superior à agricultura convencional).
5. Não realizar práticas agressivas ao entorno (não aplicar produtos químicos, sementes transgênicas, produtos hormonais, mecanização excessiva, monoculturas intensivas etc.)
6. Baixa (quase nula) dependência externa para a produção e manutenção da vida familiar.
7. Garantia de qualidade de vida familiar (família, educação, saúde, informação).
8. Participação nas atividades das organizações de base.
9. Compromisso social (produtos para o mercado local e entidades sociais).
10. Conservação e prática das tradições culturais camponesas.
11. Revalorização permanente dos recursos da roça (conservação do solo e da água, promoção da fertilidade etc.).
12. Participação da família (homens, mulheres, jovens) nas tarefas e decisões relativas ao estabelecimento.

Fonte: Normas do Movimento Agroecológico ANAP.

O emprego desta classificação mostrou-se adequado, pois os estabelecimentos de categoria 3 obtiveram maiores valores de produção do que os estabelecimentos das categorias inferiores, tanto por unidade de área como por mão de obra aplicada. Ou seja, a maior produtividade e a maior integração agroecológica avançam juntas, como se observa na Figura 5.6.

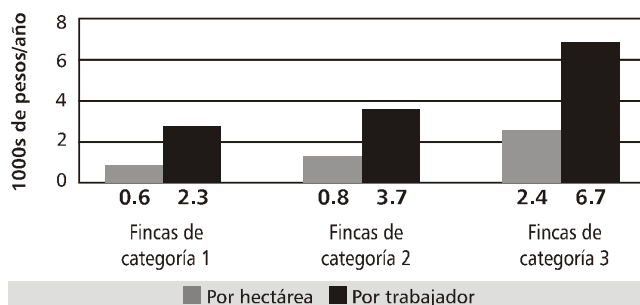



Figura 5.6. Valores de produção vendida e faturada em 2008 – por ha e por trabalhador – de uma amostra de 33 estabelecimentos com diferentes graus de transformação agroecológica. Note-se que estes valores são adicionais a toda a produção para autoconsumo da família e da cooperativa. São de diferentes CCS dos municípios de Fomento, Cabaiguan, Trinidad, Sancti Spíritus e Taguasco, na província de Sancti Spíritus. As roças foram classificadas segundo o grau de integração agroecológica, em uma escala de 1 (menor) a 3 (maior). Fonte: Dados das cooperativas.

Avanço agroecológico em Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA)

O avanço da agroecologia nas CPA é um tema que se debate hoje no Movimento Agroecológico. Não há dúvida de que a transição agroecológica avançou com maior velocidade entre as famílias individuais das CCS do que nos coletivos das CPA. No entanto, existem avanços muito importantes em muitas CPA.

Nas CPA, a grande maioria das decisões passa necessariamente pela Assembleia, diferentemente das CCS, onde a família camponesa decide de maneira mais independente o que fazer em sua roça. Além do mais, como já foi dito, os sistemas internos de organização do trabalho que prevaleceram em anos anteriores nas CPA, assim como nas fazendas estatais, baseados em brigadas e sistemas de remuneração que partiam do resultado diário, foram um fator limitante para as CPA. Em muitos casos, isto fazia com que seus membros não desenvolvessem um sentido tão forte de responsabilidade e pertença à cooperativa. Em poucas palavras: aquele sistema de trabalho não estimulava o entusiasmo do trabalhador pelo que fazia para ganhar a vida.

A ANAP percebeu o problema e, para solucioná-lo, projetou um sistema para vincular o trabalhador à área e aos resultados finais da produção. Assim, criavam-se condições para fazer agroecologia nesta forma de organização. Os

membros da cooperativa, vinculados a uma área específica, têm agora maior autonomia na tomada de decisões referentes a práticas produtivas. Não obstante, esta autonomia continua sendo menor da que têm as famílias pertencentes às CCS.

Neste trabalho, pudemos observar que o maior avanço do MACAC nas Cooperativas de Produção Agropecuária encontra-se naquelas onde foi mais desenvolvido o vínculo do homem com a terra. Está claro também que, para obter tais avanços, foi absolutamente imprescindível o trabalho dos promotores, facilitadores e coordenadores com a assembleia e a direção das CPA, mais ainda do que no caso das CCS.

Outro elemento que permitiu o avanço do MACAC nas CPA foi o nível de diversificação que hoje têm estas cooperativas. Com o propósito de garantir seu autoconsumo, todas elas desenvolveram um processo de diversificação agrícola e integração animal, o que resultou em um excelente caldo de cultura para impulsionar o Movimento Agroecológico.

Opiniões de uma coordenadora municipal de Camagüey

A agroecologia na CPA é um pouco morosa, mas podem-se obter resultados. Estes dependem do interesse dos cooperativados e da boa vinculação do homem à terra: tem que haver motivação para o trabalho, ou seja, sentido de pertença.

Há práticas que caminham melhor nas CPA do que nas CCS; por exemplo, as casas de minhocultura.

Promotora Elisa Perdomo Pérez na CCSF Manuel Ascunce Doménech. Província de Cienfuegos.

A maioria das CPA conta com casas de minhocultura e/ou áreas para compostagem, e cultivos associados; algumas mais têm seus viveiros (para obtenção de mudas de árvores), áreas de *organopônicos*[1] e plantas medicinais, e algumas têm, até, seus próprios CREE.

1 Os *organopônicos* são cultivos em estufas, método muito difundido em Cuba com culturas delicadas e afetadas pelo calor, como é o caso do tomate, folhosas. Não são necessariamente "orgânicos" como o termo sugere.

O camponês aprende mais fazendo

Beltrán e Emma são fundadores da cooperativa onde trabalharam durante 17 anos. Estão aposentados e, desde 2002, trabalham no sistema de vinculação à terra, na CPA "26 de Julho", do município Rafael Freyre, na província de Holguín.

Trata-se de una zona de montanha onde não havia atividade produtiva, com solos totalmente degradados. A primeira coisa que fizeram foi plantar cercas vivas. Para ajudar a recuperação do solo, plantaram de tudo: cana e abacaxi, feijão de porco, mucuna, feijão-de-corda e crotalária. Também incorporaram esterco das ovelhas, fazendo compostagem.

Preservaram a mata natural, para que conservasse o solo e o meio ambiente. Também mantiveram as árvores nativas de onde extraem a madeira de que necessitam para algumas construções e plantaram frutíferas e café. Têm galinhas, um boi e 180 ovelhas. Para criar as ovelhas usam amoreira, leucaena, *Trichanthera gigantea* (nacedero) e outras forrageiras - plantas que fornecem proteína ao animal; também construíram vários abrigos para os animais.

A roça não contava com abastecimento de água e Beltrán cavou um pequeno poço em uma parte alta. Desenvolveu um sistema que funciona por gravidade, desde a montanha até a casa.

Como promotores, dedicam-se na roça a ensinar as formas de integração, assim como práticas que realizam para isso. Nas visitas que recebem dedicam mais tempo ao trabalho prático do que à conversa: trabalham com as pessoas que os visitam, incorporando-as às tarefas que realizam cotidianamente: "o camponês aprende mais fazendo e vendo os resultados", dizem. E levam sempre um tema de agroecologia para a assembleia da cooperativa que se realiza todos os meses.

Além do trabalho do casal, seus quatro filhos também trabalham durante as visitas que lhes fazem nos fins de semana.

Embora a agroecologia nas CPA apresente avanços atualmente, muitos concordam em que é necessário um desenvolvimento ainda maior de metodologias específicas para catalizar o trabalho nelas.

Resiliência vs. Mudança Climática

Quase todos os cientistas do mundo que estudam as mudanças climáticas prognosticam cada vez mais eventos climatológicos extremos, como furacões e secas. O caso de Cuba é excepcional por sua posição geográfica: situa-se na

passagem de furacões, cada vez mais numerosos. Por isso, a resiliência frente a alterações climáticas é um fator particularmente importante na ilha.

Define-se a resiliência como a capacidade de um agroecossistema de manter a produtividade quando está sujeito a uma força de perturbação. Esta força pode consistir em um estresse frequente, acumulativo e previsível (salinização, erosão, acumulação de substâncias tóxicas no solo), ou em uma circunstância imprevisível (furacões, secas, inundações, aumento repentino dos preços do petróleo ou dos insumos químicos, interrupção no fornecimento de insumos externos etc.).

Estudos realizados por Eric Holt Giménez (2000 e 2008) demonstraram que em 1998, depois da passagem do furacão Mitch, as parcelas agroecológicas da América Central resistiram ao impacto muito melhor do que as parcelas convencionais. Mesmo quando os danos foram imensos, as parcelas agroecológicas conservaram mais camada fértil, umidade e vegetação do que as convencionais. Além disso, sofreram menos erosão, deslizamentos e perdas econômicas.

Depois de transcorridos uns 40 dias da passagem do furacão *Ike*, em Cuba, em 2008, foi feito, para o presente trabalho, um percurso por diferentes províncias cubanas, particularmente Holguín e Las Tunas, a fim de verificar a vulnerabilidade das roças agroecológicas a estes fenômenos, assim como sua capacidade de recuperação. O resultado desta viagem foi que nas áreas plantadas com monoculturas do tipo "industrial" notava-se, de forma generalizada, uma destruição quase total e escassa recuperação. Em nítido contraste, as roças agroecológicas visitadas mostraram claros sinais de uma menor perda no momento do impacto: em torno de 50%, em contraste com 90 ou 100% nas monoculturas. Também calculou-se uma recuperação produtiva de 80 a 90%, que já era visível, apenas 40 dias depois da passagem do furacão.

Depois de entrevistar várias famílias de produtores, conseguimos entender que esta maior resiliência dos sistemas agroecológicos são fruto dos seguintes componentes:

A resistência físico-biológica. Os sistemas agroecológicos sofrem menos erosão e deslizamentos devido à maior utilização de práticas de conservação de solos (plantio em curvas de nível, controle de erosões e voçorocas, maior cobertura vegetal do solo etc.). Como consequência das múltiplas camadas de vegetação, há também menores perdas de colheita.

Por exemplo, observamos sistemas de policulturas agroflorestais compostos por bananeiras de porte alto e outras de estatura menor, junto com mandioca,

Figura 5.7. Perdas iniciais do ciclone Ike em roças selecionadas da CCS "Rafael Zaroza", na província de Sancti Spíritus. As roças foram classificadas segundo o grau de transformação agroecológica, em uma escala de 1 (menor) a 3 (maior). Explica-se no texto a classificação. Contrastam-se as perdas de três roças de categoria 1, três de categoria 2, e quatro de categoria 3, com a perda média de toda a cooperativa. *Fonte: Dados da cooperativa e entrevistas*.

milho, feijão, abóbora e tomate. Nestes sistemas – e em outros similares –, o fenômeno apenas fez voar a camada ou estrato superior (a bananeira de estatura alta), com danos muito menores nas camadas vegetativas inferiores. Em contraste, nas plantações de banana (estatura alta ou baixa) em monocultura, o furacão derrubou a totalidade das árvores. Isso explica porque as roças agroecológicas sofreram um dano inicial não muito maior de 50%, se comparado com as perdas totais nas monoculturas. Na Figura 5.7 mostra-se o caso das roças de uma Cooperativa de Crédito e Serviços. A tendência ali foi de uma menor afetação nas roças de categoria 3 (as "mais agroecológicas", segundo o sistema de classificação explicado anteriormente), onde os danos iniciais do furacão oscilaram de 30 a 60%, abaixo da média da CCS (75%). Note-se que, ainda assim, o pior caso da CCS não sofreu o dano total que sofreram as grandes monoculturas dos setores não camponeses.

2. A *compensação biológica*. Uma parte da recuperação de produtividade 40 dias depois do furacão deveu-se ao processo de compensação. Por terem sido cortadas as folhas das árvores mais altas, começou a entrar maior radiação solar nas camadas vegetativas inferiores, o que provocou um crescimento compensatório exuberante das culturas situadas nessas camadas. O aumento de produção assim obtido compensou em grande parte as perdas das camadas superiores.

3. A *recuperação biológica*. A maior diversidade de camadas vegetais reduziu a velocidade e o impacto do vento. Por isso, os danos sofridos por plantas individuais foram menores, em comparação com as monoculturas, onde a maioria das plantas morreu. Em consequência, muitas plantas danificadas

A resiliência humana depois de um furacão.

A imagem demonstra que apenas 40 dias depois da passagem do furacão *Ike*, os coqueiros, que foram totalmente afetados, já estavam repostos com novas mudas. Província de Las Tunas.

mas não mortas mostraram sinais de recuperação biológica (ex. brotos novos) depois de 40 dias.

4. A recuperação ou resiliência humana/camponesa.

Nos casos em que a família camponesa vive na da roça ou perto dela, notou-se o resultado de seu grande esforço nos dias posteriores ao desastre. Por exemplo, muitas das árvores de alto porte derrubadas já estavam em pé, sustentadas por pedras e paus. Era evidente que muitas destas árvores tinham se salvado e sobreviveriam. Em contraste, quase não foram vistas evidências de recuperação devidas à ação humana nas grandes extensões de monoculturas derrubadas.

Figura 5.8. Recuperação média dos danos causados pelo ciclone *Ike* em roças selecionadas da CCS "Rafael Zaroza", na província de Sancti Spíritus. As roças foram classificadas segundo seu grau de transformação agroecológica, em uma escala de 1 (menor) a 3 (maior). Explica-se a classificação no texto. Apresenta-se a recuperação da produção calculada aos 60, 120 e 180 dias depois do furacão. *Fonte: Dados da cooperativa e entrevistas.*

Na Figura 5.8 observa-se a maior e mais rápida recuperação das roças mais agroecológicas. Neste caso tratava-se de verificar a resiliência depois de um ciclone, mas os camponeses entrevistados falaram também da maior resistência à seca. Segundo o que disseram, um conteúdo maior de matéria orgânica no solo e a cobertura vegetal do sistema agroecológico (que tem como consequência uma temperatura inferior do solo), faz com que se conserve melhor a umidade. Também está claro que a não dependência dos insumos externos garante uma maior resiliência frente aos choques do mercado e ao bloqueio.

O que fazer para mitigar o dano dos furacões?

- Plantar cortinas de vento.
- Diversificar sistemas agrícolas.
- Intercalar culturas, sobretudo com vários estratos ou camadas verticais.
- Utilizar variedades resistentes a inundações.
- Jogar com ciclos de cultivo e datas de plantio.
- Armazenar estrategicamente todos os produtos possíveis.
- Plantar a mandioca e a batata doce em canteiros.
- Selecionar variedades de baixo porte.

Sugestões do promotor Víctor Manuel Proenza Peña
CCSF "Ulises Fernández"
Município Calixto García, Província de Holguín

Um parênteses necessário

DOIS EXEMPLOS DO QUE FOI DITO

Nini e Maria. Assim são conhecidos os produtores da propriedade "María Peña", da CCS "Pedro Díaz Coello", no município de Gibara, província de Holguín.

Nini tem medalhas de três missões internacionalistas (duas de Angola e uma do Congo), entre muitos outros reconhecimentos. Maria tem um enorme conhecimento de plantas medicinais.

Receberam a roça há dez anos. "Não havia nada, apenas pedras (muitíssimas, por todos os lados, quantidades inacreditáveis), marabu (*Dichorostachys cinérea*) e as piores plantas daninhas". A roça consistia em um terreno íngreme e muito rochoso, sem água com solos muito pobres e baixa fertilidade natural. Quando receberam o terreno tiveram que tirar 11.029 carretas de pedra dali. Mesmo assim, este camponês e esta camponesa assumiram a tarefa de "transformar todo isso". Hoje, por fim – vê-se o orgulho deles –, conseguiram.

Criaram um sistema agroflorestal: muitos coqueiros, bananeiras, café, abacate, nêspera, urucum, manga e cacau, entre outros. Muitas plantas medicinais e temperos, plantas ornamentais e animais em todo o pátio. Também têm cultivos intercalados entre si e, com as árvores – sobretudo bananeiras –, muitas associações: banana com feijão; abacate, goiaba, tomate, batata doce, melão e amendoim. Desenhos muito complexos, previstos para possibilitar a entrada da junta de bois e o manejo da vegetação espontânea. Obtêm uma produtividade muito alta de terras que tinham fertilidade muito baixa.

Sua roça mostrou uma impressionante resiliência diante da passagem do furacão *Ike*, com muita recuperação, apenas 40 dias depois do

(Um parênteses necessário…)

desastre. Mas tiveram que levantar muitas das árvores derrubadas, conseguindo salvá-las sustentando-as com pedras e madeiras. E as árvores sobreviveram.

Nini é também promotor do MACAC. Gosta de transmitir suas experiências sobre o uso de esterco, composto e barreiras (que muitos já adotaram). Além disso, cuida de um círculo de Interesse, organizado na escola primária de sua comunidade, onde realiza um belo trabalho de formação vocacional das crianças para a agricultura e a agroecologia.

Outro exemplo de resiliência foi visto na propriedade *Los Velásquez*, na CCSF *Gerardo Antonio*, de Las Tunas, com uma área de 16 ha, solos de baixa fertilidade, deficiência em água e uma alta diversidade.

Nesta roça dedicam-se à produção de frutíferas: cítricos, coco, goiaba, abacate. Mas também plantam feijão, mandioca, batata doce, hortaliças e outras espécies consorciadas com as frutíferas. Têm, também, doze cabeças de gado, equinos, caprinos, pavões e mais de cem galinhas. Usam cercas vivas e açudes para conservar o solo; não utilizam trator porque compacta: todas as tarefas são realizadas com tração animal. Apesar dos danos provocados pelo furacão *Ike* a esta roça, 40 dias depois observou-se nas plantações de cítricos uma grande regeneração, tanto de frutos como de folhagem.

Depois de compartilhar estas experiências com os promotores citados, ressalta-se a importância da resiliência humana, que pode ser definida como a capacidade de ações humanas para a recuperação diante dos fenômenos climatológicos. No entanto, o conceito é quase insuficiente para descrever a disposição, a coragem, a consagração e o espírito de sacrifício mostrado por estes excelentes produtores que imediatamente dedicaram-se à tarefa de recuperar suas roças.

Opiniões de Maria e Nini

Uma vantagem a associação de culturas: "Se não sai uma coisa, sai outra. Sempre há algo para comer, não importa o que aconteça". "Na roça avançamos cada vez mais fazendo cada vez menos". Ou seja, ao criar um sistema agroecológico, o próprio funcionamento do sistema faz com que se necessite cada vez menos mão de obra. Por exemplo, há muitos inimigos naturais na roça. Uns anulam os outros e as culturas se desenvolvem.

Opinião do promotor Ilso Velásquez, da Fazenda Los Velásquez

Nunca me senti derrotado nem sou derrotista. Quando amanheceu, e eu fui para fora quando pude sair, e vi o arvoredo, não me amedrontei. Precisava ver toda a plantação: 111 mil cocos no chão. Precisava ver o chão: não havia espaço para caminhar. Mas quando olhei para cima disse para mim mesmo: "ele me deixou (o furacão) a metade da laranja; isso basta para eu me recuperar".

A *experimentação e inovação camponesas: valiosa ferramenta*

Já se disse em outro lugar que uma das grandes fortalezas do povo cubano é sua capacidade para fazer da necessidade, vantagem. Sua criatividade, sua busca permanente de soluções rápidas e duradouras foram postas à prova uma infinidade de vezes ao longo de sua história recente. E o povo deu a volta por cima.

Tradicionalmente, o campesinato foi sempre um grande experimentador. Realiza com frequência pequenas experiências, seja com uma nova variedade, um novo produto biológico ou um substrato orgânico. O propósito é sempre melhorar sua produção ou buscar solução para os problemas de seu estabelecimento.

Como já vimos, a agroecologia inseriu-se no contexto cubano em um dos períodos mais difíceis, mas ao mesmo tempo, mais adequados para introduzir as mudanças necessárias em sua agricultura. No início da crise, os camponeses cubanos enfrentavam dois problemas para manter sua produção agrícola:

- A limitação de insumos e recursos de todo tipo, mas sobretudo os problemas relativos ao sistema convencional de agricultura.
- O problema do meio ambiente, como resultado do desequilíbrio criado pela monocultura, o abuso da mecanização e o uso excessivo de produtos químicos.

Arado multipropósito JC21A

Para aliviar o trabalho mais duro e menos produtivo (a enxada); reduzir por um lado o esforço físico e, por outro, aumentar a produtividade, comecei a criar o arado multipropósito. E agora, como você vê, meu arado está registrado com sua própria patente.

Arado multipropósito JC21A Fazenda *Del Medio* **Promotor José A. Casimiro González CCS F** *Rolando Reina Ramos* **Município de Taguasco Província de Sancti Spíritus.**

Promotor José A. Casimiro González, CCSF Rolando Reina Ramos, Propriedade Del Medio, Município Taguasco, Província de Sancti Spíritus.

Quadro 5.1. Práticas agroecológicas muito utilizadas atualmente.

- Minhocultura
- Conservação de solos
- Conservação de sementes, resgate de variedades e de raças crioulas
- Fitomelhoramento camponês participativo
- Introdução de novas culturas
- *Fortalecimento das rações crioulas balanceados para alimentar os animais*
- *Maior uso de fontes alternativas de energia*

Fonte: Entrevista coletiva com promotores (produtores), facilitadores e coordenadores do MACAC, Oficina de Sistematização, Santa Clara, 25 de novembro de 2008.

Assim, a necessidade estimulou a experimentação e inovação camponesas, partindo dos elementos de sustentabilidade de seus sistemas tradicionais. Além do mais – como já se disse antes –, por sua força e objetividade, a experimentação camponesa atraiu o interesse de técnicos e centros de pesquisa que a acompanharam em sua busca de soluções. Na etapa atual do movimento agroecológico – quando já se fortaleceram a capacitação e os intercâmbios entre camponeses –, é possível encontrar, em todo o

Armadilhas para combater insetos com o uso de mel e feromonas sexuais, elaboradas em diferentes regiões com recursos locais e/ou de descarte, frutos da criatividade. Província de Holguín.

país, numerosos resultados desta experimentação, do engenho e da criatividade camponesa. E para sustentar estas palavras, lá vem o exemplo atrás delas.

A propriedade *Doña Esther*, pertencente à CCSF *Ulises Fernández*, no município de Calixto García, Província de Holguín, tem 63,75 ha. Dedica-se a várias culturas e à pecuária. Conta com um promotor: Víctor Manuel Proenza Peña.

Víctor Manuel uniu-se à ANAP em 1969. Junto com sua esposa, começou naquele momento a trabalhar a roça com as formas tradicionais herdadas de seus antepassados. Em 1982 foi selecionado como ativista fitossanitário e recebeu vários cursos com conceitos de agricultura convencional, projetada para o uso de produtos químicos degradantes do meio ambiente. Em 1989, também, começou a trabalhar como extensionista agropecuário, em coordenação com institutos de pesquisa. Esta experiência levou-o a conhecer aspectos sobre degradação dos solos, controles biológicos de pragas e outras práticas sustentáveis.

Em parte por isso, foi selecionado no ano 2000 como facilitador agroecológico em um plano piloto provincial. Finalmente, sua participação em oficinas nacionais e intercâmbios permitiram-lhe capacitar-se de forma adequada e formar parte do grupo assessor provincial. Todos estes fatores possibilitaram a Víctor Manuel transmitir suas experiências a outros camponeses e, também, pô-las em prática em sua roça. Suas principais conquistas são:

Intercâmbio de experiências em Valle de los Ingenios, Trinidad, Sancti Spíritus.

- *A utilização de controles biológicos, fundamentalmente a formiga leoa (Pheidole megacephala frabricio), pois dispõe de um açude natural dentro da roça, experiência que transmitiu a outros lugares e a outros camponeses. Utiliza-o para controlar o gorgulho da batata doce (Cylas formicarius), mas também fez pesquisas sobre fertilização com formiga leoa.*
- *A não aplicação de produtos químicos. Conseguiu um equilíbrio, pois no passado aplicava muitos produtos químicos e, como resultado, cada vez tinha mais pragas.*
- *Uso de policulturas para manter o equilíbrio.*
- *Introdução de novas variedades e tecnologias de produção de tubérculos (batata doce e mandioca), combinadas com o uso de práticas agroecológicas.*
- Melhoramento de solos com rotação de culturas, áreas de pousio, cultivo mínimo, uso de tração animal e emprego de matéria orgânica, fundamentalmente húmus de minhoca e composto.
- Resgate e conservação de espécies vegetais e raças animais.
- Melhoramento de espécies mediante seleção positiva, no caso do feijão. Também tem uma variedade de abóbora denominada por ele *Doña Esther*, obtida em sua roça mediante cruzamento.
- Melhoramento de raças animais mediante cruzamento.
- Produção de rações crioulas para alimentação animal.

Capacitação e formação de quadros

Muitas foram as conquistas da Revolução Cubana e, ao falar delas, seria impossível não fazer referência à educação. A este respeito, disse Fidel Castro: "Sempre pensei que a educação é uma das mais nobres e humanas tarefas a que alguém possa dedicar sua vida. Sem ela não há ciência, nem artes, nem letras; não há nem haverá produção, nem economia, nem saúde, nem bem estar, qualidade de vida, nem recreação, autoestima, nem reconhecimento social possível".

Mostra-se significativo o trabalho educativo das escolas, incluindo temas relacionados ao amor à natureza e ao respeito pelo trabalho agrícola. Este trabalho aparece nas hortas das escolas primárias e creches, com a participação direta das crianças em atividades agrícolas, para cumprir o princípio martiano de vinculação estudo-trabalho.

De Cuba a Venezuela, de Camponês a Camponês

Juntamente com o trabalho realizado pelo MACAC em âmbito nacional, este Movimento destacou-se também por estreitar relações de intercâmbio com outros países irmãos, como Nicarágua, México, Guatemala, República Dominicana, Haiti, Moçambique, Colômbia, Chile, Equador e Brasil.

Foi especial a colaboração com o povo venezuelano, por meio do "Projeto de Formação Integral para Camponeses e Povos Indígenas com Enfoque Agroecológico", que conta com 34 quadros da ANAP, incluindo vários camponeses "professores", que trabalham permanentemente em 22 estados desse país irmão, realizando ações em 205 municípios onde vivem pequenos e médios produtores camponeses. Como resultado desta colaboração, foram criadas 565 turmas agroecológicas, com uma matrícula de 10.744 pessoas, assim como 7 escolas regionais de agroecologia. Além disso, continua-se trabalhando na assessoria do Centro Nacional de Formação para Camponeses e Povos Indígenas, no estado de Anzoátegui. A realização deste projeto facilitou também a preparação em Cuba, sobre temas de agroecologia, de 641 líderes camponeses e indígenas venezuelanos, no Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez", da ANAP.

E ainda, por parte do MACAC, a vinculação de seus promotores com estudantes das escolas formadoras de técnicos em ramos agropecuários, e participantes dos círculos de interesse sobre agricultura nas escolas primárias, mostram-se úteis para assegurar a formação dos futuros técnicos e quadros da agricultura com base em princípios agroecológicos.

Sem dúvida, o alto grau de escolaridade (9º grau, em média) que distingue o campesinato cubano é um elemento que tem favorecido a implantação e o desenvolvimento da metodologia de Camponês a Camponês. Este potencial, somado ao sistema organizativo e à capacitação metodológica por parte da ANAP, transformou a experiência cubana em uma das que melhores resultados alcançou no campo da agroecologia. Por isso, a ANAP potencializou a capacitação agroecológica durante este período. Alguns de seus resultados neste item foram os seguintes:

- Curso Política Ambiental da Revolução Cubana e Agricultura Sustentável para Dirigentes da ANAP. Desde 1997 até hoje, este programa capacitou 2.386 dirigentes da organização camponesa.
- Elaboração do programa para o curso de preparação de quadros nas organizações de base da ANAP, dado de setembro de 2003 a junho de 2004, em 188 classes das escolas municipais do Partido. Neste curso foi incluído o tema "O quadro anapista, em interação com o meio ambiente e a formação agroecológica", que contou com material bibliográfico confeccionado no Centro Nacional de Capacitação "Niceto Pérez" e permitiu a formação de 5.058 cooperativados.
- Cursos sobre agroecologia a 1.762 estudantes da Europa, América Latina e Caribe.
- Curso formador de formadores a 162 coordenadores, que receberam as ferramentas metodológicas para reproduzir o curso para 3.031 facilitadores do Movimento Agroecológico em todo o país.

Por outro lado, os coordenadores e facilitadores do Movimento Agroecológico constituem uma das fontes para a formação de quadros na organização. Isto é, iniciam seu trabalho na organização como atores da metodologia e, mais adiante, decide-se que assumam outras responsabilidades. Aprofundando este aspecto, é preciso indagar se constitui uma força ou uma debilidade.

Em princípio, pode considerar-se uma debilidade, devido ao que representa para a estabilidade do MACAC a formação constante de novos coordenadores e facilitadores. Isto transforma-se em um ciclo no qual, reiteradamente, o processo se reinicia. No entanto, a dinâmica de trabalho destes coordenadores e/ou facilitadores – diretamente vinculados aos produtores, a seus problemas e soluções–, assim como seu desenvolvimento pessoal ao serem promovidos a cargos de direção, são fatores que contribuem para fortalecer

Opinião de um facilitador da Província de Villa Clara

Círculo de Interesse "Os guardas do bosque", integrado por pioneiros e acompanhado por promotores. Município de Najasa, Província de Camaguey.

A escola é um elo fundamental na preparação das futuras gerações. Se desde cedo conseguirmos desenvolver consciência e cultura ambiental nas crianças, estaremos conseguindo homens que lutem pelo meio ambiente e que vejam na agricultura o caminho para satisfazer suas maiores necessidades. É preciso transformar o homem desde pequeno. Hoje é uma conquista o desenvolvimento nas escolas dos círculos de interesse com enfoque agroecológico, orientados por promotores. Devemos continuar aprofundando esta experiência. Sem capacitação não há bons resultados; é necessário aprender fazendo.

Palavras de Peter Rosset na província de Holguín

Lembro-me do último evento da ACTAF, no Hotel Nacional. Uma coisa que me impressionou muito não foi apenas o desempenho dos camponeses na mesa redonda. Eu os vi – eles e elas – em todas as seções de trabalho, tomando notas como loucos, como se fossem estudantes fazendo sua tese de doutorado. E perguntas e comentários, como qualquer cientista, sem vergonha nenhuma. Isso foi lindo, lindo, lindo: ali, junto com os grandes professores e pesquisadores e tudo, grandes autoridades. Foi lindíssimo.

Opinião de uma facilitadora da província de Havana

O trabalho de capacitação deve dar-se entre as gerações. Devido ao envelhecimento da população e à necessidade de intercâmbio de saberes, e porque se pode – com um enfoque holístico humanista – trabalhar gênero, meio ambiente, cultura do direito e bioética, que é o que assegura o desenvolvimento humano e sustentável. Trabalhar com todas as gerações, porque juntos estamos construindo um mundo melhor.

o Movimento, devido ao nível de compromisso que adquiriram no percurso. Seu conhecimento e experiência no processo transformam-nos, a partir de suas novas responsabilidades, em excelentes divulgadores do Movimento.

Conclusões

O período atual do MACAC em Cuba é de auge e consolidação. Isto se observa nos dados de seu crescimento, resultados produtivos, contribuição para a alimentação do país e do povo, e na não dependência de insumos tóxicos e importados. Este auge e este êxito explicam-se por diversos fatores, sendo o mais importante deles sua transformação em movimento de massas. A isso podem ser acrescentados os refinamentos na metodologia, como o método de Banes e a classificação das roças, assim como, também, o avanço – embora mais lento – do MACAC nas CPA.

A maior resiliência biológica e humana dos sistemas agroecológicos aos embates dos ciclones é, sem dúvida, outro fator importante. E também, a constante capacidade inovadora e experimentadora do campesinato, dono de uma criatividade liberada pelo Movimento.

Finalmente, a capacitação e formação de quadros por meio do Movimento, ainda que, de certa maneira, uma faca de dois gumes, fortaleceu-o.

CAPÍTULO 6

A família camponesa e a agroecologia

• Diversificação de papéis mediante práticas agroecológicas
• A substituição de gerações • Leis e garantias para a mulher cubana
• Movimento Agroecológico: buscando a equidade de gênero

Isso é 10% agroecologia e 90% a família na pequena propriedade rural.
José Antonio Casimiro González, camponês, promotor da CCS Rolando Reina. Sancti Spíritus.

Crise da família camponesa

No mundo inteiro, a família camponesa está em crise. Por um lado, a realidade econômica do campo e a penúria do trabalho agrícola fazem com que, na maioria dos países, a juventude não veja futuro no campo, e termine por integrar-se aos fluxos migratórios para a cidade ou para outros países.

Por outro lado, o machismo, a desigualdade entre homens e mulheres e a violência doméstica afetam a qualidade de vida, não apenas das mulheres, mas de toda a família. A agricultura convencional – do tipo promovido pela Revolução Verde – baseada como está na monocultura, nos insumos químicos e na mecanização, oferece poucos papéis aos membros da família, exceção feita ao homem. É o homem que maneja as máquinas, que aplica os agrotóxicos e que recebe os ganhos do cultivo único. O que termina por reforçar seu poder na unidade familiar. Portanto, muitas vezes é ele, exclusivamente, que decide tudo no seio da família. Aos demais, resta apenas o papel de coadjuvantes.

Em Cuba, por meio do MACAC, a agroecologia está conseguindo incidir de maneira positiva sobre essas tendências. Aumenta e diversifica os ganhos, além de gerar uma diversidade de papéis para toda a família extensa. Além disso, com ajuda da Estratégia de Gênero promovida pela ANAP, combate o machismo e o patriarcado, em suma, o poder exclusivo do homem na unidade familiar.

A diversificação agroecológica diversifica os papéis

Um elemento fundamental nos princípios que o MACAC promove é a diversificação do lote. Em vez de uma única cultura, a fazenda agroecológica tem

Compromisso da Via Campesina

Todas as formas de violência que as mulheres enfrentam em nossas sociedades – entre elas, a física, a econômica, a social, o machismo, as diferenças culturais e de poder – também estão presentes nas comunidades rurais e, portanto, em nossas organizações. Isto, além de constituir uma enorme fonte de injustiça, também limita o alcance de nossas lutas. Reconhecemos a íntima relação entre o capitalismo, o patriarcado, o machismo e o neoliberalismo, em prejuízo das camponesas do mundo. Nós, todos e todas, mulheres e homens da Via Campesina, comprometemo-nos de forma responsável a construir novas e melhores relações humanas entre homens e mulheres, como parte necessária da construção das novas sociedades a que aspiramos. Por isso, na 5ª Conferência tomamos a decisão de romper o silêncio e lançamos a campanha da Via Campesina "Pelo Fim da Violência Contra as Mulheres". Comprometemo-nos novamente, e com mais empenho, com a meta de alcançar a complexa, mas necessária paridade de gênero real, em todos os espaços e instâncias de participação, análise, debate e decisões da Via Campesina. Fortaleceremos o intercâmbio, a coordenação e a solidariedade entre as mulheres de nossas regiões. Reconhecemos o papel central da mulher na agricultura de autossuficiência alimentar, e a relação especial das mulheres com a terra, a vida e as sementes. Se não vencermos a violência contra as mulheres dentro de nosso movimento, não avançaremos em nossas lutas. E se não construirmos novas relações de gênero, não poderemos construir uma nova sociedade.

Declaração de Maputo (19 a 22 de outubro de 2008) 5ª conferência da Via Campesina. Maputo, Moçambique.

múltiplos cultivos anuais e perenes, muitas vezes semeados em policultivos e sistemas agroflorestais. Tem plantas medicinais, ornamentais e de condimentos; diversidade de animais, às vezes piscicultura, árvores frutíferas, compostagem e produção de húmus de minhoca, áreas de mata etc. Na transição da monocultura para a propriedade diversificada, observou-se uma tendência a (re)incorporar os distintos membros da família camponesa nas diferentes tarefas e papéis cuja necessidade torna-se patente. Também foi observada uma tendência à (re) integração da família na propriedade (retorno de vários de seus membros), relacionada à diversificação de papéis, porque permite que os diferentes membros tenham cada qual seu papel e, talvez, até um ganho independente.

O Quadro 6.1 consiste em listas de papéis e tarefas em propriedades agroecológicas diversificadas, elaboradas por um grupo de camponeses e camponesas participantes de uma oficina

Quadro 6.1. Papéis e tarefas dos membros da família camponesa extensa em fazendas agroecológicas diversificadas. Elaborado por participantes da Oficina de Santa Clara.

Mulheres:

1. Enxertos.
2. Conservação de alimentos.
3. Criação de aves e animais domésticos.
4. Seleção e conservação de sementes.
5. Minhocultura.
6. Produção de composto.
7. Semear e cuidar das plantas medicinais, ornamentais e condimentos.
8. Colher frutas.
9. Semear hortaliças e a horta familiar.
10. Preparação e uso de preparados orgânicos.
11. Artesanatos.
12. Agricultura de quintal.
13. Repassar entusiasmo a todos os membros da família.

Homens:

1. Compostagem.
2. Conservação dos solos.
3. Conservação de sementes.
4. Manejo de animais.
5. Elaborar e aplicar adubos orgânicos.
6. Uso de meios biológicos e de preparados vegetais.
7. Uso de tração animal.
8. Plantio de cercas vivas.
9. Plantio de cultivos associados e de cultivos diversos.
10. Incorporação de matéria orgânica.
11. Criar centros de criação de minhocas.
12. Fazer os trabalhos mais pesados.
13. Reflorestar.
14. Adubos verdes.
15. Cultivo de hortaliças.

Jovens:

1. Aprender com a experiência de pais e idosos.
2. Elaboração de composto.

(Quadro 6.1...)

3. Trabalhos rotineiros da propriedade, orientados pelos pais.
4. Cuidar dos animais.
5. Plantam.
6. Ajudam na aplicação prática da teoria aprendida.
7. Comercialização.
8. Tração animal.
9. Plantio de árvores frutíferas e para madeira.
10. Criação de abelhas.
11. Produção de mudas de frutíferas em viveiros e enxertos.
12. Ajuda na colheita.

Crianças:

1. Selecionar material para compostagem.
2. Alimentar e cuidar da minhocultura.
3. Seleção e conservação de sementes.
4. Conservação de alimentos.
5. Círculos de interesse.
6. Plantas ornamentais.
7. Criar pombas.
8. Alimentar e cuidar dos animais.
9. Cuidar das hortaliças.
10. Estudar na escola.
11. Controle de pragas com armadilhas.
12. Plantar árvores.

Idosos:

1. Transmitir experiências aos demais e orientar os jovens.
2. Conservação de alimentos.
3. Cuidar das árvores frutíferas.
4. Preparar alimentos para os animais.
5. Seleção e conservação de sementes.
6. Tarefas que exijam menos esforço físico.
7. Regam o composto.
8. Plantar ervas medicinais.
9. Plantar para autoconsumo.
10. Cuidar dos coelhos e das galinhas.
11. Cuidar das crianças.
12. Confeccionar instrumentos e ferramentas.

em Santa Clara. Nota-se, ali, uma certa superposição de papéis. Isso se deve a que em muitas ocasiões, a tarefa de um jovem em uma família, pode ser a de um idoso em outra. Em algumas viagens pela zona rural, observamos que as mulheres, além de se responsabilizarem pelos animais, semeiam certas plantas e hortaliças no quintal; e, muitas vezes, também se encarregam da minhocultura, chegando a organizar pequenos coletivos de minhocultura com suas vizinhas. Por outro lado, é comum que os e as jovens tenham seus próprios "projetos"; por exemplo, a criação de certos animais com os quais pensam obter renda. Ou os idosos, que às vezes mantêm seus pomares ou fazem e vendem suas conservas. Todas estas oportunidades nas propriedades com práticas agroecológicas incentivam a integração da família camponesa extensa. Ao mesmo tempo, o poder do homem em sua família fica mais reduzido, quando comparado com o que ocorre nas propriedades dedicadas à monocultura.

Motivação

As cooperativas devem ver como um investimento esse jovem que está se formando, e não deixar isso apenas a cargo do Estado. Devem participar da seleção, motivar os filhos de camponeses para que optem pelas especialidades agropecuárias e depois juntem-se a sua família para trabalhar.

Orlando Lugo Fonte
Presidente nacional da ANAP

Promotores: **Augusto Rodríguez e Joaquín Rodríguez**
Sítio: **La Josefa**
Município: **Najasa**
Província: **Camagüey**

Tem 20,3 ha diversificados, mais de 100 espécies de árvores, das quais 8 exóticas e 4 em perigo de extinção, jardim de plantas ornamentais com variedades de orquídeas resgatadas e aves exóticas. A área foi aberta pelo avô em 1930 e seu pai, um camponês pesquisador, continuou; quando morreu, seus filhos assumiram a propriedade e continuaram o trabalho com a formiga leoa, iniciado pelo avô quando eram crianças.

Seis pessoas vivem de sua propriedade. A distribuição de tarefas é feita entre a própria família; todos os membros contribuem. A esposa e a irmã limpam hortaliças e currais, fazem a colheita, cuidam das bananeiras e dos animais e preparam a merenda. Enquanto o sobrinho cuida do gado, o avô ajuda com as hortaliças. A avó também ajuda, supervisionando tudo. Amaury conclui satisfeito: “a terra tem sido o meio da reunificação da família”.

Substituição de gerações: necessidade vital

A escassez e o aspecto rotineiro do trabalho agrícola são mais significativos na monocultura convencional, onde são terríveis as condições de trabalho: o calor sufocante do sol direto, a poeira levantada do solo descoberto entre as leiras e o enjoo provocado pelo cheiro dos fertilizantes e pesticidas químicos. Se somarmos a isso a tendência a seguir receitas produtivas, em vez de usar a criatividade, o trabalho torna-se pouco atraente para os jovens de ambos os sexos.

Ao contrário, a propriedade agroecológica tem sombra, a temperatura é frequentemente agradável e não há poeira, pois o solo está coberto de

História de duas famílias que voltaram para o campo

Amaury Ramos, de 32 anos, foi trabalhador da Estação Experimental de Pastagens e Forrageiras de Camaguey, onde trabalhou no projeto "Integração pecuária-agricultura com base agroecológica". Depois de uns anos ali, decidiu sair para aplicar o que aprendera no estabelecimento rural de seu sogro, onde diversificou seus cultivos e criou um modelo de sistema agroecológico.

No ano 2000 mudou-se para Jimaguayú, na província de Camagüey, para uma área infestada de marabu (Dichorostachys cinérea) e outras plantas daninhas. Para ele, foi muito difícil começar devido à falta de recursos econômicos. Ainda assim, perseverou. Começou por arrancar as ervas daninhas, perfurou um poço, construiu um pequeno açude e uma casa simples para morar. Depois semeou dois hectares de pasto – que mais tarde ampliou para 2,5 e que, agora, são cinco – e plantou para alimentar sua família.

Sua propriedade chamase *La Esperanza* e pertence à CCS-F 26 de Julho. Foi progredindo a cada ano. Tendo apenas algumas cabeças no início, foi agregando mais animais de raças resistentes; pratica também a piscicultura, com tilápias. Os solos de *La Esperanza* eram muito pobres, mas incoporar-lhes matéria orgânica de seus próprios animais deu muito bom resultado.

Atualmente trabalha como promotor do MACAC; participa de intercâmbios de experiências e de oficinas, ocupando-se do tema da produção de sementes. Sua área sofreu as consequências do furacão *Ike*, em 2008, mas seus cultivos mostraram-se muito resistentes. Amaury considera que a integração de pecuária à agricultura leva à sustentabilidade.

Declara: "meu objetivo final é alimentar a família com a própria produção da terra e, depois, levar saúde à população. Acho que estou chegando lá. Vendo leite e hortaliças para escolas, creches e para o lar maternal. Meu sítio é como uma escola".

Família de Amaury Ramos, vinculada ao Movimento Agroecológico. Província de Camagüey

Fala José Antonio Casimiro González, da CCS *Rolando Reina,* Município de Taguasco, Província de Sancti Spíritus

Em 12 de junho de 1993 chegamos a esta área para ver se conseguíamos nos adaptar. Tínhamos apenas nós mesmos: minha esposa, eu e dois filhos, menina e menino, de 12 e 11 anos. Passei aqui meus primeiros anos de vida com meus avós e esta era a melhor recomendação. Tinha uma noção do que era o campo desde criança: brincar, montar a cavalo e ajudar em algumas coisas.

Na propriedade não havia o que fazer. Estava totalmente degradada, sem cercas nem arados para lavrar. A casa estava em muito mau estado; fazia muitos anos que ninguém morava nela e não havia luz elétrica. Naquele tempo era meu pai que cultivava a terra, de forma convencional, monocultura do fumo, fundamentalmente.

Meu avô tinha me dado um pedaço de terra e eu, no fim de dois anos, tinha feito milagres com duas galhinhas, uma vaca e uma porca. E meu pai já tinha se convencido de que o que eu pensava era possível. Fiquei então com uma responsabilidade enorme: uma área superexplorada durante 53 anos consecutivos com a monocultura do fumo, sem barreiras de contenção nem cercas – infraestrutura zero.

O panorama visto da distância de 12 anos era aterrorizante, mas tinha naquele momento tanta motivação que percebo que descobri coisas que me alegra compartilhar com todos. O primeiro choque que tive foi com as cercas: não existia nenhuma. Sem recursos, sem arame, decidimos cercar a propriedade com uma planta espinhosa que, em espanhol, chama-se *piña de ratón* (*Bromelia pinguin l.*). Mas, naquela zona não havia essa cultura e tive que trazê-la de muito longe. Sob críticas e tudo o mais, cercamos e pouco a pouco fomos produzindo a *bromelia* nós mesmos. Comecei fazendo o que sempre se fizera de forma convencional: tratores, motores, agroquímicos. Realmente cheguei a alcançar altas produções em determinados cultivos; mas também havia muita degradação, contaminação, erosão, dependência de insumos, e nesse sistema eu necessitava de mão de obra, que é muito cara e rara. Por tudo isso, tive que começar a mudar e a procurar outras formas. Comecei a fazer isso, mas ninguém me compreendia.

Em 4 de abril de 2001 visitei a área do Movimento Agroecológico da ANAP, com un grupo de especialistas em agricultura. Era o que estava me faltando. Até então pensava que estava sozinho. Que eu era a única pessoa que tinha atração pelo campo. Que estava isolado com todas as minhas loucuras… Mas aquele encontro me convenceu de que há muitos loucos e que estão loucos para dar, ensinar, transmitir e fazer compreender que é possível praticar a agricultura em Cuba de um modo que seja melhor para todos.

Acho que o que mais me motivou foi receber tanto reconhecimento por parte daqueles que sabem mais. Eu estava no caminho certo, e o que me faltava estava ali. Se não fosse aquele Movimento nada disso teria me acontecido. Conseguiram envolver-me e decidi, já com base mais técnica, continuar minhas pesquisas junto com a ciência mais justa para produzir alimentos: a agroecologia.

No meio disso tudo, e cada vez com mais experiência, fomos percebendo que tudo que estamos dizendo é muito, mas muito mesmo mais sério do que a gente possa imaginar. A agroecologia, de verdade, busca criar uma cadeia que continua fazendo maravilhas. Sinceramente, tudo quanto dizem os cientistas e pesquisadores está certo: é possível praticar agricultura sem produtos químicos, sem dependência do mercado, sem importar fertilizantes, com pouca água; de forma honrada, humana e decente, sem contaminar, sem degradar, melhorando o meio ambiente. Mas a verdadeira agroecologia, o máximo, o que é permanente e contínuo, tem que ser adquirido como cultura desde criança, e acho que isso só pode ser oferecido pela família. *(Casimiro, 2007)*

adubo verde, *mulch* (serragem, restos de madeira, palha, conchas, folhas, casca de arroz etc.) e cultivos associados. Nenhum cheiro químico. Mas, além disso, o trabalho cativa a imaginação, envolve cabeça e criatividade. Em nossas viagens e entrevistas encontramos muitas pessoas fascinadas – e até obcecadas – com a agroecologia. Vários jovens, moças e rapazes, declararam ter permanecido no campo devido ao aspecto interessante e criativo de seu trabalho.

Assim, a presença da juventude é garantia da substituição de gerações e da continuidade do processo de transformações agroecológicas empreendido pela ANAP. Ao terminar 2008, por exemplo, a organização tem entre seus associados 20.526 camponeses com menos de 30 anos (Fonte: ANAP), o que representa 6,2% do total de associados e garante continuidade, ainda que, sem dúvida, seja necessário um aumento ainda maior.

Claro que no caso de muitas famílias camponesas, quando o dono da terra se associa, dada sua representatividade, alguns membros, mesmo podendo comparecer, satisfazem-se com a presença do dono nas assembleias e demais atividades. Mesmo assim, a potencialidade de participação dos jovens poderia ser maior. O próprio Movimento Agroecológico atesta isso, pois devido a seu

caráter de ampla e permanente promoção desde as famílias até a cooperativa, e devido às novas opções que oferece, possibilitou que a absorção de jovens ultrapassasse em muitos casos 25% dos participantes, como promotores, facilitadores e camponeses participantes.

A ANAP promove, ainda, outras formas de participação da juventude; entre elas, as Brigadas Juvenis Camponesas, que agrupam a juventude para a realização de inúmeras atividades de capacitação e recreação. No final de 2008, a organização contava com mais de mil brigadas, integradas por 9.225 jovens. E, ainda, junto ao Ministério de Educação, organizações juvenis e estudantis realizam atividades como palestras em centros de educação pré-universitários, politécnicos e universidades; visitas a propriedades rurais e intercâmbios com camponeses, para assim motivar os jovens para a escolha de carreiras agropecuárias.

Ficou demonstrado que os(as) mais jovens estão mais abertos(as) para enfrentar mudanças e o uso de novas práticas. A contribuição da juventude para o Movimento Agroecológico é perceptível. Há muitos promotores(as) e facilitadores(as) jovens que contribuem muito com suas iniciativas, entusiasmo e criatividade; que são originais e intervêm nas atividades. Ou seja, a agroecologia é um conceito cujas práticas requerem participação ativa – para pesquisar, experimentar, resgatar e criar – e, por isso, é compreensível que cative a inquietação e a imaginação dos e das mais jovens. Por isso, não é de se estranhar que contribua para interessar e reter a juventude no campo.

Mulheres em Cuba, na ANAP e no MACAC

Desde a vitória da Revolução, o tema da igualdade da mulher está entre as prioridades do poder revolucionário e das organizações sociais, inclusive da ANAP, por sua relação direta com a mulher camponesa. A materialização dessa prioridade por parte do governo cubano se explicita em um conjunto de leis que referendam os direitos da mulher:

- As duas Leis de Reforma Agrária outorgam o direito à terra e igualdade de condições a mulheres e homens. Por uma casualidade ou coincidência histórica, o primeiro título de propriedade foi dado a uma mulher.
- O Código de Família, que entrou em vigor em 8 de março de 1975, estabelece – entre outros pontos – a igualdade jurídica absoluta da mulher e do homem no casamento.

- A Constituição da República, que entrou em vigor em 24 de fevereiro de 1976, declara a proteção do Estado à família, à maternidade e ao casamento. No artigo 43 deste documento está especificado que a mulher goza de iguais direitos que o homem no plano econômico, político, social e familiar. Além disso, o Estado proporciona condições para garantir sua inclusão no trabalho social e cria condições propícias para o princípio da igualdade.
- A Lei da Maternidade estabelece o direito de licença retribuida às mulheres trabalhadoras gestantes, para assegurar e facilitar o atendimento médico durante a gravidez (autorizada e retribuída), o descanso anterior e posterior ao parto e à amamentação e o cuidado de seus filhos até cumprirem o primeiro ano de vida.
- A Lei de Cooperativas reconhece iguais direitos a homens e mulheres.

São inumeráveis os progressos obtidos no que se refere à igualdade de gênero. Atestam-no os seguintes dados, de 2007: a participação da mulher cubana representa 46% da força de trabalho do país, 66 % da capacidade técnica e profissional; 55,5 % dos médicos, 70,1% do corpo docente, 71% dos juízes e 52,2% dos colaboradores da saúde no exterior.

O próprio Fidel Castro afirmou que dar igualdade de oportunidades não basta para alcançar a justiça desejada. É necessário promover ações que, no caso da mulher, vão além de espaços de participação ou do desenvolvimento individual, pois devem romper a herança discriminatória do machismo nos espaços privados da família e do lar e se estendem aos âmbitos públicos da sociedade, em esferas vitais, como a participação e a tomada de decisões, entre outras.

Não obstante, apesar das condições de igualdade e dos avanços sociais de que desfrutam as mulheres cubanas, a inclusão de camponesas como associadas a organizações de base da ANAP é baixa. Calcula-se que atualmente, apenas 11,41% dos associados são mulheres, enquanto 47% da população na zona rural é feminina.

Hoje, a camponesa e cooperativada que já tem consciência de seu papel na produção, ainda tem que alcançar um nível de compreensão sobre aspectos vinculados a tradições e hábitos que não caminham de acordo com os avanços sociais: seu papel na família, na vida matrimonial, na educação sexual, na saúde e em outros aspectos (Navarro, B. 2007).

Opinião de Rafael Santiesteban, presidente da ANAP na província de Holguín

A necessária incorporação das mulheres ao Movimiento, .

O Movimento contribuiu para aumentar o protagonismo da mulher, e sua presença nas atividades sociais é maior. A participação das mulheres nas oficinas que se realizam nas propriedade de promotores e promotoras representava um problema difícil de resolver e hoje obteve-se sua presença, fato que mostra a ruptura de muitas das barreiras impostas pelo machismo nos primeiros anos.

Às vezes, quando se fala de agricultura sustentável, não se considera o papel desempenhado pela mulher em sua casa, na criação de aves, conservação da horta, participação nas colheitas e práticas que beneficiam o solo. Geralmente, a esposa de um promotor agroecológico também realiza práticas agroecológicas e contribui para que a que a fazenda seja cada vez mais um sistema fechado.

As promotoras do Movimento Agroecológico do CAC estão estreitamente vinculadas ao Projeto de Conservação de Alimentos por Métodos Artesanais, com metodologia Mulher a Mulher, que contribui para a sustentabilidade e dá resposta às necessidades da família camponesa.

A pesar dos êxitos obtidos, não nos sentimos satisfeitos com os níveis de promotoras e facilitadoras, pois ainda não são suficientes. Para tanto, trabalha-se por meio da capacitação, da diversificação de empregos, propiciando os conceitos para sensibilizar o enfoque de gênero, realizando atividades de intercâmbio para lograr a comunicação entre elas e enfrentar o espaço familiar semeando novas condutas.

Em nossas cooperativas temos muitos jovens e mulheres. Para falar das mulheres, atualmente temos presentes como associadas da organização mais de 2.500, assim como mais de 2.300 jovens com menos de 30 anos. O trabalho não se realiza apenas com jovens e mulheres das cooperativas. Desenvolve-se com outras mulheres e jovens que fazem parte da comunidade, a cooperativa que tem um papel aglutinador, as coordenações, os demais fatores e a participação ativa de todos; isto é, além da mulher associada, incorpora-se a esposa do cooperativado, do camponês e outras mulheres e jovens que vivem na zona rural.

Migdalia da CCS Sabino Pupo em Cañadón, Banes. Reconstroem sua propriedade agroecológica familiar depois do furacão.

Por estas razões, a ANAP pretende resolver três questões fundamentais da problemática que vive a mulher camponesa:

1. *O sentido de justiça implícito no tema da equidade entre mulheres e homens.*
2. *A necessária inclusão da mulher como ente econômico e social plenamente ativo.*
3. *Abranger em sua atenção política e social o universo da mulher camponesa.*

Para cumprir estes propósitos, desde 2005 trabalha na implementação de uma Estratégia de Gênero, cujo objetivo principal é, textualmente: “alcançar

uma maior participação de mulheres nas CPA e nas CCS, assim como fortalecer seu papel, incrementando sua participação nos diferentes níveis de direção e tomada de decisões". Isso implica na definição de objetivos específicos e de tarefas que já possibilitam – apenas três anos depois de sua implementação – avaliar um amplo espectro de resultados e de perspectivas no trabalho.

Reflexão de um facilitador da província de Ciego de Ávila

A mulher ajuda muito no desenvolvimento das práticas agroecológicas, pois organiza de forma consecutiva e lógica os trabalhos realizados diariamente e prevê rapidamente situações que possam se apresentar. É mais susceptível e entusiasta para aplicar uma nova técnica. Com seu dinamismo exige e dirige as tarefas a realizar. É capaz de sensibilizar todo o núcleo familiar e divulgar entre jovens e outros camponeses a agroecologia.

- Pretende-se fortalecer o papel da mulher ao incrementar sua participação nos diferentes níveis de direção. Hoje, as mulheres já representam 31% dos dirigentes da organização.
- Criação da cátedra de gênero no Centro Nacional de Capacitação Niceto Pérez.
- Fortalecer as relações de trabalho com a Federação de Mulheres Cubanas (FMC) e manter os planos conjuntos desenvolvidos durante muitos anos, com experiências notáveis. Exemplo: a formação de brigadas de trabalho denominadas FMC-ANAP.
- Trabalhar com as universidades, particularmente com as Cátedras da Mulher ali existentes.
- Aproveitar a cooperação internacional. Atualmente, a Oxfam apoia a realização de algumas experiências piloto para capacitação e formação no tema gênero.
- Desenvolver um amplo programa de atividades de sensibilização e capacitação em todas as cooperativas, municípios e províncias que se encerre anualmente com um balanço nacional das atividades relacionadas com o tema gênero.
- Seleção e capacitação de 4.500 ativistas de gênero nas cooperativas e municípios do país.

Comentava Orlando Lugo Fonte, presidente da ANAP, na entrevista realizada durante este processo de sistematização:

Resta-nos muito por fazer nesta questão. Não há dúvida que a transformação que vamos proporcionar às famílias camponesas ao praticar com realismo puro a atividade de gênero, ajudará muito a desenvolver o nível e a qualidade de vida das famílias. Não é a mesma coisa, em uma família, a mulher ser uma escrava que deve fazer tudo, e a família assumir compartilhar o trabalho, as críticas, as opiniões. É aqui que a família adquire um melhor nível e qualidade de vida. Isso é o que buscamos com a estratégia de gênero: ir melhorando a qualidade de vida das famílias camponesas.

O tema gênero constitui, portanto, um dos eixos transversais do processo que o MACAC estimulou. Cabe mencionar aqui, que o MACAC – segundo Lugo Fonte – é o modelo de Movimento no qual se baseia a Estratégia de Gênero. Ou seja, procura-se transformar as relações de gênero fomentando um movimento interno na ANAP, o qual deve ser composto por ativistas femininos e masculinos, similar à estrutura do MACAC.

A situação de gênero no Movimento Agroecológico é complexa. Por um lado, a diversificação promovida construiu espaços de participação e poder para a mulher camponesa, tanto dentro de sua família como do Movimento. Passaram a existir, por exemplo, funções de promoção, facilitação e coordenação, postos ocupados por algumas mulheres; no entanto, a participação da mulher nestes espaços ainda está bem longe de ser igualitária, como se observa na Tabela 6.1.

Coordenadores/as				Facilitadores/as				Promotores/as			
Total	H	M	%	Total	H	M	%	Total	H	M	%
144	87	57	39.58	2975	2620	343	11.53	11460	10566	895	7.81

Tabela 6.1. Composição atual por sexo na estrutura do MACAC

Por outro lado, a participação da mulher para implementar técnicas agroecológicas é louvável. As mulheres destacam-se muitíssimo, não apenas nas disciplinas tecnológicas, como também nas de sistematização das responsabilidades que assumem. Além disso, obtiveram-se melhores resultados quando as mulheres participam de determinadas práticas e tecnologias que lhes são mais acessíveis, para sincronizar sua tarefa agroecológica com a teia de papéis que desempenham na organização familiar e da propriedade. Por exemplo:

- Desenvolvimento da minhocultura.
- Diversificação da propriedade em matéria de hortas, pomares, floricultura e criação de pequenos animais.
- Conservação dos alimentos e demais atividades referentes ao período posterior à colheita.
- Seleção e conservação de sementes.
- Direção administrativa da propriedade ou da cooperativa.
- Vigilância da propriedade e de seus bens.
- Mantêm e garantem – com muito gosto – as necessidades estéticas e a ordem da propriedade.
- Administram melhor a água e a lenha.
- São mais ativas no conhecimento das condições meteorológicas, assim como no que se refere a pragas e medidas preventivas.
- Cuidam da saúde e conhecem e fomentam a medicina tradicional.
- Desempenham a tarefa fundamental para formar a vocação, os hábitos e as aptidões dos futuros agricultores.

Fonte: Oficinas de gênero realizadas pela ANAP.

Nas CPA, muitas destas práticas constituem fontes de emprego em atividades econômicas que se adequam às possibilidades da mulher e que, em geral, são mais bem remuneradas, como a produção de hortaliças, flores, frutas e a elaboração artesanal de alimentos, graças à qual agregam valor à produção.

Algumas perspectivas para o futuro

No mundo rural de todos os países enfrentamos a desintegração e a atomização da família camponesa. A monocultura tradicional não oferece papéis interessantes ou remunerativos para a juventude e demais membros da família, com exceção do homem, o menino, e isso reforça o patriarcado. Pelo contrário, a diversificação agroecológica promovida pelo MACAC diversifica, não só a produção, como também os papéis da família inteira, e o trabalho agrícola torna-se mais interessante e agradável, pois cativa a imaginação e oferece oportunidades para todos os membros da família. Como resultado, maior número de jovens permanecem no campo e outros membros da família extensa voltam a reunir-se na propriedade. O que, sem dúvida, contribui para garantir a substituição de gerações e reduzir o patriarcado na unidade familiar.

Tudo isso é complementado pela ambiciosa Estratégia de Gênero da ANAP, transversal na estrutura do Movimento Agroecológico. O próprio MACAC oferece oportunidades novas para as mulheres, como promotoras, facilitadoras e coordenadoras. Não obstante, ainda falta muito para alcançar a paridade de gênero. Vale lembrar que se trata de um Movimento ainda jovem. Assim como as pessoas, antes de correr, aprendem a caminhar, será a equidade real de gênero que permitirá limpar o caminho para nossa caminhada.

CAPÍTULO 7
Outros fatores para avançar rápido

• Políticas e programas promovidos pelo Estado • Outros programas da ANAP • Meios de comunicação • Vários aliados

Isto é 10 por cento agroecologia e
90 por cento agricultura familiar.
José Antonio Casimiro González
Campesino promotor
CCS "Rolando Reina", Sancti Spíritus

Programas nacionais

Devido à premissa de unidade que sustenta seu sistema político, uma especificidade cubana é a concepção da ANAP que considera aliados organizações e/ou instituições que pesquisam e promovem a agricultura sustentável em seu próprio contexto. Desde seu início, o Movimento Agroecológico beneficiou-se de um grupo de programas nacionais e de políticas do Estado que facilitaram sua rápida evolução, contribuindo significativamente para as conquistas alcançadas posteriormente. A seguir, uma lista destes programas:

- **Plano Turquino nas zonas montanhosas**. Começou justamente em 2 de junho de 1987, como programa estratégico que, além de servir ao desenvolvimento econômico, levou em conta sua interrelação com o desenvolvimento social, a elevação do nível de vida da população e a proteção ao meio ambiente, para interromper a migração das zonas rurais para as cidades.

- **Programa Nacional de Produção de Meios Biológicos**. Foi aprovado em 1988 para construir uma rede de Centros de Reprodução de Entomófagos e Entomopatógenos (CREE) nas áreas de produção agrícola, com a missão de produzir (ou reproduzir) organismos (bactérias, fungos, insetos) que quando liberados têm um comportamento eficiente como inimigos naturais ou biorreguladores de pragas.

- **Programa Nacional de Tração Animal**. Iniciou-se na década de 1990, com dois objetivos. Primeiro: reduzir os índices de sacrifício para incrementar a quantidade de animais de trabalho. E, segundo: fomentar a pesquisa e o desenvolvimento de implementos de tração animal, destinados inicialmente a substituir o déficit de tratores e, mais tarde, como elemento de potencialização e humanização do trabalho.

- **Programa Nacional de Produção de Matéria Orgânica**. Começou também no início dos anos 1990, com o objetivo de produzir adubos orgânicos como uma solução estratégica para o déficit de fertilizantes químicos e, também, como uma alternativa para melhorar e conservar os solos.

- **Movimento Fórum de Ciência e Técnica**. Surgiu em 1981, convocado pelos governos de cada instância. Seu objetivo era o fomento da inovação operária e camponesa e a generalização de resultados desde a base até o âmbito nacional. Para a ANAP, a realização do Fórum constituiu um excelente espaço para apresentar os resultados do Movimento Agroecológico e difundir as experiências relevantes em todo o país.

- **Programa Cultivo Popular de Arroz**. O arroz é um dos alimentos principais na dieta cubana. Como consequência da crise econômica dos anos 1990, surgiu de forma espontânea a produção popular de arroz, que consistiu em semear o cereal em pequenos lotes para garantir o consumo familiar e vender os excedentes de produção. Isso contribuiu também para a diversificação dos sistemas agrícolas. A ANAP definiu metas concretas para o programa em 2009: selecionar, capacitar e dotar dos meios indispensáveis 500 produtores que assegurem a semente que será utilizada nas áreas necessárias, a fim de produzir 400 mil toneladas de arroz de várzea.

- **Programa Nacional de Agricultura Urbana**. Começou em 1994 com o objetivo de produzir alimentos diversos, sadios e frescos, em áreas urbanas ou periurbanas, antes improdutivas. Incluiu o fomento de hábitos produtivos nos quintais e jardins das casas. Além disso, envolve todas as cooperativas que estão nas áreas periurbanas. O programa conta com 28 subprogramas destinados a assegurar a diversificação e a sustentabilidade (exemplo: adubação orgânica, sementes, hortaliças e temperos frescos, frutíferas, arroz etc.). Esta produção se realiza na base de práticas orgânicas, com um uso racional de recursos locais. Alguns de seus principias resultados são: a utilização de áreas ociosas, a criação de vagas permanentes para mais de 350 mil pessoas e o crescimento acelerado da produção de hortaliças, de 480 mil toneladas em 1994 para mais de 4,2 milhões de toneladas em 2006 (Orientações para os Subprogramas da Agricultura Urbana 2008-2010).

- **Programa Nacional de Melhoramento e Conservação de Solos**. Foi pensado com o objetivo de aplicar medidas de conservação de solos, assim como correções orgânicas para melhorar a fertilidade e desenvolver programas de capacitação para o pessoal responsável pela atividade nas unidades produtivas.

- **Programa Nacional de Luta contra a Desertificação e a Seca**. Criado na década de 1990, para desenvolver ações destinadas a lutar contra a desertificação e a mitigar os efeitos da seca. Responde à Convenção da ONU e forma parte da Estratégia Ambiental Nacional.

- **Programa Florestal Nacional. Apoia-se legalmente na Lei Florestal** e recebe o apoio financeiro do Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal (FONADEF), que assume os custos no que se refere à proteção e fomento de plantações florestais. Além disso, estimula com um bônus de 30%, adicional aos custos. Seu objetivo é apoiar o desenvolvimento florestal em todo o território nacional.

A política ambiental

A proteção ao meio ambiente é um preceito constitucional estabelecido na Carta Magna aprovada em 1976, que reforçou a política ambiental da Revolução e criou as bases para as importantes mudanças realizadas, fundamentalmente,

depois da participação de Cuba na Cúpula do Rio, em 1992. Em 1994 foi criado o Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Em 1997 foi elaborada e posta em prática a Estratégia Ambiental Nacional, com o objetivo de indicar as vias idôneas para preservar e desenvolver as conquistas ambientais da Revolução, assim como superar os erros e insuficiências detectadas e identificar os principais problemas do meio ambiente no país. Isso estabeleceu as bases para alcançar as metas de um desenvolvimento econômico e social sustentável. Naquele período foram promulgadas importantes leis para a proteção do meio ambiente em Cuba, como a Lei 81 de Proteção ao Meio Ambiente e outros decretos cujos preceitos, em conjunto, têm incidência favorável nos propósitos da Agroecologia.

Reflexão de um facilitador da província de Ciego de Ávila

A integração que o MACAC conseguiu com diferentes instituições que de alguma maneira trabalham pela sustentabilidade das produções agropecuárias, foi muito importante e teve como referência, principalmente como modelo metodológico, o delineado para este Movimento. Esta integração das associações, universidades, escolas de capacitação e pessoas responsáveis pelos programas de agricultura sustentável que se vincularam ao trabalho com os camponeses para apoiar e nutrir-se deles, foi um paradigma.

Redimensionamento e diversificação no setor da cana-de-açúcar

O fim do comércio com os países da Europa do Leste e os baixos preços do açúcar no mercado mundial propiciaram um processo de redimensionamento da monocultura da cana, que se iniciou em abril de 2002 e durou até dezembro de 2007. Foi denominado Tarefa *Álvaro Reinoso*, em homenagem ao sábio cubano. Durante este processo, em 2005, foram definidas missões para o Ministério do Açúcar (MINAZ), como segue:

1. Produção de cana que garanta o açúcar para satisfazer as necessidades do consumo nacional mais um excedente para cumprir compromissos.

2. Produção de alimentos de origem agropecuária que progressivamente elevem o nível e a qualidade de vida da população. Com o desenvolvimento dos programas agropecuários e florestais, a partir do processo de reestruturação, conseguir a ocupação total da área liberada de cana para propiciar a produção de tubérculos, hortaliças e temperos frescos, carne de vaca e de porco, e – com sua inserção nos programas de reflorestamento executados no país – o plantio de árvores frutíferas e madeiráveis.
3. Diversificação da produção para satisfazer as necessidades alimentares da população.

A entrega de terras em usufruto

A tendência mundial com relação à quantidade de agricultores diminui a cada dia. No entanto, o setor camponês cubano experimentou um aumento das pessoas que realizam atividades agrícolas nos últimos 20 anos, o que é resultado de uma política de Estado para entrega de terras ociosas em usufruto permanente e gratuito a pessoas naturais e jurídicas que tenham interesse e possibilidade de explorá-las. O objetivo primordial é incrementar a produção de alimentos e apoiar determinados cultivos de interesse econômico. Mas houve também resultados na solução de outros problemas atuais: há maior uso produtivo do solo como recurso natural, abriram-se inúmeros postos de trabalho, a tendência migratória para as cidades foi revertida, houve integração da família ao processo produtivo, assim como resgate de valores culturais. Tudo isso propicia a elevação dos índices de sustentabilidade da economia cubana e favorece a implantação da agricultura ecológica.

Outros programas da ANAP e de seus aliados

- **Conservação de grãos em silos metálicos.**

Devido à importância estratégica de conservar as sementes e considerando a tradição camponesa de produzir e conservar sua semente, a ANAP criou um programa para a conservação de grãos em silos metálicos, que se estendeu com rapidez entre os produtores, devido a sua efetividade e baixos custos. Atualmente, o setor tem trinta e cinco oficinas de fabricação artesanal de silos metálicos nas próprias cooperativas, tendo sido produzidos 10.610 unidades com uma capacidade de armazenagem de 8.516 t de grãos. Atualmente, trabalha-se para ampliar a quantidade de oficinas em todas as províncias do país.

- **Conservação de alimentos por métodos artesanais.**

A ANAP desenvolve também um projeto de conservação e transformação de alimentos por métodos artesanais. Representa um resgate da tradição camponesa que fortalece a segurança alimentar, na base de recursos locais.

- **Programa de Melhoramento Participativo de Plantas (MPP).**

É desenvolvido pelo Instituto Nacional de Ciências Agrícolas (INCA) e trabalha com organizações de base da ANAP de diferentes regiões do país. Este programa promove o desenvolvimento comunitário endógeno, por meio da participação e protagonismo dos camponeses na seleção, multiplicação, intercâmbio e conservação de variedades de plantas, o que contribui para resgate de variedades tradicionais e adaptadas às diferentes regiões do país. Esta tarefa dos agricultores torna-se possível mediante vários instrumentos pedagógicos, entre eles as Feiras de Agrobiodiversidade.

Aproveitar os meios de comunicação

Os meios de comunicação locais e nacionais de Cuba (rádio e televisão) desempenharam um importante papel na divulgação da agroecologia. Durante o ano de 2008 foram transmitidos em todo o país 14.292 programas radiofônicos camponeses e 491 programas de televisão foram gravados em cooperativas. Ambos os espaços são aproveitados pelo MACAC para divulgar suas atividades, as melhores experiências camponesas e entrevistas com promotores destacados, por exemplo.

Quanto à imprensa, em primeiro lugar deve-se mencionar o órgão de divulgação da organização, a Revista ANAP, distribuída em todas as organizações de base e debatida nas assembleias gerais de associados. Este material é um excelente meio para divulgar as atividades do Movimento e promover as experiências de sucesso. Destaca-se, também, o papel dos demais órgãos de imprensa nacionais e provinciais, pois regularmente publicam experiências no campo da agricultura sustentável.

No entanto, é preciso dizer que o aproveitamento deste potencial de divulgação não é uniforme em todas as províncias, pois depende em parte da iniciativa de cada lugar.

Diversos aliados

Como foi possível verificar, existe a percepção generalizada de que as relações de trabalho com os ministérios e instituições diretamente

Imprensa

EJÉRCITO DEFENSOR DE LAS PLA[...]
Y DEL MEDIO AMBIENTE

AGROECOLOGÍA:
Una ventana a la producción agrícola [...]

Por: Ramon Ávalos Rodríguez
Fotos: Roberto Busto

O papel da imprensa no Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês é de grande importância, pois é o canal para divulgar resultados, expor reflexões e emitir opiniões.

Em meu trabalho jornalístico tive a possibilidade de entrevistar produtores que conseguiram aumentos em seus rendimentos a partir de técnicas como a minhocultura, a elaboração de composto e o cultivo de plantas como *Mucuna pruriens* (mucuna) – considerado uma adubação verde –, e outras técnicas destinadas a combater pragas.

Atualmente, a partir das demandas por aumento da produção de alimentos, fica muito difícil falar das tarefas que se levam a cabo com este objetivo sem fazer referência à aplicação dos meios agroecológicos.

Amado Rodríguez López
Jornalista convidado para a Oficina de Sistematização
Ciego de Ávila

relacionados aos propósitos do Movimento Agroecológico constituem uma fortaleza.

A seguir, uma lista desses órgãos e instituições:

1. *Ministério da Agricultura (MINAG).*
- Diretoria de Solos.
- Diretoria de Saúde Vegetal.

2. *Ministério do Açúcar (MINAZ).*

3. *Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (CITMA).*

4. *Associação Cubana de Técnicos Agrícolas e Florestais (ACTAF).*

5. *Associação Cubana de Produção Animal (ACPA).*

6. Universidades.

7. Fundação da Natureza e do Homem Antonio Núñez Jiménez.

8. Movimento de Agricultura Urbana.

9. Diversos institutos de pesquisa e suas dependências em cada província:

- Instituto de Investigações de Pastos e Forragens (IIPF).
- Instituto de Pesquisas de Mecanização Agrícola (IIMA).
- Instituto de Pesquisas Fundamentais da Agricultura Tropical (INIFAT).
- Instituto de Solos (IS).
- Instituto de Tubérculos Tropicais (INIVIT na sigla em espanhol).
- Instituto de Pesquisas de Sanidade Vegetal (INISAV).
- Instituto de Pesquisas de Irrigação e Drenagem (IIRD).
- Instituto Nacional de Ciências Agrícolas (INCA).
- Instituto de Ciência Animal (ICA).
- Instituto Nacional de Pesquisas da Cana-de-Açúcar (INICA).

Em síntese, uma parte do êxito do MACAC em Cuba reside em que a ANAP soube construir uma política de alianças. Pôde aproveitar e influenciar políticas e programas promovidos pelo Estado, e trabalhar com uma variedade de atores externos, sem jamais abrir mão do protagonismo do campesinato. Além disso, mantém e criou outros programas, com efeitos sinergéticos, dentro da própria organização.

Por último, cabe mencionar que soube explorar de maneira eficaz as possibilidades multiplicadoras dos meios de comunicação.

CAPÍTULO 8

Conclusões: “a terra está ali, não há outro remédio senão fazê-la produzir”

> *A terra está aí, aqui estão os cubanos, veremos se trabalharemos ou não, se produziremos ou não, se cumpriremos ou não nossa palavra! Não é questão de gritar Pátria ou Morte, abaixo o imperialismo, o bloqueio nos golpeia, e a terra aí, esperando por nosso suor. Apesar de que os calores estão cada vez maiores, não há outro remédio senão fazê-la produzir….*
> *…Cada vez que falamos do assunto, aparecem os funcionários do Ministério de Agricultura… com uma lista interminável de milhões de pesos ou divisas solicitados para a tarefa a realizar.*
> *E se não aparece um saquinho plástico, não se pode plantar. Não sei com que diabos nossos avós plantavam as árvores, e aí estão, e aqui estamos nós, comendo as mangas que eles plantaram….*
>
> **Raúl Castro Ruz**, presidente de Cuba,
> em 26 de julho de 2009.

A solução está em nossas mãos

Ao finalizar este trabalho de sistematização de uma década do programa Camponês a Camponês em Cuba, está claro para nós, autores, que Cuba já tem em suas mãos a resposta para o problema da alimentação. Comparada com o custo dos insumos importados e a instabilidade dos índices de produção da agricultura convencional de monocultura – estilo Revolução Verde –,

a produção camponesa de alimentos por meio de sistemas com alto grado de integração agroecológica é:

Muito mais frutífera por hectare, por trabalhador e por quantidade de investimento econômico, sobretudo em divisas.

Mais estável, pois apresenta maior resistência aos embates das mudanças climáticas – sobretudo às secas e aos furacões –, e uma recuperação mais rápida e completa dos danos sofridos.

Mais resistente aos embates econômicos e políticos: na medida em que não depende de insumos importados, a produção não é afetada pelo bloqueio nem pelas altas e baixas provocadas pela flutuação do preço do petróleo.

Além disso, não atenta contra a saúde humana nem contra o meio ambiente, nem com agrotóxicos nem com transgênicos. Pelo contrário, produz alimentos sadios, em harmonia com a natureza.

Por outro lado, o MACAC é um movimento de massas em pleno auge, como demonstram as cifras e gráficos apresentados no capítulo 5 deste livro, com mais de 100 mil famílias incorporadas e um setor camponês cada vez mais interessado na agroecologia, como mostra a Tabela 8.1, onde aparece a quantidade de atividades realizadas só em 2008.

Tabela 8.1 Atividades realizadas pelo Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês (MACAC) em 2008.

Atividades	Quantidade	Participantes
Diagnóstico de cooperativas (Método de Banes)	3.035	190.940
Diagnóstico rápido participativo de estabelecimentos rurais (DRP)	19.650	110.124
Oficinas para o desenvolvimento de tecnologias agroecológicas	8.650	121.100
Oficinas metodológicas	3.922	47.064
Assembleias mensais com análise de projeção agroecológica	21.233	1.816.317
Atividades pelo Dia da Agroecologia (21 de setembro)	3.700	92.500
Encontros municipais de promotores e facilitadores	262	9.171
Encontros provinciais	14	980
Total de atividades	60.455	2.388.196

Fonte: Compêndio de Informações do Movimento Agroecológico. ANAP.

A soberania alimentar é urgente

Dados os altos – e voláteis – preços dos alimentos no mercado internacional e o bloqueio econômico estadunidense, parece cada vez mais óbvio que Cuba tem que transitar para a autossuficiência. Como disse Raúl Castro em 26 de julho deste ano (2009), "é um assunto de segurança nacional produzir os produtos que dão neste país, e com os quais gastamos bilhões de dólares, e não exagero, trazendo-os de outros países".

Em outras palavras, para sobreviver, Cuba deve alcançar sua soberania alimentar. Mas sua produção não será soberana nem segura se depender de volumes e valores crescentes de insumos importados. E é por isso que a agroecologia tem uma resposta a oferecer, quando situa a verdadeira soberania alimentar ao alcance do povo e de seu país.

Experiências e lições a considerar

As experiências obtidas ao aplicar-se a metodologia de Camponês a Camponês em Cuba possibilitaram definir alguns princípios e lições. Vale a pena considerá-los, tanto na continuidade do processo em Cuba, como em outras realidades. A seguir, uma lista:

- Partir das necessidades sentidas pelos agricultores.
- Integrar o programa a outras ações ou interesses que respondam a objetivos similares e que estejam presentes na comunidade, na região ou no país.
- Articular as ações com outros atores interessados e considerá-los aliados. É de primordial interesse continuar utilizando a metodologia de Camponês a Camponês.
- Trabalhar os programas com base nos recursos disponíveis em cada lugar, tanto humanos como materiais, a fim de reduzir, na medida do possível, a dependência de recursos e atores externos. Esta é a principal forma de garantir a sustentabilidade. Para isso, é também imprescindível que a organização determine e planeje os recursos necessários, assim como as fontes e formas de obtenção.
- Começar pelas soluções mais simples: deixar o mais complexo e caro para depois.
- Avançar gradual e diferenciadamente, segundo as necessidades e as possibilidades de cada família, de cada cooperativa e/ou de cada comunidade.
- Resgatar, valorizar, reconhecer e promover o conhecimento local, buscando harmonizá-lo com o conhecimento científico-técnico.

- Respeitar a cultura e os costumes da família e da localidade.
- Considerar a família o centro e o objetivo principal do processo de implantação, assim como a importância de que esteja vivendo na roça.
- Promover e dar espaço ao protagonismo camponês, para propiciar constantemente a apropriação dos resultados por parte do campesinato e demais atores.
- Atuar em favor de relações de gênero equitativas, o que coloca a necessidade de promover uma maior participação da mulher na agroecologia, utilizando esta última para melhorar a situação da mulher.
- Assegurar a horizontalidade nas relações dos diferentes atores e conjugar elementos horizontais e verticais no trabalho de facilitação, assim como na transmissão do conhecimento e das melhores experiências. Em todo momento, o protagonismo camponês deve ser preservado.
- Evitar desde o começo do processo o desequilíbrio entre o tecnológico, que tende a avançar mais rapidamente, e o metodológico, que inicialmente tende a ficar para trás.
- Identificar os líderes locais, para dar-lhes formação metodológica e agroecológica.
- Evitar a geração de problemas por protagonismos indevidos. Por exemplo, que determinados camponeses transformem-se em técnicos com atitudes de donos da verdade e que alguns estabelecimentos se convertam em vitrines de exibição para todos e em todo momento.

- Selecionar o pessoal de facilitação e coordenação por sua vocação e capacidades no âmbito de dinâmicas sociais sendo, de preferência, da própria cooperativa, comunidade ou município.
- Aproveitar as relações naturais e informais existentes na comunidade (líderes, vocações afins, pontos de reunião, afluxos de população, estruturas de base históricas), para organizar a estrutura de promoção e a capacitação na base.
- Valer-se das estruturas de base. A participação e o apoio de seus dirigentes é imprescindível.
- Adquirir o conhecimento teórico e desenvolvê-lo na prática, o que torna efetivo o processo por meio de dois enfoques: aprender fazendo e ação – reflexão – ação melhorada.
- Ensinar com o exemplo do próprio resultado e mediante técnicas agroecológicas amenas, harmoniosas e compreensíveis, propiciadas pelos próprios componentes da metodologia de CAC.
- Tirar o menos possível o promotor de seu contexto promocional (sua roça).
- Evitar que os promotores se desgastem com papéis, gráficos, relatórios, estatísticas desnecessárias e tudo o que possa desestimulá-lo.
- É indispensável desenvolver ações de planejamento, monitoramento e avaliação, com caráter participativo.

Até agora, o que dificultara o avanço da agroecologia como opção viável para lograr a soberania e a segurança alimentar, fôra a dificuldade de disseminar um modo de fazer as coisas aplicando princípios (e não receitas), que seriam utilizados segundo a realidade e os recursos locais específicos de cada lugar.

A questão era, precisamente, enfrentar o problema com metodologias convencionais de extensionismo verticalista. Métodos nos quais o técnico (que geralmente conhece pouco a realidade local) é o dono da verdade, com pacotes já prontos dos insumos que recomenda. Esses métodos impedem o processo inovador e criativo das famílias camponesas, que são – e deveriam ser em todo momento – as verdadeiras conhecedoras e artífices de sua própria realidade. Esse problema foi superado, em Cuba, graças à metodologia de Camponês a Camponês.

Mas a ilha foi além, transformando o CAC em um movimento de massas, respaldado pela estrutura organizativa da ANAP. Assim, pois, a massa camponesa do país já detém instrumentos e habilidades para a construção e o intercâmbio coletivo do conhecimento, assim como para a apropriação e transformação de sua realidade, em processos verdadeiramente Freireanos. Isto é, o camponês e a camponesa cubanos já estão no processo de armar-se com o que é necessário para cumprir o dever revolucionário de alimentar seu povo.

Esta preparação do campesinato cubano foi possível graças a uma combinação da metodologia compartilhada com a América Central (CAC) e as inovações nela introduzidas em Cuba, assim como também graças às vantagens particulares que se têm em Cuba devido a sua posição política. Como disse em sua reflexão um quadro da ANAP, durante uma oficina realizada na província de Granma:

> "Outra reflexão importante e que, ainda que cotidiana, é preciso comentar, é a existência de uma Lei de Reforma Agrária em Cuba. A distribuição da terra, o fato de que o camponês seja o dono de sua terra, o faz pensar em melhorá-la. Que os camponeses e a cooperativa sejam donos da terra e dos meios, é algo que facilita o processo.
>
> Outra questão é a tradição camponesa. Há conhecimentos, hábitos e práticas tradicionais de produção que existiam antes deste Movimento; isto tem facilitado o êxito e a funcionalidade da metodologia.
>
> É importante destacar que as condições de Cuba facilitaram que o Movimento pegasse. Não foi assim em outros países. Às vezes

os camponeses de outros países têm que comer a semente. Aqui o camponês não está desprotegido: transitou de uma agricultura convencional para a agroecológica sem nenhum problema, devido ao apoio do Estado."

Projeções futuras do MACAC em Cuba

As transformações operadas na agricultura camponesa cubana durante as últimas duas décadas, assim como os acordos adotados pelos Encontros MACAC, o acompanhamento do Grupo de Trabalho, e as estratégias e linhas traçadas pela ANAP, fundamentam a projeção futura do MACAC em Cuba, sendo suas principais diretrizes:

- Continuar o processo de incorporação das famílias camponesas ao MACAC, com atenção às novas famílias que se incorporam à atividade agrícola. Fazer o mesmo com as CPA e, ao mesmo tempo, influir em todos os atores que incidem nas UBPC.
- Continuar fortalecendo a metodologia de CAC, conjugando as atividades, os métodos e papéis dos atores do MACAC e da ANAP, para consolidar a variante metodológica cubana. Dar atenção especial a metodologias para as CPA e que possam servir às UBPC.
- Consolidar o propósito de que a agroecologia seja o fator decisivo para alcançar aumentos da produção que garantam a segurança e a soberania alimentar do país.
- Continuar avançando nos propósitos de conservação e uso racional dos recursos naturais dos agroecossistemas.
- Manter o propósito de contínua elevação dos índices de produção total nos sistemas de produção, para recapitalizar as economias agrícolas com enfoque na sustentabilidade. Fazer isso utilizando os conceitos de: diversificação, integração agroecológica, redução de custos, eficiência da força de trabalho, qualidade, valor agregado, e funcionalidade.
- Aperfeiçoar o trabalho de divulgação e publicação do conteúdo do Movimento, fazendo um uso mais amplo dos meios de comunicação de massa, inclusive dos digitais. Sistematizar a coleta de dados econômicos e produtivos desagregados por setores e modelos de produção. Atender à publicação de resultados, estudos de caso, experiências na implantação de tecnologias.

- A partir de interesses mútuos, estreitar os intercâmbios de experiências e ações de capacitação e cooperação com organizações camponesas, de mulheres do campo e de povos indígenas de outros países, articulados na Via Campesina.
- Lograr uma integração maior no eixo transversal de gênero do MACAC com a Estratégia de Gênero que a ANAP desenvolve, a fim de motivar e melhorar a participação de mulheres como atoras do Movimento.
- Instituir o MACAC como suporte científico-técnico-metodológico do desenvolvimento sustentável no setor cooperativo e camponês, por meio de:
- Maior consolidação do trabalho com instituições científicas, universidades e ministérios.
- Reforço dos encontros e espaços de debate sobre as experiências no desenvolvimento da agricultura.
- Reorientar a requalificação da força técnica do setor, voltando-a para a sustentabilidade, a agroecologia e a metodologia CAC.
- Dar maior atenção técnica e fundamentação científica e econômica a um grupo de tecnologias agroecológicas, mediante estudos conjuntos com outras instituições e elaborar programas de promoção e de sistematização com base nos mesmos.

Àqueles que não ainda não acreditam na agroecologia...

Parece paradoxal que no mundo atual, pressionado por um consumismo ilimitado, gerador de uma crise sistêmica que afeta todos os países, sejam muitos os que ainda não acreditem em alternativas sustentáveis como a agroecologia e apostem em continuar com a variante agrícola do insumismo.

É preocupante que muitas destas pessoas ocupem responsabilidades públicas e optem pelas decisões aparentemente mais fáceis. Oxalá a sucinta lista de argumentos, a seguir, leve-os, pelo menos, a refletir:

- O contexto ambiental atual caracteriza-se pela nítida influência das mudanças climáticas, com a incidência cada vez mais frequente de desastres naturais e desequilíbrios nos agroecossistemas. Os sistemas agroecológicos resistem melhor e são muito mais resilientes aos embates das mudanças climáticas.
- O esgotamento dos recursos naturais, em geral, e a degradação dos solos, que afeta 70% da superfície agrícola cubana, exigem mudanças nos

A agricultura urbana é uma importante aliada do Movimento.

modelos de produção. Só a agroecologia é capaz de restaurar a fertilidade dos solos degradados.

- Estão comprovados os efeitos danosos dos agroquímicos para a saúde. E a sociedade tem cada vez tem mais conhecimento disso e demanda alimentos mais limpos. A agroecologia não utiliza agrotóxicos.
- O aumento do preço dos alimentos no mercado internacional, assim como o dos insumos e outros meios imprescindíveis para o desenvolvimento da agricultura convencional, obrigam a considerar a alternativa de um modelo agrícola menos dependente. Devido ao brutal bloqueio econômico imposto a Cuba, as condições adicionalmente difíceis para a economia e a agricultura cubanas, assim como a perene ameaça de piora das mesmas, propõem maiores desafios em matéria de sustentabilidade. A agroecologia não depende de importações. É soberana.

Asociación de cultivos. Provincia Habana.

- Mesmo sob condições econômicas e climatológicas adversas, os camponeses cubanos que se basearam na agroecologia apresentam hoje os maiores índices de produtividade e de sustentabilidade do país, demonstrados nos gráficos apresentados no capítulo 5. A agroecologia produz mais com menos (divisas, insumos, investimentos).

Tomadores de decisões: um chamado à reflexão

A despeito dos problemas existentes e dos resultados demonstrados pela agroecologia, muitos quadros cubanos responsáveis pela tomada de decisões continuam apostando no sistema de agricultura de altos insumos. Isso, mesmo apesar do próprio presidente ter posto o dedo na ferida, como se viu na citação que inicia este capítulo.

Nas oficinas que realizamos com a base camponesa da ANAP por todo o país, os produtores disseram mais de uma vez que as principais ameaças que enfrentam são, por um lado, a dificuldade de convencer os tomadores de decisões – alguns dos quais continuam sonhando com uma agricultura estilo industrial, grande consumidora de insumos, dependente, cara e destrutiva– e, por outro, as esporádicas importações de agrotóxicos e a promoção de pacotes tecnológicos.

Cremos que é hora de refletir profundamente sobre os diferentes modelos de produção que temos ao alcance da mão.

Contribuição para a batalha de ideias e com outros países

Com este modesto trabalho de resumo das experiências do Movimento Agroecológico de Camponês a Camponês em Cuba, esperamos contribuir com a reflexão e a batalha de ideias na ilha, e também com as outras organizações camponesas e indígenas que compõem a Via Campesina Internacional em todo o mundo. Elas também estão envolvidas na luta por (re)apropriar-se de seus sistemas produtivos e transformá-los. Esperamos que esta sistematização lhes sirva de fonte de ideias e de inspiração: a inspiração da revolução agroecológica forjada por um povo camponês que resiste ao imperialismo e produz para seu povo aquilo de que o povo necessita.

Globalizemos a luta!

Globalizemos a esperança!

Palavra de ordem da Via Campesina